

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

ALAN PEREIRA RIBEIRO

**TRABALHO SEXUAL DE HOMENS EM ESPAÇOS DE RELACIONAMENTO ON-
LINE NA CIDADE DE CAMPO GRANDE-MS**

CAMPO GRANDE – MS

2023

ALAN PEREIRA RIBEIRO

**TRABALHO SEXUAL DE HOMENS EM ESPAÇOS DE RELACIONAMENTO ON-
LINE NA CIDADE DE CAMPO GRANDE-MS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme R. Passamani

CAMPO GRANDE – MS

2023

**TRABALHO SEXUAL DE HOMENS EM ESPAÇOS DE RELACIONAMENTO ON-
LINE NA CIDADE DE CAMPO GRANDE-MS**

Dissertação de Mestrado submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Presidente da Banca:

Prof. Dr. Guilherme Rodrigues Passamani

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Asher Grochowalski Brum Pereira

Prof. Dr. Marcelo Victor da Rosa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à família Ribeiro e, em especial, à Lucia Lucina, minha querida e admirável mãe, Isnardim Ribeiro, exemplo de pai e de ser humano honrável. E meus irmãos Alex, Aleandro (in memoriam) e Janaina pela força de todas as horas. Minha companheira, que tanto admiro e amo, Amanda Yumi. Meu orientador, Dr. Guilherme R. Passamani, pela amizade, confiança, incentivo e aprendizado depositado em mim ao longo do Mestrado. Para cada interlocutor meu, por compartilhar comigo suas experiências nos mercados do sexo em Campo Grande (MS), pela confiança e reciprocidade.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus interlocutores e a todos os colaboradores que, de certa forma, contribuíram para o resultado dessa pesquisa. Ao ter disponibilizado tempo e paciências para compartilhar comigo memórias, histórias, projetos, perspectivas e aventuras nas tramas e contextos do trabalho sexual em Campo Grande (MS).

A Guilherme Rodrigues Passamani, meu orientador, pela generosa e amistosa colaboração e motivação durante todo o processo de escrita dessa Dissertação. Mesmo não tendo palavras para expressar o quanto seus incentivos e presença têm sido importantes durante todos esses anos, ao confiar em meu potencial, desde a graduação em Ciências Sociais (UFMS). Sem ele, dificilmente, romperia os obstáculos colocados pelos imponderáveis da vida. Obrigado, mais uma vez, pelas nossas conversas, sugestões e constantes cobranças. Obrigado por me apresentar esse tema de pesquisa que se revelou tão instigante e desafiador. Saiba que o seu apoio e orientação foram de um valor inestimável. Exemplo de pesquisador engajado com a produção científica de qualidade.

Aos professores, professoras e alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Cidade Universitária, e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Câmpus de Aquidauana, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que, de modo significativo, contribuíram para a minha formação. Em especial aos Professores Dr. Asher Grochowalski Brum Pereira e Dr. Marcelo Victor da Rosa que gentilmente aceitaram compor a banca de qualificação e de defesa. Obrigado pelas mais sinceras e enriquecedoras contribuições depositadas ao trabalho.

Aos meus familiares que, apesar das minhas ausências e angústias, sempre estiveram juntos e acreditaram no meu potencial, em especial, à minha mãe ao ensinar-me sempre correr atrás dos sonhos que almejei, pelo carinho sem medida e palavras de incentivo. Sempre afirmou que as vitórias são conquistadas com muito sacrifício e determinação. Ao meu pai, por sempre me incentivar, pelas demonstrações de afeto. Sempre apoiaram incondicionalmente, por mais difíceis que pareciam ser, as minhas escolhas. Obrigado, Mamãe e Papai, por terem vencido e superado as complicações da Covid-19, de estarem aqui e de vibrarem com mais essa vitória. Aos meus sobrinhos Eloisa Ribeiro, Letícia Ribeiro e Rafael Ribeiro, às minhas avós Leobina Francisca Ribeiro e Tereza Vieira de Souza, ao meu avô Francisco Pereira (*in memoriam*), à tia Mirian de Souza Ferreira, tio José Amilton Miranda Ferreira, prima Cristiane Ap. Miranda de Souza, primo Anderson Miranda, primo Fabiano Miranda e prima Fernanda Miranda.

Agradeço a minha companheira, Amanda Yumi, pelos afetos e amor incondicional depositados em mim, pelo carinho, cuidado e palavras de incentivo. A perseverança para eu concluir esse mestrado, em muito, teve você como luz.

Não poderia deixar de agradecer à família Paimel, em especial, a minha amiga Fernanda Paimel, sem a qual minha trajetória acadêmica não seria a mesma. Amizade esse que resultou em discussões e diálogos espontâneos e interessantes sobre os mais variados temas.

Agradeço, ainda, aos meus amigos de infância que ainda não mencionei, mas que sempre vibraram com as minhas conquistas, estiveram comigo e me deram apoio incondicional, Luan Santhiago, Luiz Felipe Dias Gomes, Otávio Junior Laranjeiras e Wellington Bispo.

Meu mais sincero obrigado.

Alan Pereira Ribeiro.

Sentimento que não espairo; pois eu mesmo nem acerto com o mote disso — o que queria e o que não queria, estória sem final. O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito — por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia... (João Guimarães Rosa - Grande Sertão: Veredas)

RESUMO

O mercado do trabalho sexual de homens no Brasil, apesar de incipiente, apresenta inúmeras possibilidades investigativas no que concerne aos estudos sobre gênero, sexualidade, universo on-line e antropologia. Nessa perspectiva, a presente dissertação pretendeu compreender o trabalho sexual de homens em espaços de relacionamento on-line na cidade de Campo Grande (MS). Do ponto de vista metodológico, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de viés etnográfico, com base nas observações on-line, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e reflexões bibliográficas. Constituiu-se, assim, como campo de análise a compreensão das dinâmicas, trânsitos, relações e práticas que envolvem o trabalho sexual de homens a partir de aplicativos de *smartphones* e sites de anúncios que agenciam ou oferecem serviços sexuais. Entre as análises produzidas, está a reflexão sobre as estratégias adotadas pelos interlocutores para a produção dos perfis e à “conquista” de potenciais clientes quando da oferta de serviços sexuais comercializados nesses espaços on-line; os principais regimes de visibilidade, trânsitos, circulação, mobilidade e desejos adotadas; a representatividade do corpo como objetificação de símbolos e valores no mercado do sexo nos espaços on-line; e como essas práticas produzem, reproduzem e tensionam determinados marcadores sociais. Além disso, cabe ressaltar, o trabalho sexual é percebido por parte dos interlocutores enquanto um trabalho, mesmo este sendo visto enquanto marginal e estigmatizado no meio social.

Palavras-chave: trabalho sexual; economias sexuais; sexualidade e gênero.

ABSTRACT

The male sex work market in Brazil, despite being incipient, presents countless investigative possibilities regarding studies on gender, sexuality, the online universe and anthropology. From this perspective, this dissertation aimed to understand the sexual work of men in online dating spaces in the city of Campo Grande (MS). From a methodological point of view, qualitative research with an ethnographic bias was developed, based on online observations, informal conversations, semi-structured interviews and bibliographical reflections. Thus, understanding the dynamics, movements, relationships and practices that involve men's sexual work based on smartphone applications and advertising websites that arrange or offer sexual services was constituted as a field of analysis. Among the analyzes produced is reflection on the strategies adopted by interlocutors to produce profiles and “conquer” potential clients when offering sexual services sold in these online spaces; the main regimes of visibility, traffic, circulation, mobility and desires adopted; the representation of the body as an objectification of symbols and values in the sex market in online spaces; and how these practices produce, reproduce and tension certain social markers. Furthermore, it is worth highlighting that sex work is perceived by interlocutors as work, even though it is seen as marginal and stigmatized in the social environment.

Keywords: sex work; sexual economies; sexuality and gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Publicação de evento realizada pelo interlocutor em sua rede social Instagram	88
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Entre textos, contextos e o cenário da pesquisa	12
Entre procedimentos metodológicos, negociações e o campo da pesquisa	20
Etnografando o/no on-line	25
Apresentação dos “principais” interlocutores da pesquisa	27
Organização dos Capítulos	31
CAPÍTULO I	33
TRABALHADORES DO SEXO NAS TRAMAS DO ON-LINE, SITES E APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO	33
1.1. Entre sites, aplicativos e a montagem dos perfis.....	33
1.2. Entre as “esquinas” do ponto.com, os trabalhadores do sexo se encontram	39
1.3. Os aplicativos de relacionamento e o trabalho sexual.....	53
CAPÍTULO II	62
MERCADO, MOBILIDADES E EXPERIÊNCIAS NA PERSPECTIVA DOS TRABALHADORES DO SEXO A PARTIR DO ON-LINE	62
2.1 O mercado do sexo em Campo Grande-MS.....	62
2.2 Entre cenas e contatos: a precificação do encontro.....	72
2.3 Desejos, trânsitos e mobilidades na prática do trabalhador do sexo	78
2.4 Intercâmbios, trânsitos e mobilidades	92
CAPÍTULO III	107
“EU DANÇO A MÚSICA QUE O CLIENTE TOCAR”: ENTRE EXPERIÊNCIAS, CENAS E O TRABALHO SEXUAL	107
3.1. Trabalho sexual enquanto trabalho.....	107
3.2. Entre cenas, o trabalho sexual e as experiências dos interlocutores.....	119
3.3. Realizações, projetos e investimentos a partir do trabalho sexual.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

Entre textos, contextos e o cenário da pesquisa

A presente dissertação analisa o trabalho sexual de homens a partir dos espaços de relacionamento on-line, como sites e aplicativos de mensagens instantâneas. Espaços esses utilizados como meio de estabelecer contatos, interações e comunicação. A cidade de Campo Grande (MS) tornou-se território propício ao desenvolvimento da pesquisa tendo em vista a existência de um número significativo de homens com anúncios publicados nos classificados de serviços sexuais. Sem contar, ainda, a relevância econômica e cultural que a capital sul-mato-grossense tem adquirido nos últimos anos no cenário regional. Ademais, a pesquisa se fez necessário diante da ausência de produção científica que abordasse o trabalho sexual de homens nos ambientes on-line em Campo Grande (MS)¹.

Os estudos sobre trabalho sexual de homens mediado pelos ambientes on-line têm se revelado cada vez mais necessários para a compreensão das dinâmicas, estratégias de visibilidade e modos de constituição e representação dos sujeitos nos mercados do sexo. Ao longo das últimas décadas, ainda que haja uma produção em diferentes áreas sobre a temática, ela está longe de alcançar uma visibilidade consistente na área das Ciências Sociais e no campo dos estudos de gênero e sexualidade. Desse modo, as análises aqui desenvolvidas foram situadas em diálogo com a produção socioantropológica produzidas nos últimos anos sobre gênero, sexualidade, trabalho sexual e marcadores sociais da diferença².

Normando José Queiroz Viana (2004, p. 307) compreende que a prostituição masculina nunca adquiriu tamanho protagonismo, uma vez que sempre foi dissociada do gênero

¹ Entre os poucos trabalhos publicados sobre a prostituição exercida por homens em Campo Grande (MS), destaca-se a pesquisa desenvolvida por Guilherme Rodrigues Passamani, Marcelo Victor da Rosa e Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes (2019, 2020a, 2020b). Ainda, conforme verificado pelos autores (2019) e Victor Hugo de Souza Barreto (2019), boa parte das pesquisas desenvolvidas sobre prostituição masculina no Brasil estão localizadas nas regiões Sudeste e Nordeste. Para Wellington de Jesus (2021, p. 17), ainda que essas regiões concentrem o maior número de trabalhos sobre a temática, nem sempre espelham “[...] as especificidades e particularidades das demais regiões do país. Quando falamos da região nordeste, observamos trabalhos nas cidades de Salvador e Recife, Natal e Fortaleza. Dessa forma, não retratando as particularidades dos demais estados da região. Quase sempre esses estudos trazem sempre a questão financeira como principal motivo de inserção dos garotos de programa na prostituição, não levando em consideração outros elementos que também possibilitam o entrar no mundo da prostituição”.

² Marcadores sociais da diferença serão pensados aqui da mesma forma que Alexandre Paulino Vega (2008) utilizou em sua dissertação de mestrado intitulada: “Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo”. O autor considera que “raça/cor, orientação sexual, gênero, classe social são operados através do estilo de maneira que podem produzir (ou reproduzir) desigualdades ou maneiras democráticas de representação de uma *identidade*” (p. 54, grifo do autor). Nesse contexto, marcadores são articulados e estabelecem pontos de desigualdades, diferenças, distanciamentos ou afinidades e aproximações entre os sujeitos.

masculino. Ou seja, “[...] o homem foi por muito tempo desapropriado desse lugar; o que não quer dizer que ele não tenha existido de fato e apresentado uma série de peculiaridades inerentes à geografia local e relacional comum aos seus anunciantes”.

Cabe ressaltar que, em grande medida, as pesquisas sobre homens que fazem trabalho sexual quase sempre buscaram compreender os meandros daquilo que comumente se denominou de “prostituição masculina” realizada pelos “acompanhantes”, “boys”, “garotos de programa” ou “michês” no contexto urbano. No Brasil, foi somente nos últimos vinte anos que algumas pesquisas passaram a contribuir para suprir essa lacuna, porém, em grande medida, parte delas seguem concentradas nos principais centros urbanos³.

Para além da carência científica, as motivações para o desenvolvimento dessa pesquisa estão atreladas ao meu próprio envolvimento com o campo dos estudos de gênero e sexualidade, estabelecido desde a primeira graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e concluído no ano de 2013. Me recorro de sempre estar envolvido em projetos de ensino, pesquisa e extensão que abordavam cinema, educação, gênero e sexualidade numa perspectiva multifacetada e interseccional.

Além de participar de inúmeros eventos científicos nessa mesma área, com a publicação de trabalhos, capítulos de livro, na minha segunda graduação em Direito pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) busquei contribuir com o debate sobre “A criminalização da LGBTfobia enquanto estratégia de política-criminal no Brasil”. Além disso, desde a graduação em Ciências Sociais os diálogos e orientações que sempre estabeleci com o hoje, e naquela época, meu orientador, Professor Guilherme Passamani, foram e continuam a ser inspiradores e fonte de crescimento intelectual.

Tanto é que, em meados do final do segundo semestre de 2020, quando eu acabava de me mudar para Campo Grande (MS), diante da necessidade de assumir um concurso público na área da educação, numa das conversas que estabeleci com o Professor Passamani surgiu a sugestão de propor uma pesquisa a nível de mestrado sobre homens no mercado do sexo remunerado que utilizam sites e aplicativos de relacionamento on-line para a prática do trabalho sexual em Campo Grande (MS). Assim, diante da trajetória estabelecida desde então nessa área, fui motivado a compreender como o mercado do sexo remunerado, a partir do on-line, poderia se constituir na capital sul-mato-grossense.

³ Podemos considerar as pesquisas de Lima (2006), Alcântara (2009), Souza Neto (2009), Saldanha (2010), Viana (2010), Ferreira (2011), Barreto (2012), Silva Junior (2012), Lourdes dos Santos (2013), Abreu (2014), Burbulhan (2014), Radde (2014), Kerry dos Santos (2016), Wellington de Jesus (2021), entre outras.

Portanto, foi a partir dessa percepção que iniciei o Mestrado, isto é, com a pretensão de compreender a atuação de homens que fazem trabalho sexual, a partir dos espaços on-line de relacionamento, numa região que apesar de distante dos grandes centros urbanos estabelece nuances, conexões e proximidades com o modo de exercer o trabalho sexual percebidos nesses e em outros lugares. Assim, com os seus quase um milhão de habitantes, a capital sul-mato-grossense representa um grande centro econômico e urbano do estado e situa-se entre as três maiores cidades da Região Centro Oeste⁴.

Diante disso, os desafios tornaram-se ainda maiores ao considerar as possíveis dinâmicas e atuações dos homens que fazem trabalho sexual nos espaços on-line de relacionamento. Esses espaços configuram-se enquanto mecanismo de mediação, integração e conexão entre os seus usuários – trabalhadores sexuais⁵ e clientes – para além dessas fronteiras, ou seja, dos sites e dos aplicativos. Assim, as práticas sexuais costumam se concretizar, quase sempre, nos espaços off-line dos contextos urbanos, sejam em bares, motéis, quartos alugados, residências dos clientes, saunas ou outros locais.

De modo geral, os sites e aplicativos de relacionamento constituem-se como importantes mecanismos de aproximação e interação social. É possível estabelecer troca de mensagens instantâneas, fotos e vídeos a qualquer momento com dezenas de usuários. As informações e as imagens publicadas ou compartilhadas pelos trabalhadores do sexo, em seus perfis ou através dos *chats* dos aplicativos, buscam intensificar o flerte e o jogo da sedução (Barreto, 2017), em despertar nos clientes o desejo pelos corpos, convertidos em práticas de consumo e de serviços para serem negociados e comercializados.

Esse modo de comercializar e consumir os serviços sexuais estabelece o que Adriana Piscitelli (2016) denomina de intercâmbios e economias sexuais. Essa concepção alargada de mercado pode ser representada nas trocas e interações estabelecidas para além das relações monetárias propriamente ditas. Ou seja, "trata-se de uma noção que não se reduz à economia de mercado, à organização das relações sociais constitutivas da esfera da produção e/ou ao âmbito no qual tem lugar o consumo". A autora compreende, ainda, que "[...] ela remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social" (Piscitelli, 2016, p. 135).

⁴ Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a capital sul-mato-grossense possui 897.938 habitantes, segundo dados de 2022. Ou seja, na Região Centro Oeste ela fica atrás de Brasília (DF) e Goiânia (GO). É considerada, ainda, a 17ª cidade mais populosa do Brasil.

⁵ No decorrer desta dissertação, os homens maiores de 18 anos, que trabalham com sexo serão referenciados como "trabalhadores sexuais" e/ou "trabalhadores do sexo", porém, não desconsidero aqui a existência de outras definições, como "acompanhantes", "boys", "garotos de programa", "michês", "profissionais do sexo" ou "prostitutos".

Além disso, o trabalho sexual, nesse campo, pode ser percebido a partir das intersecções que estabelecem e constituem os desejos, os prazeres e os gostos transpostos entre os clientes e os trabalhadores do sexo, mediados e entrelaçados por marcadores sociais, tais como: cor/raça, estética corporal, classe social, gênero, geração e sexualidade. Essas categorias são evidenciadas nos relatos apresentados pelos meus interlocutores, nas marcas corporais, descrições dos perfis, redações dos textos publicados nos anúncios ou, até mesmo, na produção da imagem exposta e comercializada.

Mas para pensarmos os caminhos e descaminhos que me levaram ao cenário da pesquisa, antes, é salutar compreendermos que no Brasil os primeiros estudos só tiveram o trabalho sexual como preocupação central a partir da década de 1980. A apropriação dos espaços públicos e degradados, como as ruas e praças, eram os únicos possíveis para o trabalho sexual. Somente “[...] nas décadas de 1990 e, sobretudo, depois dos anos de 2000, é que os trabalhos sobre o tema vão migrando para os espaços privados (saunas, clubes de sexo, bares) e outros veículos (jornais, sites e aplicativos)” (Passamani, Rosa, Lopes, 2019, p. 436).

A primeira pesquisa realizada no âmbito das Ciências Sociais sobre o trabalho sexual de homens, de Regina Maria Erdmann (1981), fala sobre “Reis e Rainhas no Desterro: um estudo de caso”. A autora buscou compreender as relações e os envolvimento afetivos e sexuais mediados pelo dinheiro entre um grupo de jovens e seus parceiros homossexuais adultos em Florianópolis (SC). Determinados marcadores sociais constituíram a tônica etnográfica, portanto, afloraram-se em suas análises as questões geracionais, classe, gênero e orientação sexual⁶.

Por outro lado, o marco paradigmático e referencial sobre a produção científica que discute o trabalho sexual de homens surge no final da década de 1980. Nestor Perlongher, em “O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo” (1987), propôs analisar os fluxos e os significados traçados a partir das relações e dinâmicas estabelecidas entre michês entre si, entre michês e seus clientes e entre michês e outros sujeitos que comercializavam serviços sexuais. Relações essas que ocorriam entre a Praça da República e o Largo do Arouche, na cidade de São Paulo (SP). Perlongher identificou, ainda, como o espaço social hierarquiza, distribui e determina os relacionamentos entre jovens, em sua maioria pobres, negros e de classes populares, com seus clientes, predominantemente brancos, de classe média urbana, escolarizados e mais velhos.

⁶ Em 1984 também temos a pesquisa de Sérgio Alves de Almeida, intitulado “Michê”. A partir do depoimento dos seus interlocutores, o autor busca estudar o trabalho sexual de homens que atuam em um bordel na periferia de São Paulo.

A partir dos estudos produzidos por Perlongher (1987) sobre trabalhadores do sexo em São Paulo (SP), inúmeras outras investigações científicas a consideram como referencial teórico e analítico. A exemplo de Wagner de Oliveira Lima (2006) que pesquisou como os michês produzem suas masculinidades entre as ruas do centro de João Pessoa (PB). Masculinidade essa associada à identidade patriarcal do homem nordestino enquanto possível herança do Brasil colonial. Para o autor, ainda, essa categoria analítica é constituída pela masculinidade e pelo gênero, portanto, faz do michê a razão de ser e estar no mundo.

Em “Territórios invisíveis: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus”, de Jean Moreira Alcântara (2009), compreendeu o processo que acarreta apropriação dos espaços urbanos pelos michês. A sua cartografia situa a apropriação dos territórios se constitui enquanto algo simbólico, ao mesmo tempo que contribui para a formação da identidade territorial desses trabalhadores sexuais. Assim, a ocupação dos microterritórios pelos diversos grupos existentes na área central é estabelecida de forma conflituosa e ao mesmo tempo harmoniosa. Portanto, proibições surgem de modo a delimitar a apropriação de determinados espaços na urbe, ou seja, ao mesmo tempo que os michês de rua são impedidos de ocupar os espaços privados das saunas, esses não frequentam as ruas.

“Entre boys e frangos: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife”, de Epitácio Nunes de Souza Neto (2009), analisa como parte das vivências e dos processos históricos e psicossociais levaram seus interlocutores ao trabalho sexual. Ao mesmo tempo, compreende como essas relações estariam imbricadas às construções e relações dos papéis de gênero, sexualidade e corporalidade que são tecidas e expostas nos corpos dos boys de programa. Dicotomias como boy/bicha, ativo/passivo e a constituição simbólica sobre o ânus dos boys garante a esses o status e reconhecimento público da masculinidade arquitetada nesse contexto.

Já a pesquisa de Normando José Queiroz Viana (2010), ao possuir a capital pernambucana enquanto campo da sua pesquisa, propôs compreender as dinâmicas da prostituição viril de homens que comercializam serviços sexuais com outros homens⁷. Para tanto, elencou categorias de análise que tensionam desejo, excitação e prazer às performances dos boys e quais técnicas de exercícios mentais e modelagem dos corpos são acionados. Por fim, o autor salienta que “[...] numa sociedade capitalista como a nossa o desejo monetário tem força suficiente para mobilizar o psicológico e ‘pruuu’: deixar os boys de ‘pau duro’ e prontos para a batalha” (p. 6).

⁷ Prostituição viril é a expressão conceitualmente empregada por Perlongher (1987) ao se referir à modalidade de prostituição exercidas pelos trabalhadores do sexo que se constituem a partir do estereótipo de homem com características marcadamente masculinas.

Por outro lado, entre as publicações produzidas na área das Ciências Sociais, em “‘Vamos fazer uma sacanagem gostosa?’ Uma etnografia do desejo e das práticas da prostituição masculina carioca”, de Victor Hugo de Souza Barreto (2012), buscou compreender a prostituição exercida por homens a partir da análise dos modos de fazer michê e das normas, códigos e interações sociais estabelecidos a partir dos processos de subjetivação, desejo e relações sociais entre os frequentadores das saunas cariocas e os trabalhadores do sexo.

Assim, o autor problematizou as formas de praticar a prostituição a partir das estratégias de visibilidade, jogos de sedução e negociação constantemente adotados pelos boys para a concretização dos programas. Para tanto, foi necessário entender como são estabelecidos os prazeres, as sacanagens e os gostos na formação das subjetividades que se originam das práticas sexuais que envolvem os michês e os frequentadores das saunas dispostos a pagar pelos serviços e prazeres passíveis de serem negociados.

Clara Cavalcante Silva (2012), em “O Negócio do ‘Prazer Remunerado’ nos Discursos de Garotos Que Fazem Programa”, propôs compreender o mercado sexual e a prostituição de rua realizada por garotos de programa na região de Osasco, Grande São Paulo (SP). A construção das subjetividades desses sujeitos é percebida a partir das categorias analíticas das sexualidades, hierarquias sexuais e masculinidades. Ao mesmo tempo, problematiza sobre o modo como os garotos de programa compreendem a prostituição no contexto urbano do mercado sexual a partir da categoria “prazer remunerado” e dos riscos que esses sujeitos se submetem diante das diversas formas de violência.

Do Sudeste para o Nordeste, Maria Lourdes dos Santos (2013), no campo da Sociologia, se propôs a compreender “Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza”. Analisa a apropriação dos espaços e as negociações de desejos, fantasias, prazer e dinheiro que envolvem os trabalhadores sexuais e seus clientes. São, ainda, elencadas categorias relacionais como identidade sexual, territorialidade e trabalho.

Entre os estudos produzidos no campo da psicologia teremos, ainda, “A experiência michê: um estudo fenomenológico”. Fernanda Burbulhan (2014) produz algumas discussões sobre a vida pós-moderna. A análise considera a história de vida e as experiências dos interlocutores para compreender as expressões da sexualidade, gênero e masculinidades no cenário investigado. Ainda, na mesma área, Daniel Kerry dos Santos (2016) propõe uma análise etnográfica sobre “Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações”. Sua cartografia dos territórios existenciais compreende como se constituem os mercados do sexo em saunas gay de Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Curitiba (PR) e São Paulo (SP). Desse

modo, a análise dos fluxos e das redes de circulação revelam as dinâmicas e entrelaçamentos que os boys estabelecem no processo de territorialidade no universo do mercado sexual.

E, por fim, entre as produções mais recentes publicadas sobre trabalhadores sexuais, está a pesquisa de Renato Caio Silva Santos (2019) sobre os “Segredos de corpos nus: masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo”. Silva Santos busca compreender os meandros da produção dos sentidos atribuídos à masculinidade, bem como, ao uso e à produção do corpo no âmbito da prostituição exercida entre garotos de programa considerados de luxo na cidade de São Paulo (SP).

O autor ressalta, ainda, que nesse universo do mercado sexual, diferente do que comumente é transposto, o homem passa a ser percebido não mais exclusivamente como cliente, mas, sim, como objeto de desejo e de consumo. Assim, os trabalhadores sexuais constroem e comercializam suas imagens a partir da construção social de virilidade. Além disso, os corpos tornam-se, nesse contexto, objetos fluídos e moldados segundo as fantasias arquitetadas pelo público consumidor.

Por outro lado, quanto à produção científica sobre os espaços de relacionamento on-line, Luiz Felipe Zago (2013) irá pensar sobre “Os meninos: corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos”. É problematizado pelo autor como os corpos, os gêneros e as sexualidades são agenciados pelos usuários do site de relacionamento *Manhunt*. Para tanto, analisou-se como os perfis, narrativas textuais e fotos operavam na produção de subjetividades de homens gays e reafirmar a masculinidade ao negar qualquer associação à afeminação.

A proposta de compreender o universo das sociabilidades homoafetivas a partir do on-line tem em Gibran Teixeira Braga (2015), “‘Não sou nem curto’: prazer e conflito no universo do homoerotismo virtual”, a análise das representações acerca das práticas homoeróticas masculinas entre os usuários da sala de bate-papo do portal UOL e da rede social *Manhunt*. Suas reflexões contribuem para pensarmos como os códigos sociais estabelecidos ali operam a partir da autopublicização dos perfis dos usuários em forma de anúncios. Esses perfis, conforme pontou, seguem à lógica de mercado ao destacar determinados atributos físicos e simbólicos valorizados de modo geral nesse meio social.

Ainda, quando pensamos consumo, relações homoafetivas e sociabilidades nos ambientes virtuais, mais recente temos Marco Antônio Vieira de Oliveira Paranhos (2019) no Recôncavo Baiano. O autor propõe compreender as relações homoafetivas desenhadas em três aplicativos de relacionamento destinado a esse público. Além do mais, investiga como o processo de

construção identitária está ligada ao imaginário de masculinidade regionalizada e aos aspectos culturais tornaram essas vivências homossexuais distintas.

Ainda, na Região Nordeste temos a contribuição de José Wellington de Jesus (2021), “Entre ruas e redes: transformações e significados da prostituição masculina em Aracaju-SE”. Na sua pesquisa, o autor se propõe a investigar as possíveis conexões e distanciamentos do trabalho sexual que ocorre entre as ruas e o universo on-line. Entre os espaços de investigação estão três sites de classificados de trabalhadores do sexo. Aqui, tornar-se evidente em suas análises uma tendência do quanto os meios tecnológicos têm alterado o modo de exercer o trabalho sexual para além dos espaços geográficos, ao possibilitar novas configurações, dinâmicas e conexões para a prática dessa atividade. Segundo ele, nesses espaços encontram-se agenciamentos e mobilidades, além da própria ampliação e diversificação do mercado do sexo.

Portanto, aqui, esse arcabouço de produções científicas que relacionam trabalho sexual, mercado, consumo, território, sociabilidades, sexualidade, entre outros temas, contribui para as análises sobre trabalhadores do sexo e o mercado do sexo⁸ a partir dos classificados on-line na cidade de Campo Grande (MS). Sem contar, ainda, que as novas tecnologias digitais, apesar de provocar significativa transformação no mercado do trabalho sexual, segue pouco explorada pelas pesquisas científicas⁹.

Ou seja, essas novas formas de comunicabilidades ampliaram as possibilidades de interações e contatos, assim como, transformaram os modos de experienciar, vivenciar e consumir os corpos, o sexo e as sexualidades. Alteraram, por consequência, o modo de operacionalização das economias sexuais e sua (re)organização têm transformado a maneira de pensar, produzir e negociar os desejos e as subjetividades (Maroun, Vieira, 2008; Barreto, 2019).

Além disso, o espaço on-line tem revelado dinâmicas e intercâmbios próprios e que constituem o trabalho sexual entre homens. Nesses ambientes, torna-se perceptível, há um potencial de visibilidade maior alcançado pelos trabalhadores do sexo, uma vez que extrapola

⁸ De acordo com Piscitelli (2016, p. 4): “Essa noção de mercados do sexo foi formulada tendo como referência uma ideia ampla de mercado, no sentido a ele atribuído por Bourdieu. Trata-se de uma noção que não se reduz à economia de mercado, à organização das relações sociais constitutivas da esfera da produção e/ou ao âmbito no qual tem lugar o consumo. Longe disso, ela remete ao vasto terreno dos intercâmbios materiais e simbólicos mediante os quais se organiza o social. Essa ideia alargada de mercado contribui para considerar que os mercados do sexo envolvem não apenas intercâmbios caracterizados como ‘comércio’, mas também outras trocas que não são assim concebidas e podem, até, ser pensadas como dádivas”.

⁹ Samara Souza Diniz e Márcia Stengel (2021, p. 1) afirmam que a comunidade científica se encontra reticente de encarar a internet enquanto objeto e/ou local de pesquisa e reflexão científica. Deve-se ter em mente que “em um cenário cada vez mais digital, os métodos de pesquisa precisam acompanhar a realidade”.

as geografias dos cinemas, parques, praças, ruas e saunas. O corpo passa a ter ainda mais visibilidade, a ser produzido, reproduzido, exposto e avaliado em seus detalhes, objetificado e valorado simbólico e economicamente.

Assim, Barreto (2019, p. 84) entende que o espaço on-line, como sites e aplicativos de sociabilidade para *smartphones*¹⁰, predominantemente direcionados ao público homossexual, constituíram novos “territórios” existenciais no âmbito do mercado do sexo pago. Aqui o território passa a ser “[...] sinônimo de apropriação, subjetivação, tanto de um espaço quanto de um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’”. Ou seja, a prostituição se desenvolve e se estrutura a partir de dinâmicas, regras e códigos próprios no universo on-line.

Nesses “novos territórios” os trabalhadores do sexo encontram uma maior viabilidade e facilidade de negociar seus serviços sem, necessariamente, haver qualquer tipo de intermediário ou agenciador¹¹. A negociação e a contratação do trabalho são estabelecidas previamente a partir do contato direto entre o trabalhador do sexo e o cliente, via telefonema ou mensagens instantâneas através de aplicativos de comunicação ou *chat*. Aliás, um dos principais objetivos das plataformas digitais, no que diz respeito aos sites que publicam os perfis dos trabalhadores sexuais, é a concretização dos serviços sexuais para além das fronteiras do on-line¹².

Entre procedimentos metodológicos, negociações e o campo da pesquisa

No que tange aos aspectos metodológicos e às técnicas de pesquisa utilizados, meu trabalho insere-se numa gama de pesquisas produzidas que seguem uma abordagem qualitativa e de natureza descritiva e analítica. Portanto, para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário lançar mão do método etnográfico, ou seja, realizar uma etnografia on-line em sites de classificados e aplicativos de relacionamento utilizados pelos trabalhadores do sexo na cidade de Campo Grande (MS).

Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma. A primeira etapa consistiu na integralização dos créditos das disciplinas do Mestrado em Antropologia Social e na realização do levantamento bibliográfico, leituras e fichamentos dos textos que versassem sobre as questões metodológicas, de gênero, sexualidade, trabalho sexual, dentre outros temas. Ao

¹⁰ Entre os mais populares, destacam-se: *Grindr*, *Hornet* e *Scruff*.

¹¹ Diferente do que ocorre com a prostituição feminina e travesti, nas quais o papel de algum agenciador é mais presente, conforme identificado nos trabalhos de Marcos Benedetti (2005), Adriana Piscitelli (2008) e Larissa Pelúcio (2009).

¹² Há plataformas digitais de comercialização de serviços sexuais praticados exclusivamente nos ambientes on-line, como *sexo*, *striper*, entre outros. Durante a realização no campo identifiquei alguns perfis de trabalhadores do sexo a comercializar essas modalidades de serviço.

mesmo tempo, mapiei e selecionei os principais sites e aplicativos utilizados pelos trabalhadores do sexo.

A minha primeira incursão exploratória ao campo ocorreu no final do segundo semestre de 2020. O que se prolongou até o término do mesmo ano. Essa estratégia foi motivada, tendo em vista o meu interesse em compreender melhor como se estruturava as diversas conexões e interações sociais estabelecidas nesses espaços. O que, para mim, também era desconhecido e distante. Apesar de saber das possibilidades de exercer o trabalho sexual a partir dos meios online, não tinha ideia, nem mesmo conhecia algum sujeito inserido e/ou familiarizado com essas práticas.

O monitoramento dos anúncios publicados nos respectivos classificados ocorreu durante todo o segundo semestre de 2021. Busquei identificar, selecionar e catalogar os perfis dos trabalhadores do sexo que se denominassem enquanto homens dispostos a negociar seus serviços sexuais com outros homens. É dessa forma que as descrições e análises dos aplicativos, dos classificados e dos dados obtidos serão apresentadas no decorrer dos capítulos.

O máximo que eu conhecia vinha das memórias que mantenho de quando residia numa cidade do interior desde a adolescência. Entre os meus deslocamentos pela cidade, deparava-me com casas de trabalhadoras do sexo estabelecidas entre algumas avenidas caracterizadas pelo grande fluxo de transeuntes e, principalmente, caminhoneiros. Muros pintados de preto, portões fechados e altos, além de uma luz vermelha reluzente sobre o portão eram as principais formas de identificação. Assim, entre o carregamento e descarregamento de cargas grãos e gado, a parada de muitos nessas casas era quase que obrigatória. Encontrava, também, em menor número, trabalhadoras do sexo travestis ocupando algumas esquinas pontuais daquelas avenidas.

Para o desenvolvimento desse trabalho e como meio de me estabelecer no campo, nas descrições dos perfis criados para a pesquisa, identifiquei-me com o *nickname* “Alan Pesquisa” e uma foto de perfil com o meu rosto. Informei, ainda, que era pós-graduando e estava a desenvolver um trabalho para o mestrado em Antropologia Social, vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGAS/UFMS) e pretendia estabelecer contato com trabalhadores do sexo que estivessem dispostos a conversar e colaborar com o meu trabalho.

Assim, foi apenas a partir do segundo semestre de 2021 que passei a estabelecer, com maior frequência e de modo mais efetivo e sistemático, contato com os interlocutores que estavam a utilizar os aplicativos de relacionamento, bem como, a realizar o levantamento dos anúncios e dos perfis publicados nos classificados. Portanto, mês a mês, fiz o levantamento dos

perfis e quantifiquei os novos anúncios publicados nessas plataformas, além de atentar aos que se mantinham de um mês para o outro e os que eram encerrados¹³.

Cabe salientar, aqui, que a entrada no campo é um dos momentos mais complexos e desafiadores para o antropólogo. Estar lá, estabelecer as primeiras interações, manter clareza nos diálogos, ser compreendido e não mal interpretado, além de manter contatos duradouros que possam ampliar a compreensão desses contextos foram preocupações sempre presentes nas minhas incursões nesses ambientes. Porém, diferentemente do que ocorre no universo off-line, os aplicativos de relacionamento on-line proporcionam ao pesquisador um conjunto de mecanismos capazes de reconfigurar ou criar diferentes perfis, conforme os objetivos colocados para a pesquisa.

Diante disso, a fim de garantir a minha efetiva inserção no campo, foi necessário montar um perfil em cada aplicativo selecionado. Deixei informações sobre a pesquisa e o convite para que os potenciais interlocutores estabelecessem contato comigo, bem como, passei a abordar aqueles trabalhadores do sexo que estavam a utilizar essas plataformas on-line.

Entre os aplicativos de relacionamento analisados, ao ser essas as redes mais populares, desenvolvi o trabalho de campo a partir de três plataformas, respectivamente, *Grindr*, *Hornet* e *Scruff*. A escolha desses aplicativos se justificou diante da popularidade que eles adquiriram entre o público LGBTQIA+¹⁴ (Braga, 2015). Ambas plataformas operam a partir do *download* dos respectivos aplicativos e do compartilhamento da localização dos seus usuários.

Durante o período de realização do trabalho de campo, não identifiquei nenhum perfil de trabalhadores sexuais ativos no *Hornet* ou no *Scruff*. Em contrapartida, no *Grindr* essa presença foi percebida¹⁵. Assim, a maior parte das interações e dos dados produzidos ocorreram nesta última plataforma. Além disso, em relação aos sites que oferecem serviços sexuais, realizei a pesquisa a partir do *Acompanhante Executivo*, *Garoto com Local*, *Hot MS* e, por fim, *Viva Local*. Este último disponibiliza aos seus usuários, além dos anúncios vinculados pelos trabalhadores sexuais, um conjunto de outros serviços divididos por categorias e voltados ao comércio, entretenimento, esporte, lazer, entre outros.

¹³ Importante considerar que nem sempre o fato de um anúncio não ser encontrado entre a lista de trabalhadores do sexo vinculados à cidade de Campo Grande (MS), naquele respectivo mês, representará, de fato, que esse deixou de utilizar os classificados ou, por algum motivo, foi banido dos aplicativos de relacionamento. No entanto, com certa frequência, pode ocorrer a alteração da cidade na qual o usuário está a oferecer seu serviço, o que levará seu perfil a ser vinculado entre os anúncios trabalhadores sexuais da cidade que se encontra. Também pode ocorrer a desativação do perfil por parte do trabalhador do sexo.

¹⁴ A sigla LGBTQIA+ refere-se às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais, Assexuadas e “+” às pessoas que não sejam contempladas pelas outras categorias.

¹⁵ Foi identificado a utilização da plataforma *Instagram*, por alguns trabalhadores sexuais, como meio de autopublicização. Portanto, alguns dados foram obtidos através dessa rede social. Conforme será evidenciado nos próximos capítulos.

Cabe ressaltar, aqui, que a pesquisa realizada no classificado *Garoto com Local* passou a fazer parte das minhas observações apenas nos últimos três meses do trabalho de campo. O acesso ao site aconteceu após alguns interlocutores afirmar possuir anúncios ativos lá e de ser esse considerado um espaço com significativa visibilidade no cenário do comércio sexual não só de Campo Grande (MS) como das cidades que comumente os meus interlocutores costumam migrar para exercer o trabalho sexual.

Entre os imponderáveis que surgiram no transcorrer do trabalho de campo, eu era constantemente confrontado por alguns usuários dos aplicativos sobre a legitimidade da pesquisa, pois, ao estabelecer contato comigo questionavam sobre as reais intenções do trabalho. Indagavam se, na verdade, eu não estaria ali à procura de flertes ocasionais e sexo fácil. Ou no decorrer das conversas questionavam sobre a minha orientação sexual e, até mesmo, a legitimidade de estar naquele “território” a desenvolver qualquer tipo pesquisa científica, uma vez que, eu não fazia parte daquela “comunidade”, ou seja, não era “nativo” assim como os “meus nativos”.

Tomo como exemplo a conversa que tive com um dos usuários do aplicativo *Grindr*. Após indagá-lo sobre a funcionalidade da plataforma e como ocorria o processo de interação, foi enfático ao afirmar: *não passamos nenhuma informação aos curiosos. [...] Você está fora do nosso mundo, baby! O aplicativo não é para entrevista, né baby! Por isso os caras tiram você daqui. Eles não gostam de ser interrogados.*

Esse e outros acontecimentos que serão apresentados no decorrer do trabalho revelam a complexidade das tramas e dinâmicas sociais num universo em que as interações se estabelecem, em muitos momentos, de modo tangencial e efêmero. A subjetividade, o lugar e a legitimidade do pesquisador passam a ser questionadas e tensionadas entre os diferentes níveis de interesses e experiências colocados no e pelo campo pesquisado.

Foi a partir dessas interações e conexões que pude conhecer e entrevistar cinco trabalhadores do sexo que, a partir do compartilhamento de suas narrativas, experiências e vivências no mercado do sexo consegui tecer algumas reflexões sobre o trabalho sexual desses interlocutores em Campo Grande. Reflexões essas que não se esgotam com a apresentação do resultado desse trabalho, tendo em vista que o campo segue sua trajetória, com os “nativos” a estabelecer e ressignificar novas e antigas formas de ser, estar e se apropriar dele.

Reconheço que as entrevistas semiestruturadas, enquanto uma das técnicas de pesquisa utilizadas, mesmo ao indagar o entrevistado a partir de um conjunto de questões abertas para abranger o maior número de possibilidades de respostas, estará longe de alcançar a verdade de fato. Ainda que não seja esse seu interesse. Pois, assim como compreende Pierre Bourdieu

(2005, p. 404), [...] a vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e um relato dessa história”.

Não devemos, com isso, a partir das vivências, narrativas biográficas e/ou experiências de vida compartilhadas pelos nossos interlocutores, ainda que eles tentem, estabelecer ou perseguir uma história coerente, ordenada e cronologicamente estabelecida. Em outras palavras, mesmo que em muitos momentos essa cronologia, segundo fatos e acontecimentos narrados, os recortes que nós enquanto pesquisadores fazemos para encaixá-las nos nossos textos nem sempre a considera.

Nesse mesmo contexto, Suely Kofes (2015, p. 21) considera que “[...] trechos de uma narrativa compunham um discurso geral (como fato, informação, portanto), mas, quando recolocados em sua integralidade narrativa, compunham uma evocação, reflexão”. Ainda, conforme adverte Bourdieu (2006), para tecer nossas reflexões não devemos nos agarrar apenas num único meio de obtenção dos dados. Segundo o autor, uma vida não deve ser entendida como uma série única e sem vínculos ou outros de acontecimentos que a impactam. Pois, se agíssemos assim, seria “[...] tão absurdo quanto tentar explicar a trajetória do metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz de relações objetivas entre as diferentes estações” (2006, p. 189).

Reconheço, apesar da escolha metodológica e do modo de me colocar nesse ambiente, a presença do pesquisador durante o trabalho de campo quase sempre estará sujeita aos questionamentos mais diversos possíveis. Tendo em vista que modifica e altera, de certo modo, as configurações dos sujeitos no ambiente on-line, afinal, o perfil do pesquisador nos aplicativos não é uma figura neutra, tão pouco passará despercebida, o que pode despertar inquietações e interesses diversos.

Entre os diálogos mantidos, mesmo nos ambientes on-line, o corpo do pesquisador estabelece e é percebido em termos de classe, escolarização, raça/cor, idade, sexualidade e gênero. Essa compreensão é problematizada por Tiago Duque (2020) ao afirmar que as suas experiências enquanto pesquisador apontam tanto para o lugar de corpo, quanto para as implicações identitárias que estabelece sobre a produção das diferenças. Ainda que não seja o desejo do pesquisador produzir essas diferenças, o “[...] corpo de fala ficou perceptível a partir dos outros corpos, do pesquisador em interação com xs interlocutorxs [...]” (p. 74).

Nesse aspecto, reconheço que a minha presença num território onde as relações pessoais e o modo de organização se configuram segundo lógica própria. Ler esses códigos e regras sociais faz com que eu e os usuários ali se comuniquem e estabeleçam uma interação recíproca e significativa, pois, só assim torna-se possível obter elementos necessários para a compreensão

dos modos, dinâmicas e interações tecidas pelos usuários nesse universo. Portanto, é nesse contexto que, entre as dificuldades, desafios, superações e motivações é que ocorre a observação participante.

Etnografando o/no on-line

É necessário reconhecer que nas últimas décadas, diante da expressiva popularização das novas tecnologias, ocorreu um aumento do número de usuários da internet e, por consequência, ampliou-se o acesso às mídias digitais. O que, desde então, tem provocado significativo impacto dos modos de sociabilidade e interação interpessoal nas sociedades contemporâneas (Braga, 2015; Paranhos, 2019).

As novas formas de interação social mediadas pelas tecnologias digitais da comunicação e informação (TDCIs) possibilitaram o surgimento de outros campos de investigação científica e possibilidades metodológicas de etnografar o on-line. “Tal fato exige a adaptação dos métodos de investigação nas Ciências Sociais a fim de permitir análises fieis dos movimentos e das atuações da cultura estudada nas redes sociais” (Ferraz, 2019, p. 57).

Aqui torna-se salutar considerar o que Mariza Peirano (2014, p. 381) apresenta. Segundo ela, nós antropólogos estamos “[...] constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador repensando a disciplina. E isso desde sempre: de Malinowski encontrando o kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan, revendo a guerra tupinambá nos arquivos”.

Portanto, essa realidade investigativa estabelecida a partir do on-line tem alterado o modo de realizar pesquisas e produzir os dados (Soares, Stengel, 2021). Assim, diante da viabilidade tecnológica, estabeleci recortes e registros que puderam “[...] ser salvos em pastas digitais para posterior análises sobre as articulações, proposições e relações dos fatos sociais diagnosticados” (Ferraz, 2019, p. 49).

Face a esse cenário, nota-se o surgimento de outros modos de fazer etnografia. Possibilidades essas que têm extrapolado o contato face a face, denominadas, portanto, de “netnografia”, “etnografia de tela”, “etnografia virtual” ou “etnografia on-line”. A diferença entre os conceitos aqui colocados pode ser melhor compreendida de acordo com a área do conhecimento na qual a pesquisa será realizada.

Na área do *marketing* e da administração os pesquisadores têm se apropriado do termo netnografia. Por outro lado, na área da antropologia e das ciências sociais apesar de comumente utilizarem etnografia virtual para se referir aos estudos nos espaços on-line, atualmente tem

optado pelo uso do termo etnografia on-line (Amaral, Natal, Viana *et al.*, 2008; Soares, Stengel, 2021)¹⁶.

Portando, utilizarei aqui o termo etnografia on-line enquanto conceito mais apropriado para abordar a produção dos dados realizados no ambiente da pesquisa, sem desconsiderar, também, outros dados obtidos a partir dos diálogos informais e das entrevistas realizadas nos espaços e interações off-line, com os demais colaboradores e interlocutores.

Para Débora Krischke Leitão e Laura Graziela Gomes, na contemporaneidade as mídias digitais podem ser vistas “[...] como ambientes propiciadores de determinadas experiências, dotadas de capacidades de agenciamento, e não apenas um meio ou local onde algo acontece” (2018, p. 172). Assim, compreender as potencialidades no “mundo on-line”¹⁷, bem como, quais as estratégias de agenciamento/resistência (Furlin, 2013) e visibilidade que os sujeitos utilizam e operam para a experimentação de si, nesses espaços, tornaram-se desafiadores no decorrer do trabalho.

Conforme adverte Braga (2015, p. 228), não devemos estabelecer distinções entre o on-line/virtual e o off-line/real. Por certo, “a internet não forma um espaço autônomo, que existe em paralelo aos espaços físicos; a distinção on-line/off-line é circunstancial e precária, ‘real’ e ‘virtual’ estão constantemente articulados. A rede é parte do mundo, e não um ‘mundo’ à parte”.

Assim, os sites¹⁸ de anúncios de serviços sexuais, denominados em muitos momentos como “sites de acompanhantes”, revelaram-se ser um importante meio de promoção e agenciamento de trabalhadores sexuais nos cenários on-line. Além disso, a sociabilidade nesse espaço promoveu um verdadeiro processo de aproximação que, possivelmente, alterou o modo de consumir e as relações sociais entre as pessoas dispostas nos diversos contextos culturais, sociais e espaços geográficos.

Nesse ambiente, é preciso destacar, os trabalhadores do sexo buscam apresentar e performatizar seus corpos com o objetivo, a partir de estratégias próprias, de despertar a subjetivamente e desejos libidinais àqueles que acessarem seus anúncios. São ações pautadas a

¹⁶ Conforme Samara Souza Diniz Soares e Márcia Stengel (2021, p. 2) a netnografia possui cinco etapas para a sua concretização. Apesar de não linear e processual, o pesquisador deve passar pela “[...] definição das questões de pesquisa; identificação e seleção da parcela da internet que será estudada; a entrada no campo, que é marcada pela observação participante ou não, além da obtenção de dados; análise e interpretação dos dados produzidos e, por fim, a redação e o relato dos resultados de pesquisa, articulando-os à teoria”.

¹⁷ Não pretendo, aqui, estabelecer uma divisão arbitrária entre os espaços on-line/off-line, como se esses constituíssem dois universos disjuntivos ou substancialmente diferentes.

¹⁸ O que pode ser verificado em quatro sites de anúncios de trabalhadores sexuais on-line, tendo como base a cidade de Campo Grande-MS: *Acompanhante Executivo, Garoto com Local, Hot MS, Viva Local*.

partir de performance mercadológicas nítidas. Nesses espaços, ainda, seus corpos são colocados e evidenciados, em grande medida, nus¹⁹.

Assim como percebido aqui, Barreto (2019), em sua etnografia sobre prostituição masculina realizada a partir de aplicativos de sociabilidade on-line e em saunas gays na cidade do Rio de Janeiro, constatou que os códigos e símbolos utilizados para a identificação de trabalhadores do sexo nesses espaços buscam destacar determinados atributos corporais valorizados no mercado sexual.

Portanto, ora buscam valorizar os centímetros penianos, a realização de fetiches ou utilizam da produção textual sexualizada como propaganda, “[...] as práticas inaceitáveis e aquelas negociáveis, os ‘serviços’ extras ou do que eles chamam de características ‘diferenciais’ como saber fazer massagens, danças eróticas, cozinhar, estar disposto a uma aproximação mais romântica e etc.” (Barreto, 2019, p. 88).

Estratégia semelhante foi identificada na pesquisa de Braga (2015), ao estudar os modos de representação acerca das práticas homoeróticas masculinas em ambientes de sociabilidade on-line nas salas de bate-papo do portal UOL e na rede social *Manhunt*. O autor identificou que nesses espaços ocorre um processo de autopublicização dos perfis dos usuários, segundo uma lógica de mercado e semelhante às dos anúncios produzidos comercialmente. Ressalta, ainda, que “muitos dos participantes, no que falam de si, buscam destacar as qualidades desejadas pela maioria dos colegas de site ou bate-papo que refletem valores difundidos na sociedade em geral” (p. 231).

Apesar de o trabalho sexual exercido por homens não ser objeto de suas análises, o autor apresenta algumas pistas de como pensar o processo de construção da representação dos sujeitos. A exemplo, os trabalhadores sexuais aqui pesquisados se identificam enquanto heterossexuais-ativos, portanto, nesse universo, garante um capital simbólico maior. Ou seja, “[...] a construção social dos desejos e do desejável é facilmente percebida quando se olha atentamente para os processos que produzem e desenvolvem os universos culturais” (Braga, 2015, p. 246).

Apresentação dos “principais” interlocutores da pesquisa

¹⁹ É importante salientar, ainda, que nem todos os perfis analisados no decorrer da pesquisa são constituídos por corpos malhados ou que buscam borrar suas reais identidades. Conforme identificado nos anúncios publicados nos sites *Acompanhante Executivo*, *Garoto com Local*, *Hot MS* e *Viva Local* ou, ainda, dos perfis encontrados nos aplicativos de relacionamento on-line.

Tendo em vista que o trabalho de campo ocorreu no decorrer do segundo semestre de 2021, concentrei a realização das entrevistas, também, durante esse período. Portanto, ressalto, as entrevistas foram realizadas ora presencialmente ora por intermédio da utilização do aplicativo *WhatsApp* ou da plataforma *Google Meet*. Ademais, outros dados foram produzidos a partir de conversas informais que estabeleci com outros trabalhadores sexuais e demais usuários dos aplicativos, além do mais, como já foi dito antes, a partir da análise dos anúncios publicados nos classificados²⁰. Dito isso, passarei agora a realizar a descrição dos perfis dos cinco interlocutores que participaram mais ativamente da pesquisa e com os quais eu realizei entrevistas.

O primeiro foi Anthony (33 anos)²¹. Se define como branco, graduado em psicologia e pós-graduado na mesma área. Encontra-se em uma relação homoafetiva. Diz ter uma vida modesta numa cidade do interior do estado. O conheci por intermédio de Daniel, um usuário do *Grindr*, durante minhas incursões no aplicativo. Daniel, ao ler o meu perfil, no qual eu informava estar à procura de trabalhadores do sexo que fizessem uso o aplicativo para essa finalidade ou que possuíssem anúncios em classificados da capital, disse conhecer Anthony. Inclusive, Daniel se dispôs a falar sobre a minha pesquisa para Anthony e de que por ser seu amigo teria mais possibilidade de convencê-lo a conversar comigo. Realmente seu esforço surtiu efeito e a entrevista ocorreu semanas após nosso primeiro contato.

Anthony, conversou comigo na presença de seu companheiro. Ressalta que esse sempre soube da sua atividade durante os finais de semana, período em que deixa o interior para realizar trabalhos sexuais na capital. Segundo ele, eles possuem um relacionamento e convivem juntos há um bom tempo. Interessante destacar, aqui, que durante a entrevista, em um momento ou outro, Anthony direcionava certas indagações ao seu companheiro, a fim de obter desse a confirmação de determinadas informações que estava a compartilhar comigo.

Quando conversamos, me disse que entre os motivos que o levou para o interior, estaria a necessidade de atuar na sua área de formação, além do mais, sua vida discreta garante certo sigilo sobre sua atuação “clandestina” enquanto trabalhador do sexo. E que apenas pessoas próxima e de confiança sabem do seu segundo trabalho, pois possui receio que, por conviver

²⁰ Ao considerar o tempo decorrido de mais de um ano entre a realização do trabalho de campo para a sistematização e análise dos dados, pude observar novos deslocamentos e atualização das informações compartilhados por alguns dos meus interlocutores. Porém, diante da escolha metodológica que fiz, às análises realizadas correspondem apenas ao período do trabalho de campo.

²¹ Por questões éticas e com a finalidade de preservar a privacidade dos interlocutores, utilizarei pseudônimos como alternativa ao nome real ou fictício. O mesmo foi considerado para os locais citados, como saunas, bairros, etc.

em uma cidade pequena e conservadora, isso possa impedi-lo de assumir cargo um público, diante das condenações morais que possa sofrer.

O segundo interlocutor foi Enzo Boy (24 anos). Ele se descreve como homem, homossexual, branco e com curso superior incompleto. O conheci durante o trabalho de campo na rede social *Grindr*²². Porém, meu conhecimento sobre sua atividade, no universo do trabalho sexual, ocorreu a partir das minhas incursões de campo, ao analisar os anúncios dos classificados. Partir desse conhecimento prévio possibilitou que eu me apresentasse a ele enquanto pesquisador, momento no qual afirmei ter encontrado o seu anúncio publicado em um dos sites monitorados.

Estabeleci contato com o interlocutor, em um primeiro momento, pelo próprio *Grindr*. Durante nossa conversa, após superar as desconfianças sobre a minha pesquisa, Enzo Boy se dispôs a conceder entrevista. Marcamos numa segunda, às 12h00min, antes do início do seu expediente de trabalho, no Palladium Central Shopping. Me dirigi para lá uma hora antes, assim evitaria qualquer atraso que pudesse ocorrer. O esperei durante mais de duas horas, quando resolvi encaminhar uma mensagem para saber se ainda estaria interessado colaborar com a minha pesquisa, porém, só veio responder no final da noite do mesmo dia. A entrevista só correu semanas depois.

O terceiro interlocutor entrevistado foi Vicente (28 anos). Se compreende enquanto homem, moreno e bissexual ativo. Nos trabalhos sexuais que comercializa afirma ser exercer o papel de *ativo liberal*, ou seja, aquele sujeito que se envolve *sem pudor, sem frescura* durante a realização do serviço, porém, só não performa como passivo com o cliente.

Com relação à escolarização e à camada social, afirma possui ensino médio completo e ser oriundo de camadas populares, sem muito recurso financeiro. Interessante que, apesar de ter encontrado seu perfil entre os anúncios dos sites de trabalhadores sexuais, meu primeiro contato Vicente foi intermediado por Anthony (33 anos), quando este se dispôs a indicar um conhecido que possuía anúncios on-line e atuava como trabalhador do sexo na cidade. Diante da indicação de Anthony, meu contato com Vicente ocorreu sem maiores dificuldades.

As aventuras de Vicente (28 anos) nas tramas do trabalho sexual iniciaram-se de modo esporádico em 2017. Apenas nos últimos anos que buscou se dedicar e viver exclusivamente da comercialização dos seus serviços sexuais. Sua primeira experiência ocorreu a partir do *Grindr* quando, em meados de 2017, criou um perfil na plataforma. Lá recebeu sua primeira oferta de sexo pago vindo de um dos usuários do aplicativo.

²² Pude encontrar os anúncios publicados por Enzo Boy nos respectivos sites: *Garoto com Local, Hot MS e Acompanhante Executivo*.

O quarto interlocutor entrevistado foi Vinicius (29 anos). Se considera branco e bissexual ativo. Possui ensino superior completo e, atualmente, diz estar cursando outras duas graduações. Se compreende de classe média e afirma, ainda, que obtém com os trabalhos sexuais uma renda próxima a oito salários mínimos mensais. Com relação à sua orientação sexual, se diz bissexual. Meu contato com Vinicius foi possível a partir da indicação de um colega meu de trabalho. Em um dos nossos diálogos sobre a minha pesquisa, ele disse conhecer o interlocutor de uma das suas redes sociais. Após me passar o seu número de telefone, estabelecemos o contato, exclusivamente, a partir do *WhatsApp*.

Vinicius informou residir em Campo Grande (MS) há dez anos. Porém, como realiza trabalhos sexuais, diante das dinâmicas do mercado sexual, vê a necessidade de passar temporadas em outras cidades do Brasil que, em média, podem levar de dois a três meses. Por conta disso, seu retorno a Campo Grande (MS) ocorre, ao menos, cinco vezes no ano²³.

Entre as nossas conversas, disse que desde a adolescência sempre chamou a atenção de homens gays e, inclusive, quando prestou o serviço militar obrigatório no Exército Brasileiro recebeu ofertas sexuais de alguns dos seus superiores hierárquicos. Mas o que o levou a realizar trabalhos sexuais, apesar de não recordar com precisão, destaca os convites recebidos de outros trabalhadores do sexo que conheceu. Esses convites passaram a existir após se mudar para a capital e se distanciar dos seus familiares que residem no interior do estado. Nessa época, como estava a passar necessidades financeiras, foi após passar a frequentar espaços de sociabilidade LGBTQIA+, quando, de fato, começou a negociar serviços sexuais.

O quinto e último interlocutor entrevistado foi Txai (21 anos). Se descreve enquanto homossexual, moreno, ensino superior incompleto e de classe média. Disse que sempre residiu em Campo Grande. Nosso primeiro contato ocorreu através do *Grindr*. O seu perfil no aplicativo o identificava com o *nickname* “G.P 20” (Garoto de Programa, 20 anos). Entre os sites, possui anúncio ativo no classificado *Viva Local*, com o *nickname* “Playboy Novinho”. Txai foi um dos interlocutores que mais mantive contato durante a realização do meu campo. Entre as conversas que mantivemos, disse estar no trabalho sexual desde os 15 anos, ou seja, há quase sete anos. Assim como Vinicius, seu início como trabalhador do sexo ocorreu após ter sido convidado por um amigo que já comercializava serviços sexuais. Segundo ele, quando está em Campo Grande (MS) o trabalho sexual possibilita obter uma renda que pode variar entre três a quatro salários. Por outro lado, quando viaja para outras regiões do país consegue aumentar seus ganhos.

²³ As dinâmicas e fluxos estabelecidos pelos interlocutores e identificados entre os anúncios e perfis nas plataformas digitais serão analisados no Capítulo II.

Se fosse possível traçar uma espécie de perfil de meus interlocutores no mercado do sexo remunerado, é possível dizer que, em sua maioria, eles têm menos de trinta e um anos, são brancos e/ou morenos, pertencentes a camadas populares e se identificam como homossexuais ou bissexuais. Inclusive, dos cinco interlocutores, três dizem performar somente como ativos, enquanto dois são tanto ativos quanto passivos.

Com relação ao nível de escolaridade, dois possuem curso superior completo enquanto os demais concluíram a educação básica. Ao mesmo tempo, apenas dois não têm no trabalho sexual a sua principal fonte de renda, ainda que todos em algum momento da vida encontraram no trabalho sexual essa condição. Por outro lado, entre os caminhos que os levaram ao trabalho sexual, passou pelo convite de algum conhecido inserido nesse mercado e/ou ao observar as experiências de vida de outras/os trabalhadoras/es do sexo. Apenas um entende que a necessidade financeira foi, num primeiro momento, a principal motivação.

Diante disso, compreendo como os marcadores sociais de classe social, escolaridade, idade, raça/etnia e sexualidade estão inseridos e atravessam suas trajetórias e experiências de vida. Assim, chama atenção o fato de nenhum dos meus interlocutores considerar ser heterossexual, possuir baixa escolarização ou se autodeclarar negro. Contrariamente ao que foi, em grande medida, identificado entre os michês interlocutores de Perlongher (1987, p. 142). Que segundo o autor, acionavam as categorias raciais de “[...] negros ou não-branca (mestiços, mulatos, genericamente chamados de pardos)”.

Além disso, essa constatação contraria a lógica de algumas pesquisas sobre homens trabalhadores do sexo, em que esses trabalhadores, em sua maioria consideram ocupar “[...] o lugar do heterossexual, salvo alguns que demonstram uma homossexualidade manifesta. Outros poucos consideram as condições de ativo liberal e do bissexual como definidora de suas identidades, assim como de suas práticas sexuais e profissionais”, quando não, encontram no trabalho sexual meio de garantir um “extra” ou complementar sua renda, conforme colocado por Viana (2004, p. 305).

Organização dos Capítulos

No primeiro capítulo da dissertação apresentarei e analisarei os sites pesquisados e os anúncios publicados pelos trabalhadores sexuais, bem como, os perfis identificados nos aplicativos de relacionamento. Para tanto, proponho evidenciar como os marcadores sociais da diferença podem produzir conexões, por meio de diferentes discursos nesse universo.

No segundo capítulo analisarei o mercado do sexo em Campo Grande (MS), isto é, como se estrutura o trabalho sexual a partir da perspectiva compartilhada pelos meus principais interlocutores. Assim, problematizarei, a partir das observações realizadas durante o trabalho de campo, seja em conversas informais ou em entrevistas semiestruturadas, como ocorre a precificação dos serviços comercializados, quais as principais estratégias de circulação, trânsitos e mobilidades utilizados para a prática do trabalho sexual.

Já no terceiro capítulo destacarei as diferentes percepções que os interlocutores estabelecem sobre a atividade que exercem. Se a encaram ou não como trabalho, profissão ou atividade voltada para a complementação de renda. Interessa-me, também, compreender algumas questões, como: quais os caminhos que os motivaram a ingressar nesse mercado? Como lidam e encaram essa atividade, tendo em vista as relações que estabelecem com os seus familiares e o meio social mais amplo? por fim, o que pretendem em termos de futuro?

CAPÍTULO I

TRABALHADORES DO SEXO NAS TRAMAS DO ON-LINE, SITES E APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

Ao longo deste capítulo apresentarei os sites pesquisados e os anúncios publicados pelos homens que exercem trabalho sexual com outros homens, bem como, os perfis identificados nos aplicativos on-line de relacionamento²⁴. Evidenciarei, em linhas gerais, como os marcadores sociais da diferença podem produzir conexões através de diferentes estratégias de aproximação, sedução e desejo nesses espaços.

1.1. Entre sites, aplicativos e a montagem dos perfis

A ampliação do acesso à internet criou novas possibilidades mercadológicas, contatos e interações sociais nas últimas décadas (Paranhos, 2019). Esse cenário tem alterado as lógicas do mercado sexual outrora realizado, em grande medida, nos espaços públicos. Evita-se cada vez mais a atuação de homens que fazem trabalhos sexuais em ruas, praças ou parques, principalmente, pela facilidade estabelecida com os novos meios de comunicação e interação. Portanto, os sites especializados em oferecer anúncios de homens que fazem trabalhos sexuais e os aplicativos de relacionamento transformaram-se em um verdadeiro campo de possibilidades para os praticantes e consumidores do sexo pago.

Ao mesmo tempo em que proporcionaram aos homens que fazem trabalhos sexuais serem conhecidos para além das fronteiras geográficas, têm permitido aos seus clientes acessar os anúncios como se esses fossem uma espécie de catálogo, distribuído e organizado de acordo com determinadas especificações, ora delimitadas pelos sites especializados, ora pelos próprios anunciantes. Nessa concepção mercadológica (Lourdes dos Santos, 2013), uma vez o cliente tendo encontrado o perfil desejado é possível entrar em contato e negociar o serviço. De forma geral, o que está em jogo e é negociado aqui é o desejo, a virilidade e o prazer (Barreto, 2017).

Nesse contexto, para melhor compreender as tramas do trabalho sexual de homens que fazem sexo com outros homens e a lógica desse universo, iniciei meu campo a partir da realização de um levantamento dos principais meios digitais utilizados para a comercialização

²⁴ Utilizarei a categoria “trabalhador do sexo” como referência aos homens que comercializam serviços sexuais com outros homens, também conhecidos como “acompanhante”, “garoto de programa”, “prostituto”, “boy”, “michê”, entre outros. Conforme a Classificação Brasileira de Ocupações CBO), publicada pelo Ministério do Trabalho (MTb), número 5198-05, entende-se como profissional do sexo: “Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo”. Disponível em: < <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorCodigo.jsf>>. Acesso em: 25 de jan. de 2023.

e publicação de anúncios de trabalhadores do sexo e que tivessem a cidade de Campo Grande (MS) como espaço de abrangência.

Ao realizar as primeiras buscas na internet, durante as minhas incursões iniciais, em um primeiro momento, identifiquei os classificados *Acompanhante Executivo*, *Hot MS* e *Viva Local* como sites especializados na publicação e divulgação de anúncios de trabalhadores do sexo²⁵. Ademais, foi durante a realização das primeiras entrevistas com alguns dos meus interlocutores que observei serem esses alguns dos principais meios de divulgação e promoção dos seus trabalhos. Entretanto, foi apenas nos dois últimos meses de campo que, durante a realização da entrevista com Anthony (33 anos), obtive contato com o site *Garoto com Local*²⁶.

O levantamento e a catalogação dos perfis ocorreram entre os meses de agosto a dezembro do ano de 2021. No decorrer desse período, entre os quatro sites monitorados, identifiquei cento e cinquenta e sete perfis vinculados à cidade de Campo Grande (MS). Desse total, dezoito afirmavam em seus perfis atender apenas mulheres ou casais heterossexuais, enquanto outros trinta e dois perfis não dispuseram tal informação²⁷.

Percebe-se, ainda, que em sua maioria, sessenta e dois anúncios dos homens que fazem trabalhos sexuais declaram atender mulheres, homens e/ou casais, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero. Outros quinze a atender apenas homens, enquanto vinte e quatro a atender homens e casais homossexuais. Nesse universo de perfis, um único perfil afirmou atender exclusivamente mulheres e três outros a atender homens ou mulheres. Por fim, dois anúncios afirmam atender a casais de homens ou de mulheres.

Pode-se considerar que no cenário pesquisado, os ambientes on-line têm facilitado a relação e interação entre clientes e homens que fazem trabalho sexual. Assim, ao analisar os sites mês a mês percebe-se que, apesar do número de anúncios publicados ser significativo, muitos trabalhadores do sexo utilizam mais de um site para publicar seus anúncios. Provavelmente, por conta de que determinados sites são conhecidos e populares em certas

²⁵ A plataforma *Viva Local* reúne um conjunto de outros serviços que não apenas classificados de “acompanhantes masculinos”. É possível encontrar um rol de outros serviços divididos em dez categorias diferentes. São elas serviços de venda e aluguel de imóveis e veículos, empregos, outros serviços, cursos, animais de estimação, relacionamentos, entre outros.

²⁶ Site esse, conforme acompanhei, possui um número significativo de anúncios publicados mensalmente. Inclusive, alguns dos interlocutores entrevistados afirmaram possuir anúncios nele. O que foi possível, inclusive, constatar durante o trabalho de campo.

²⁷ Dos trinta e dois perfis que não especificaram a qual público seus serviços eram direcionados, trinta foram publicados no classificado *Garoto com Local*. Isso decorre, possivelmente, tendo em vista que o site não impõe qualquer padrão de preenchimento das informações que o anunciante, durante a criação do perfil, tenha que declarar. Os demais sites, no momento da realização do cadastro, apresentam ao anunciante campos específicos para o preenchimento dessa informação. Conforme será apresentado adiante.

regiões, enquanto outros são mais conhecidos nacionalmente nos mercados do sexo, conforme será apresentado a seguir²⁸.

Observando as descrições dos anúncios e perfis percebe-se um conjunto de informações quase sempre presente: nome (mesmo que “de guerra”), idade, peso, altura, fotos, serviços prestados, locais de atendimento, contatos, valor do trabalho, entre outras informações consideradas relevantes. Entretanto, o valor do encontro dependerá, quase sempre, de quais serviços serão contratados e quanto tempo o cliente desejará dispor com o trabalhador do sexo. Todas essas estratégias, sejam elas textuais ou audiovisuais, visam convencer o cliente e fazer com que ele se interesse no anunciante e em seus serviços.

Portanto, foi a partir das informações publicados nos classificados e aplicativos que busquei estabelecer contato com os possíveis interlocutores. Assim, quando eu os abordava, a partir dos números de *WhatsApp* disponibilizados nos sites, apresentava meus interesses com o trabalho que estava a desenvolver e, conforme esperado, diante da dificuldade de estabelecer relações mais profícuas e duradouras, obtive inúmeras recusas. Muito por conta de que nem sempre os diálogos e bate-papos eram bem-vindos nesses ambientes. Uma vez notado o meu interesse enquanto pesquisador e não como um potencial cliente que desejasse consumir os serviços ali comercializados, a recusa era quase sempre imediata.

Além do mais, muitos dos rapazes alegavam não desejar correr o risco de algum modo serem identificados após a publicação da pesquisa. Tanto é que, do total de anúncios catalogados, em oitenta e sete deles os trabalhadores do sexo buscaram preservar suas identidades ao ocultar ou borrar seus rostos. Diante dessa limitação, os dados e informações produzidos em campo, em grande medida, foram efetivados a partir das entrevistas realizadas com os cinco interlocutores que se dispuseram a colaborar, além de conversas informais com alguns trabalhadores do sexo que mantive diálogos mais duradouros no decorrer do meu percurso pelos aplicativos de relacionamento, bem como do acesso aos anúncios que foram devidamente “printados”.

O temor que o trabalhador do sexo de ser identificado se dá, conforme Perlongher (1987) e Barreto (2017, p. 119-120), pela clandestinidade associado/exigida do trabalho sexual. Ou seja, “clandestinidade não só em um sentido de legalidade, mas também de moralidade”. Além do mais, conforme Sergio Alves de Almeida (1986, p. 84), devemos reconhecer que o

²⁸ Para os interlocutores, os classificados de abrangência nacional possibilitam ao anunciante atualizar sua localidade de acordo com a cidade na qual estará a realizar o trabalho sexual, pois, costumam passar temporadas que podem variar entre um a quatro meses nesses locais (inclusive mais tempo), até o seu retorno à cidade de Campo Grande (MS).

trabalhador do sexo é “duplamente estigmatizado, pois pratica sexo pago e o sexo homossexual, ou seja, ele é um prostituto e transa com homens”.

Ademias, o grande fluxo de informações produzidas e a constante alteração das informações publicadas pelos interlocutores nos classificados e aplicativos de relacionamento tornaram ainda mais desafiadoras a sistematização e a análise dos dados produzidos. Portanto, fotos, vídeos e textos comumente eram inseridos, excluídos ou reeditados pelos interlocutores e demais anunciantes. Sendo essa mais uma das estratégias utilizadas pelos trabalhadores do sexo, afim de chamar a atenção dos usuários que acessassem os sites e aplicativos²⁹.

Assim, “partindo dessa ideia, poderíamos afirmar que ‘trocas de desejos sexuais por dinheiro’, ‘negociação do corpo e dos desejos’ e ‘venda de fantasias sexuais’ são algumas das muitas definições atribuídas à prostituição masculina destacadas pelos garotos de programa, entre seus clientes usuários desse mercado [...]” (Wellington de Jesus, 2021, p. 15). Ainda, nesse contexto é perceptível o quanto as técnicas de exploração do corpo, segundo ângulos que pretendem ressaltar aquilo que os interlocutores julgam ser a chave para atrair novos clientes e despertar seus desejos pela busca do prazer podem ser acionadas. “De outro modo, existe todo um repertório gestual marcado por posturas, olhares e atitudes que orquestram o movimento dos corpos no contexto da prostituição” (Viana, 2010, p. 68).

Para Wellington de Jesus (2021, p. 73), em seu estudo, compreende que nos ambientes on-line “os corpos sem rosto também estabelecem um padrão, uma relação instrumental, sem história, sem veículo, sem o possível constrangimento do reconhecimento em outros espaços públicos”. A verdade é que “quase sempre utilizado como elemento de sedução, o corpo é o produto a ser exposto, é um corpo que fala, que diz quase tudo. O michê faz uso do discurso corporal para produzir o encantamento necessário ao convite” (Lourdes dos Santos, 2013, p. 97). Portanto, a narrativa textual na qual o anúncio passa a ser construído tem a intenção de despertar fantasias e desejos sexuais capazes de levar o cliente a entrar em contato e contratar os serviços oferecidos.

Para Barreto, “nesses sites é comum as fotos valorizarem os atributos corporais dos *boys*, seja o peitoral, a bunda ou o tamanho do pênis, principalmente” (2017, p. 26, grifo do autor). “Além das características masculinas (‘machos’) e de um grande pênis, os clientes valorizam os garotos que se apresentam com um corpo malhado, bem cuidado e jovem” (Lima, 2017, p. 163). Não que estejamos na presença de um padrão pré-estabelecido de corpos publicizados

²⁹ Tais estratégias serão melhor apresentadas e analisadas no decorrer deste capítulo. Para saber mais, ver a pesquisa desenvolvida por Jônatas Stritar Alaman, Passamani e Rosa (2022) sobre *escorts* brasileiros em um site português de acompanhantes.

nesse universo on-line em Campo Grande (MS), apesar de algumas nuances, podemos afirmar que no geral são homens que afirmam serem jovens, magros, bem-dotados, saudáveis e com corpos definidos.

A exemplo de Anthony (33 anos) que no *Garoto com Local* realiza a seguinte descrição de si:

*Seja bem-vindo,
Me chamo Anthony. Já estou há alguns anos trabalhando no ramo na cidade, sempre com profissionalismo e tesão.
Tenho 32 anos, estilo de vida saudável, 1m74, 73 kg, estou sempre com barba e peito peludo, dote 20 cm grosso.
Tenho boa pegada, um pau macio, sou atencioso e liberal. Sejam quais forem suas vontades, a gente conversa ou só deixa rolar.
Cachê R\$150,00 sem pressa e sem frescura, sem local. Atendo no seu local ou o motel é por sua conta, mas não cobro pelo deslocamento (tenho carro) e sem outras cobranças adicionais fora o motel.
Agende um horário pois fico vários dias no interior. Você não vai se arrepender.*

Ou, ainda, o exemplo de Christopher (23 anos), que apesar de se identificar no título do anúncio como Pietro (23 anos), na descrição do seu perfil, publicado no *Hot MS*, opta pelo primeiro nome. Assim, Christopher, como será chamado aqui, realiza uma descrição detalhada sobre si, que segue:

*Christopher (fotos reais)!!
Para reserva um horário comigo consulte os disponíveis???
Prazer, sou Christopher Fotos reais, meu Instagram é *****, um corpo malhado nada exagerado do jeito ideal para você cliente de bom gosto! ????
Venha ter um momento único e maravilhoso de muito prazer atenção e carinho comigo! ????
Caso não tenha tempo ou condições de me contrata meus atendimentos presenciais tenho onlyfans³⁰ no qual o valor é menor do que um horário comigo tenho muito conteúdo gostoso e picante para vocês meus clientes:
https://onlyfans.com/****
Meu Twitter: @*****

Como o anunciante comumente realiza temporadas em outras cidades do Brasil, busca reafirmar atributos que julga serem valorizados nesses outros espaços. Lemos o restante da descrição, cuja íntegra diz:

*- Sul-mato-grossense????
- Tenho 23 anos????*

³⁰ Conforme a definição do próprio site, "OnlyFans é uma plataforma de assinatura para maiores de 18 anos que capacita os criadores a possuírem todo o seu potencial, monetizarem seu conteúdo e desenvolverem conexões afiliadas com seus fãs". Ou seja, permite ao trabalhador do sexo cobrar um valor mensal para aqueles que desejarem ter acesso à vídeos, fotos e outros conteúdos exclusivos seu.

- *Pele clara????*
- *Cabelos castanhos claro e curto como na foto????*
- *Uma boca carnuda e corpo escultural????*
- *1,75 M de altura????????*
- *70 Kg????????*
- *Pés 41????*
- *18 cm de dote????*
- *Sou passivo e versátil!*
- ? Atendo: homens e casais na posição passivo e versátil, não atendo mulheres sozinhas, não faço sexo sem camisinha!*
- ???? Atendo em motel hotel local do cliente ou no meu local!*
- Educado, cheiroso, de classe, estilo namoradinho honesto e muito profissional????*
- *Disponível para pessoas que gostam de uma pessoa alto nível!*
- *O meu encontro não é CRONOMETRADO deixo à vontade, Curto beijar, conversar!????*
- *Sou companheiro para viagens ou eventos!????*
- ???? Para vocês que querem ter a primeira experiência, fiquem tranquilos, Satisfação Garantida comigo.????*

Rotineiramente eles completam seus anúncios ao exibir um conjunto de fotos e vídeos que pretendem reafirmar as descrições já realizadas sobre alguns dos atributos físicos e serviços oferecidos. Ressaltam, portanto, marcadores de classe/renda, étnico/raça, orientação sexual e geração, além de evidenciarem o cuidado com o corpo e com a saúde. Tanto é que comumente utilizam seus perfis na rede social *Instagram* ora para publicar fotos e vídeos, ora para compartilhar *stories* com cenas a performar sessões de musculação na academia, procedimentos estéticos ou ensaios fotográficos realizados. Além do mais, a exemplo de Vicente (28 anos), *o Instagram e o Twitter são mais uma vitrine onde é possível realizar propaganda de si e manter contato com alguns clientes.*

Christopher (23 anos) afirma em seu perfil ser um profissional de alto-padrão e para quem tem *bom gosto*, portanto, para contratá-lo é necessário, antes, ter condições financeiras de pagar pelos seus serviços, algo que não considera oneroso em face do que oferece e dos investimentos em procedimentos estéticos que realiza no corpo. Nesse sentido, diz investir no cuidado do corpo para melhor atender os clientes e que o valor cobrado está atrelado à qualidade do serviço oferecido.

Assim, ao utilizar a análise de Wellington de Jesus (2021, p. 30), pode-se compreender “o corpo aqui citado aparece como propulsor das relações sociais estabelecidas nessa prática. Daí sua importância, pois algumas vezes, ou quase sempre, ele media e marca o mercado sexual, sua preservação e manutenção”. Ou seja, assim como no anúncio de Christopher (23 anos) e dos demais interlocutores, “prova disso é o fato de sempre encontrarmos os garotos de programa

imbuídos de certa preocupação em relação à estética corporal, ou seja, como um corpo perfeito possuidor de atributos mercadológicos intransponíveis [...]”.

Ao mesmo tempo, como a própria descrição do perfil de Anthony (33 anos) demonstra, os meios digitais evidenciam as possibilidades de mobilidade cada vez mais constantes entre os diversos lugares. Ou seja, há a possibilidade de contatar não só com clientes que residam em Campo Grande (MS), no interior ou até mesmo em outros estados da federação, para marcar um horário com ele; como também os trabalhadores do sexo que residam no interior ou em outros estados possam se deslocar e realizar trabalhos na capital. Conforme será demonstrado no Capítulo II, outros trabalhadores sexuais comumente realizam esses trânsitos e mobilidades.

Portanto, na produção dos anúncios e perfis on-line é percebido todo um conjunto de técnicas corporais e gestuais transpostas a partir da narrativa textual, da postura e dos olhares. São utilizadas enquanto recurso de sedução. É na [...] coreografia corporal que os boys executam para demonstrar a virilidade esperada e, ao mesmo tempo, se singularizar de modo a valorizar o produto que quer oferecer ao consumo dos possíveis clientes” (Viana, 2010, p. 68).

Sendo assim, nesse mercado dos prazeres, conforme Barreto (2017, p. 36), “[...] é de venda de fantasias e de desejos que também estamos falando. A fantasia é um dos recursos na negociação, já que pode acionar desejos. Ela tem seu preço e é parte integrante do programa”. Portanto, *quem quer alguma coisa, paga o preço que for* (Enzo Boy, 24 anos). Em último caso, todas as possibilidades podem ser negociadas entre o cliente e o trabalhador do sexo.

1.2. Entre as “esquinas” do ponto.com, os trabalhadores do sexo se encontram

Apesar do fenômeno da internet ser algo presente na vida das pessoas desde a década de 1990, só se popularizou com o surgimento dos *smartphones* no início dos anos 2000. Atualmente, pode-se afirmar, as plataformas digitais adquirem cada vez mais importância para o desenvolvimento do mercado do sexo pago. Em Campo Grande (MS), por exemplo, diante da quase inexistência do trabalho sexual de homens em espaços públicos, como ruas, praças ou parques, os ambientes digitais tornaram-se os meios mais utilizados para essa finalidade³¹. Foi o que afirmou Vicente (28 anos)³²:

³¹ Na pesquisa desenvolvida sobre prostituição masculina em Campo Grande (MS), a partir de duas saunas voltadas às interações homoeróticas entre homens, Passamani, Rosa e Lopes (2020b, p. 2) constataram que “a prostituição de rua sofre um refluxo e, no âmbito privado/comercial, há um aumento de oferta desse *negócio* nas saunas, sobretudo nos grandes centros urbanos do sudeste e do nordeste do Brasil”.

³² O interlocutor relata, ainda, desejar ser conhecido e reconhecido enquanto trabalhador do sexo no cenário campo-grandense. Afirma possuir outras formas de promover seu trabalho, como um perfil na rede social *Instagram* que conta com mais de mil e quinhentos seguidores. Semanalmente compartilha vídeos e fotos a convidar seus

O site é primordial. Pelo menos pro homem garoto de programa masculino o site é primordial. Porque não existe zona, né! Não existe essas casas de prostibulos e aqui no Mato Grosso do Sul quase não tem rua. Pelo menos aqui em Campo Grande não conheço nenhuma rua que os garotos fazem, assim como São Paulo, assim como Florianópolis, Rio Grande do Sul, entendeu.

Essa constatação também foi evidenciada por Passamani, Rosa e Lopes (2020a). No estudo desenvolvido pelos autores entre os anos de 2016 a 2019 com trabalhadores do sexo que atuavam nas ruas da capital sul-mato-grossense, identificaram quase dez interlocutores durante o período de realização da pesquisa. Constataram, ainda, que a prostituição de rua em Campo Grande (MS) é algo restrito e praticamente inexistente, deste modo, pouco lucrativa. Ou seja, “[...] a prostituição masculina no centro da cidade é de poucos e flutuantes garotos, ou seja, há diferentes garotos, em poucos momentos e apenas em alguns dias” (2020a, p. 4)³³.

Assim, tendo em vista que foi nos sites que encontrei o maior número de perfis de trabalhadores do sexo, de um total de mais de cento e cinquenta anúncios catalogados durante a realização do campo, apresentarei uma descrição de como esse ambiente é constituído e, ao mesmo tempo, me proponho a analisar alguns dos perfis vinculados. Ainda que outros perfis comporá o contexto analítico trabalhado nos demais capítulos.

Assim sendo, os sites de anúncios especializados, enquanto “novos territórios virtuais”, são considerados fundamentais para os trabalhadores do sexo divulgar seus serviços (Barreto, 2019)³⁴. Os anúncios são produzidos, quase sempre, segundo a lógica do mercado, busca-se encantar e convencer a partir da produção de imagens e vídeos associados ao erotismo, além de narrativas textuais relacionadas às fantasias e a determinados desejos sexuais.

Segundo Paul B. Preciado (2018, p. 291), essa lógica de mercado pós-fordista, ou melhor, farmacopornografia, no capitalismo está atrelada à relação entre corpo e tecnologia. Ou seja, o corpo é produzido, moldado e performatizadas a ponto de estimular excitações, desejos e gozo. Ocorre, a partir de então, “a transformação da *pontentia gaudendi* de um corpo em mercadoria

seguidores e clientes a frequentarem uma sauna bem conhecida localmente na qual atende durante os finais de semana. Além do mais, já utilizou os aplicativos de relacionamento com a finalidade de obter novos clientes. Esses e outros pontos serão retomados nos capítulos II e III. Sobre trabalho sexual de homens em saunas de Campo Grande (MS), ver o trabalho de Passamani, Rosa e Lopes (2020b).

³³ A prostituição masculina é compreendida enquanto um ramo do trabalho sexual. Portanto, este último caracteriza-se enquanto conceito mais abrangente e pode incluir outras formas de serviços sexuais além da prostituição, como sexo, massagem erótica, companhia, entre outros (Weitzer, 2000).

³⁴ Pode-se afirmar que enquanto o digital refere-se às informações transmitidas ou armazenadas eletronicamente, expressões em formato numérico, como imagens, vídeos e músicas; o virtual está atrelado às experiências estabelecidas no ambiente simulado pelo computador, por outro lado, on-line refere-se às conexões estabelecidas através da internet e normalmente inclui sites, aplicativos, serviços de *streaming*, rede sociais, entre outros (Alves, Ferraz, 2017; Ferraz, 2019). Portanto, o mais apropriado é pensar em “novos territórios on-line” como a expressão do campo de atuação cada vez mais difundida dos trabalhadores do sexo nos sites de classificados e aplicativos de relacionamento.

por meio de um contrato (mais ou menos formal) de serviço sexual” (Grifos do autor). Para o autor, talvez, a força de trabalho (e aqui coloco os trabalhadores do sexo) é percebida a partir da sua capacidade de excitação e produção/força orgásmica³⁵.

Nesse contexto, a partir do momento em que o corpo se torna mercadoria comercializável, conforme Lourdes dos Santos (2013, p. 94), ele passa a desempenhar “[...] um duplo papel: em primeiro lugar, deve despertar o interesse, provocar desejo e incitar o prazer; em segundo, saciar esse desejo e proporcionar o prazer que o cliente busca”.

Conforme percebido por Barreto (2019), ao analisar a compreensão de Perlongher sobre “territorialidade marginais”, deve-se pensar território enquanto algo fluído e constante, para além das fronteiras fixas e estabelecidas. Desse modo, “[...] os meios virtuais, em suas diversas plataformas, também possam ser compreendidos como possíveis territórios existenciais” (p. 84). São neles que os trabalhadores do sexo se reconhecem, atuam e negociam a realização, o sexo, o prazer e o desejo.

Sobre os meios on-line, para Silva Santos (2021, p. 120),

Seguindo a lógica do mercado, esses saem da marginalização e da escuridão da noite e das ruas e passam a exercer seu trabalho por meio de sites, que criam comunidades de seleção (CASTELLS, 2011) e apresentam aos clientes as possibilidades de compra.

Ou seja, apesar da existência e da comercialização de determinados serviços sexuais entre as ruas, saunas e clubes de sexo, nota-se cada vez mais a predominância da atuação dos trabalhadores do sexo nas plataformas de relacionamento e classificados on-line. O que eu quero dizer é que esses contextos se complementam, não se excluem. Basta perceber a popularização e o número cada vez maior de sites especializados de classificados sendo criados e que reúnem anúncios e perfis de trabalhadores do sexo de todo o Brasil.

Alaman e Passamani (2021, p. 8-9) irão considerar que os classificados on-line,

[...] em vista dos códigos dessa modalidade de trabalho sexual, é possível obter mais informações, ainda que de forma parcial, sobre o cliente. Por sua vez, o cliente teria mais ‘segurança’, pois os sites em que os escorts são cadastrados têm o registro de cada um deles, portanto, o escort não seria um completo

³⁵ Para Preciado essa *potentia gaudendi*, ou força orgásmica, é entendida como “[...] uma capacidade indeterminada; não tem gênero, não é nem feminina nem masculina, nem humana nem animal, nem viva nem inanimada. Sua orientação não se dirige ao feminino nem ao masculino nem conhece diferenças ou fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade ou entre objeto e sujeito; esta potência também não sabe a diferença entre ser excitado, excitar ou excitar-se com. Esta potência não privilegia um órgão sobre o outro, de modo que o pênis não possui mais força orgásmica do que a vagina, do que o olho ou dedo do pé. [...] É uma força de transformação do mundo em prazer – ‘prazer com’. A *potentia gaudendi* reúne ao mesmo tempo todas as forças somáticas e psíquicas, e reivindica todos os recursos bioquímicos e estruturas da mente” (2018, p. 44-45).

estranho. Em situações muito excepcionais, caso houvesse problemas no negócio, seria possível rastrear as partes envolvidas.

Desse modo, me propus a mapear os sites (*Acompanhante Executivo*, *Hot MS*, *Garoto com Local e Viva Local*) e catalogar os perfis e a produção dos anúncios publicados pelos trabalhadores do sexo. Aqui, tanto no *Acompanhante Executivo* como nos demais classificados, ao acessá-los, é comum identificarmos mensagens de aviso a advertir seus usuários de que os classificados não se caracterizam enquanto agência voltada à promoção de encontro, mas que se limitam a disponibilizar e/ou comercializar espaços on-line para a publicação de anúncios. Ainda, aos usuários, lembrará que o acesso só é permitido caso sejam maiores de 18 anos e estejam em plena capacidade civil.

A exemplo, segue os termos da plataforma:

O Acompanhante Executivo não realiza ou intermedeia contatos, encontros ou eventos com acompanhantes, não cobra qualquer comissão, nem qualquer valor, seja da natureza que for, do usuário ao fechar encontro com qualquer anunciante do site.

Para entrar em contato com qualquer acompanhante, ligue diretamente para o seu telefone particular, disponível gratuitamente em seus respectivos anúncios.

O Acompanhante Executivo informa que não se responsabiliza pelas informações, imagens e textos dos anúncios, posto que são de total responsabilidade dos anunciantes, já que o site é apenas um meio de publicitação, não sendo mediador, atravessador ou responsável pelo contato direto entre o anunciante e seu cliente. (*Acompanhante Executivo*, on-line, 22 de agosto de 2022)

Em outros termos, a política adotada pelo classificado *Garoto com Local*³⁶, ao advertir aos seus usuários, diz que:

Não intermediamos atividades de garoto de programa (GP). Não somos agência de GP, mas sim um **veículo publicitário de divulgação de anúncios de acompanhantes masculinos maiores de idade**. Anunciamos somente homens de todo o Brasil. Rapazes gays ou boys héteros. Não toleramos preconceito. (*Garoto com Local*, on-line, 1 de agosto de 2021, grifo meu)

A partir do momento que os classificados se colocam enquanto veículos publicitários voltados à divulgação de anúncios on-line de trabalhadores do sexo, pretendem evitar a caracterização do tipo penal previsto no Artigo 230 do Código Penal (1940), no qual estabelece àqueles que venha a “tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus

³⁶ Essa advertência encontra-se na parte inferior da página e logo abaixo da categoria “anúncios”. Também é possível acessar informações como “Parceiros”, “Sobre”, “Contato”, “Política de Privacidade”, “Anunciar”.

lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça” pode incorrer à pena de reclusão de um a quatro anos, e multa.

Ainda, sobre a criação do anúncio nos classificados, cabe destacar, quanto mais informações forem disponibilizadas, maiores serão as chances de os trabalhadores do sexo obter novos contatos (Silva Santos, 2021). Ou seja, para ter seu anúncio vinculado aos classificados, antes é necessário realizar o cadastro informando alguns dados (nome, sexo, telefone para contato, algum documento pessoal³⁷, estado, cidade). Além disso, cada classificado disponibilizará ao anunciante um conjunto de informações vinculadas ao seu perfil, além de fotos e/ou vídeos curtos que fará parte de uma espécie de álbum seu³⁸.

Normalmente tanto as fotos quanto os vídeos vinculados buscam retratar o trabalhador do sexo em atos de carícia, masturbação ou, até mesmo, durante a realização de determinada performance sexual que pode conter cenas de penetração ou não. As fotos e vídeos publicados seguem padrões distintos, tendo em vista que enquanto alguns anunciantes realizam ensaios fotográficos profissionais ou semiprofissionais, outros produzem seus próprios conteúdos de modo não profissional³⁹.

Pode acontecer de no mesmo anúncio o trabalhador do sexo mesclar fotos e/ou vídeos que demandam ou não certa produção profissional do conteúdo. Por outro lado, Alaman e Passamani (2021, p. 12) irão considerar que “fotos bastante elaboradas, realizadas por fotógrafos profissionais, em cenários cuidadosamente elaborados, gerando imagens de alta qualidade, podem vir a ser um diferencial nessa modalidade de trabalho sexual exercido por homens”. Aqui, além de pensar a produção e a qualidade das fotografias é necessário arquitetar a produção estética e discursiva dos anúncios de modo mais detalhado.

Portanto, ainda, conforme Alaman e Passamani (2021, p. 12) que:

Neste jogo de palavras, imagens e sedução, os sites têm papel fundamental e a reputação de um escort pode muito bem depender de como ele se vende e

³⁷ Para o Hot MS, a documentação é indispensável, pois “caso necessário os dados serão fornecidos às autoridades competentes e [o anunciante será] suspenso da plataforma! Afinal você é responsável por todo conteúdo do seu anúncio” (Hot MS, on-line, 1 de agosto de 2021). Assim, a efetivação do cadastro só ocorrerá após o envio de um documento pessoal com foto do novo anunciante, como meio de comprovar a veracidade da sua identidade. No caso do *Hot MS*, o site exige o envio de uma fotografia em que o trabalhador do sexo esteja a segurar uma folha branca na qual deverá estar escrito o código, constituído de um conjunto de letras e números, que os administradores do site o encaminharem. Muitos dos anunciantes, inclusive, optam em publicar essa fotografia com a intenção de demonstrar ter ocorrido, por parte do site, a confirmação e validação da sua identidade pessoal.

³⁸ O site *Acompanhante Executivo* adverte: “Na foto de capa permitimos nudez, mas não permitimos fotos com close/zoom na região genital, fotos mostrando a região anal, simulação de ato sexual ou ato sexual em si. O anúncio será removido” (Acompanhante Executivo, on-line, 22 de agosto de 2022). Apesar dessa proibição é comum encontrarmos anunciantes que tenham como fotos de capa seus órgãos genitais eretos ou suas nádegas.

³⁹ Os cenários para a realização fotos podem ir desde bares, quartos de hotel, motel, salas, banheiros, piscinas, automóveis e motocicletas à espaços entre a natureza, como matas e praias.

realiza o seu trabalho. A alteração das fotos e a correspondência a certo imaginário, que os desenham como fortes, viris, ativos e que os marcam como morenos, mulatos ou latinos conformam, precisamente, estes anúncios.

Ademais, é possível adicionar informações como: idade, altura, manequim, peso, olhos, cabelos e tonalidade da pele (pardo, branco, indígena, negro). Outras informações como o horário que o trabalhador do sexo estará disponível para a prestação do serviço, se o pagamento poderá ser realizado com cartão bancário ou outras formas de pagamento, como pix ou dinheiro em espécie⁴⁰, bem como, o local onde ocorrerá a prestação do serviço. Entre os locais onde costumam estabelecer para a realização do encontro destacam-se o domicílio (cliente ou anunciante), festas e eventos, hotel, motel, local próprio ou outro local a ser negociado.

De fato, uma vez que a catalogação dos anúncios geralmente ocorreu entre o dia primeiro ao dia cinco de cada mês, no meu primeiro acesso, início de agosto de 2021, o classificado *Acompanhante Executivo* continha vinte e quatro anúncios. Sete novos anúncios passaram a integrar o site entre os meses de setembro a outubro do mesmo ano. Desse total, entre aqueles que se diziam atender homens pude identificar vinte e um trabalhadores do sexo⁴¹.

Conforme observado, entre os meses de agosto e outubro, o número de anúncios novos foi relativamente pequeno. Em contrapartida, o número de anúncios que deixaram de ser vinculados à cidade de Campo Grande (MS), em comparação ao início da pesquisa, foram nove. Além do mais, do total de perfis catalogados apenas quatro informaram não residir na cidade, mas que estavam a realizar trabalho de curta temporada e um que estava a atender exclusivamente através de vídeo-chamada. Ou seja, esse fluxo constante de trabalhadores do sexo foi constatado entre os demais classificados. O que pode estar associado ao constante deslocamento desses trabalhadores entre as diversas regiões do país.

Aqui, ao pensar os marcadores de cor/raça, do total de anúncios publicados, dez informaram ser brancos, dezessete pardos e quatro se diziam negros. A média de idade ficou em vinte e quatro anos, a ser possível encontrar perfis entre vinte a trinta anos. O que pode ser considerado um dado significativo, tendo em vista que são constituídos de uma maioria jovem, parda e que afirma atender homens, mulheres e/ou casais. Saliento, ainda, que os dados referentes aos meses de novembro e dezembro não foram analisados haja vista que o classificado ficou off-line até meados do primeiro semestre do ano de 2022⁴².

⁴⁰ O pagamento via pix é uma forma de pagamento eletrônico instantâneo criado pelo Banco Central do Brasil no ano de 2020 e que se popularizou, sendo uma das formas de pagamento mais utilizadas no país desde então.

⁴¹ Entre os demais anúncios é possível identificar aqueles que não informam qual público atendem, além dos que dizem atender apenas mulheres e/ou mulheres e casais de mulheres. Portanto, esses não fizeram parte da pesquisa.

⁴² Constatei que logo após esse período a plataforma ficou novamente off-line e não voltou a ser reativada pelos seus administradores.

Diferentemente do classificado *Acompanhante Executivo*, o *Hot MS* é caracterizado entre os meus interlocutores enquanto sendo um site de abrangência regional. O levantamento dos anúncios e perfis ocorreu entre os meses de agosto a dezembro de 2021. Foi possível encontrar nele anúncios de trabalhadores do sexo de outras cidades localizadas em estados vizinhos. Entre as cidades de Mato Grosso do Sul, estão Amambaí, Campo Grande, Dourados e Ponta Porã, como também, a cidade de Foz do Iguaçu, localizada no estado do Paraná.

Durante os meses que estabeleci o trabalho de campo, a considerar apenas a Cidade de Campo Grande (MS), o site possuía trinta e três anúncios de trabalhadores do sexo. Desses, vinte e quatro declaram atender homens e/ou outros públicos. No que tange à idade, o *Hot MS* se diferencia ao ser o único entre os classificados pesquisados que apresentou um grupo significativo de perfis com idade acima de trinta anos. Ou seja, entre os anúncios catalogados, foram identificados oito perfis com idade entre trinta a trinta e nove anos e três com idade entre quarenta a quarenta e oito anos. Os demais informavam ter entre vinte a vinte e nove anos.

Outro aspecto que normalmente recebe destaque entre os anúncios vinculados é a definição de cor/raça, mas que no *Hot MS* e no *Garoto com Local*, pelo fato de não possuir um campo destinado a essa informação, muitos trabalhadores do sexo não a especificam no texto de apresentação. No caso do primeiro site, entre o total de anúncios, apenas nove informaram. Desses, três afirmam ser brancos e seis pardos e/ou morenos. Em contrapartida, não foi identificado nenhum negro.

A mesma constatação pode ser observada no *Garoto com Local*. Ou seja, dos onze que especificaram sobre a cor/etnia, três afirmam ser homens brancos, enquanto oito se denominam pardos ou mestiços. Ainda, nenhum perfil se identificava como negro ou indígena. Considero aqui ser essa, diante da pouca ou nenhuma visibilidade, uma ausência sentida entre os classificados on-line no cenário do mercado do sexo local.

Conforme Perlongher (1987, p. 143), há uma construção histórica sobre o corpo negro, ou seja,

Existe um folclore segundo o qual os negros são mais viris, mais potentes, dão mais no “couro”; é o mito do negro forte, machão, violento e que possui o pênis com proporções gigantescas, que se cultiva muito, também entre os homossexuais. É muito comum a gente ouvir homossexuais dizerem que transaram com um “negão”, ou “um negão do pau deste tamanho”.

Portanto, segundo Barreto (2017), há um certo encanto “[...] em relação ao corpo negro ou moreno e seus atributos sexuais como parte de um mito que se formou em torno da sexualidade dos homens de cor”. Ainda, nesse mesmo contexto, Braga (2013, p. 58) irá considerar que:

No mercado homoerótico em geral, e na internet, em particular, esse *frisson* em torno da sexualidade do negro pressupõe, porém, a correspondência com certos atributos da masculinidade, como a força física, a assertividade, a rudeza, sem falar, é claro, na suposta superioridade negra no que tange às dimensões do pênis, o que os qualificaria como ativos irresistíveis. Configura-se então, no mundo do sexo entre homens, uma articulação entre heteronormatividade e racismo, que, por um lado, exalta um negro sobrenaturalmente masculino e, por outro, subalterniza o negro “normal”.
(Grifo do autor)

Por outro lado, só foi possível compreender o número relativamente alto de anúncios no *Garoto com Local* quanto conversei com Txai (21 anos). Segundo ele, entre os classificados de trabalhadores do sexo para Campo Grande, o *Hot MS* e o *Garoto com Local* oferecem maior visibilidade ao trabalho. Inclusive, também, são os que garantem maior retorno financeiro. Ou seja, ambos são populares nesse meio, principalmente, quando consideramos a quantidade de anúncios vinculados neles. O primeiro apresenta uma maior capilaridade e possui anúncios não só na capital, como em diversas cidades do interior do estado; enquanto o segundo é popular e conhecido nacionalmente, principalmente nos grandes centros urbanos⁴³.

Isso fica evidente, pois, por mais que eu tenha catalogado mais de quarenta anúncios no *Garoto com Local*, onze informam sair com outros homens, enquanto dezenove não especificaram a quem seus serviços são direcionados. Ou seja, é necessário o cliente entrar em contato com o anunciante e o questione no momento da negociação a quem seus serviços são direcionados.

Acredito que isso decorre do fato de que o classificado não padroniza em seu *layout* ou determina que o anunciante disponibilize informações como altura, peso, porte físico, idade, cor, sexo, entre outras. Diferentemente dos outros classificados, que disponibilizam campos específicos. Ainda assim, ele possibilita adicionar tais informações na sessão “descrição”. Ou seja, ao anunciante é possível inserir ou complementar alguma informação, reafirmar ou detalhar quais são e como será realizado o serviço.

Portanto, a narrativa textual na maioria das vezes aciona a intimidade e a afetividade como componentes de aproximação entre o anunciante e cliente, ao mesmo tempo em que utiliza elementos como idade, centímetros penianos, cuidado com o corpo, peso, altura e formas de pagamento para delimitar a relação meramente profissional da sua atuação enquanto trabalhador do sexo (Viana, 2010; Silva Santos, 2021).

⁴³ Para os interlocutores esse representa um dos sites que garante significativa visibilidade aos seus serviços, muito por conta da sua abrangência e popularidade nos grandes centros urbanos. Ao trabalhador do sexo que se desloca para passar temporadas em outras regiões, basta acessar o seu perfil e atualizá-lo com a cidade na qual se encontra para que o anúncio seja vinculado entre os classificados desta.

Ainda, no *Garoto com Local*, dos mais de quarenta analisados apenas quinze informaram a idade, mesmo a saber que essa informação é relevante, pois, geração é um marcador significativo e muito valorizado no mercado do sexo pago (Lourdes dos Santos, 2013). Desses quinze perfis, a média de idade ficou em vinte e quatro anos, ou seja, com exceção de um perfil de trinta e dois anos, os demais anunciantes afirmaram possuir menos de vinte e sete anos. Como exemplo, o anúncio de Cauã (23 anos) faz uma descrição pormenorizada de si e quais os serviços oferecidos:

Boy puto primeira vez anunciando na aqui, gozo farto e pica bem dura e uma Bunda super Gostosa!
Venha ter um momento de prazer de ir às nuvens de tesão e poder dá uma boa gozada.
Mamadeira sempre cheia e pau Durão direto para vocês.
 - Tenho 23 anos.
 - Uma boca carnuda.
 - 1,75 M de altura
 - 70 kg
 - Pés 40
 - 19 cm de dote 🍌
 Atendo: homens, mulheres e casais
 🚫 Vendo conteúdo e faço chamada de vídeos
 📍 *Atendo em MOTEL, HOTEL, RESIDÊNCIA E LOCAL PRÓPRIO
 Educado, cheiroso, de classe, estilo namoradinho honesto e muito profissional 🔥
 * Disponível para pessoas de gosto.
 * O meu encontro não é CRONOMETRADO deixo à vontade, Curto beijar, conversar! Sou companheiro para viagens ou eventos.
 Para vocês casados, também certeza que ficarão satisfeitos e com todo o sigilo.
 * Observação:
 * Seja objetivo.
 * Não entrar em contato comigo para discutir valores!!, pois quem encontra preço não encontra qualidade, garantia de momentos inesquecíveis.
 Não recebo ligações e por favor antes de sair cmg avisar 30 mnt de antecedência. (Cauã, on-line, 02 de nov. de 2021)

Por outro lado, no *Viva Local*, ainda que não seja considerado um site voltado exclusivamente à divulgação de serviços de trabalhadoras/es do sexo, foi o classificado que identifiquei o maior número de anúncios publicados. Cataloguei cinquenta e dois perfis. Em sua maioria, quarenta e nove, informaram atender homens. Aqui, ainda, quando analisado o recorte cor/raça é possível realizar um contraponto em relação aos demais classificados, pois, na maior parte dos anúncios essa informação está disponível. Desse total, trinta e dois se declaram brancos, treze pardos ou morenos, cinco negros, um oriental e um não se identificou. Tanto que é possível estabelecer um perfil mais preciso dos trabalhadores do sexo que anuncia

na plataforma. Esse é composto, em sua maioria, de homens que comercializam serviços sexuais com outros homens, brancos e com média de idade de vinte e seis anos.

Ainda que o número de anúncio ativos no *Viva Local* seja representativo e a média de idade consideravelmente baixa, quando identifiquei o anúncio de Txai (21 anos) no classificado, declarava ter dezoito anos. Segundo ele, a sua idade real não é revelada diante da demanda do mercado em contratar trabalhadores do sexo com menos de vinte anos. Para o interlocutor, os clientes *preferem geralmente mais novos. Entre dezessete, dezoito anos. Cara, eles ficam só com até dezenove, vinte anos, né! Se eles estão pagando, eles não vão querer um velho pra sair.* Ou seja, aqui a idade é colocada como um diferencial de alto valor no mercado sexual, ainda mais quando associado à virilidade, “bom dote” e corpo definido/atlético/malhado/magro. São esses os elementos que se espera do trabalhador do sexo.

Perlongher (1984, p. 591) irá afirmar que “em geral, a idade para o exercício da profissão oscila entre os 15 e os 25 anos [...]”. Sendo essa perspectiva ainda compartilhada por alguns trabalhadores do sexo, tanto que as primeiras experiências de Txai (21 anos) no mercado do sexo remunerado ocorreram quando ele ainda era menor de idade. Já hoje pensa em permanecer na profissão até os vinte e seis anos. Por outro lado, ainda que a idade se torne um peso para o trabalhador do sexo, conforme será demonstrado, é possível identificar anúncios onde esses declaram possuir vinte e cinco anos, mesmo que em menor número.

A questão geracional aparece como elemento sintomático não só aqui como em outros contextos e pesquisas já desenvolvidas sobre trabalhadores do sexo no Brasil. Foi o que constatou Alan de Loiola Alves (2011) na capital fluminense, Maria Lourdes dos Santos (2013) em Fortaleza (CE) e Fernanda Burbulhan (2014) na cidade de São Paulo (SP) ao perceberem que no mercado do sexo pago os clientes tendem a contratar garotos muito jovens para o consumo de determinados serviços sexuais.

Além disso, apesar de não possuir qualquer custo para o trabalhador do sexo criar um perfil e publicar seu anúncio, caso deseje obter maior retorno financeiro é possível patrociná-lo. Ao efetuar o pagamento ao classificado *Garoto com Local*, os administradores sobem o anúncio à sessão dos “*anúncios vips*”, localizada no topo da página daquela cidade em que esse estará vinculado⁴⁴. A posição que o anúncio *vip* ocupará na página de classificados sofrerá gradação e será fixada de acordo com a modalidade do patrocínio pretendido, tendo em vista

⁴⁴ Essa possibilidade de patrocínio também foi notada no *Viva Local*. Neste, o anúncio é inserido na sessão *VIP/Premium*. Ou seja, a modalidade permite ao anunciante patrocinar seu perfil e fazer com que ele apareça no topo da lista, logo acima dos anúncios gratuitos. Ademais, pode ser vinculado ao catálogo de anúncios *vips* da plataforma e ser exposto a todo o Brasil.

que esses podem ser subdivididos em até quinze níveis separados pelo símbolo gráfico de espada (♠)⁴⁵.

Portanto, de acordo com o valor aportado para o patrocínio do anúncio, esse será separado dos demais e ocupará uma posição de destaque entre as quinze espadas, ou melhor, níveis da sessão *vip*. Ou seja, quanto mais espadas ambicione mais destaque e melhor classificado o anúncio alcançará. Importante ressaltar que para os anúncios patrocinados, abaixo da sessão de fotos e vídeos da sua página, não será vinculado nenhum outro anunciante *vip*, diferentemente daqueles perfis não patrocinados, nos quais os *vips* serão expostos como sugestão de contato para os usuários. Por outro lado, aqueles anúncios não patrocinados tendem a ocupar a parte inferior do classificado, quando não, até mesmo as últimas posições e, ainda, correrá o risco de obter pouca ou nenhuma visibilidade.

Atrelado à essas possibilidades, diferentemente dos demais classificados analisados, logo abaixo da sessão de vídeos, o *Garoto com Local* permite aos clientes que consumiram os serviços do anunciante comentar e publicar como foi a experiência e o nível de satisfação durante o encontro. Um meio de promover ainda mais o serviço do trabalhador do sexo. Porém, ao mesmo tempo, o site lembra que apenas comentários positivos serão publicados no perfil do anunciante⁴⁶. Conforme Enzo Boy (24 anos), sobre as avaliações que recebeu de seus clientes, pondera: *eu tenho algumas críticas, né. Algumas críticas construtivas. E tenho bastante avaliação positiva.*

Ainda, nesse contexto, Txai (21 anos) descreve que na capital paulista, por exemplo,

Você chega a pagar até R\$ 1.500,00 por um anúncio. Quanto mais estrelas você tem mais chances você ganha, entendeu. Estrela é como se fosse... tipo, você paga os destaques. Você paga dez estrelas, aí tem um garoto de programa que tem uma estrela, então, se você tem dez o cara vai te pagar bem mais, entendeu. Porque você investe. Lá se você tem dez estrelas, você paga R\$ 1.500,00 no destaque para você ficar quinze dias. Uma estrela custa R\$ 150,00. [...] Em São Paulo é porque tem muitos, né. Porque você fica no topo. Se está no topo, os primeiros que entrar no site vão te ver. Se você não paga destaque o seu anúncio vai ficar um dos últimos. E se o cara quer pra agora você acha que ele vai perder tempo de olhar até o último, não, ele vai olhar os primeiros.

Apesar de possível, durante os dois meses de realização do campo a catalogar os perfis ativos no site *Garoto com Local*, não identifiquei nenhum anúncio patrocinado para Campo Grande (MS). Esse fato se dá, conforme Txai (21 anos), diante número relativamente reduzido

⁴⁵ Logo que o site utiliza como marca e remete a homens, acompanhantes, boys, rapazes e garotos de programa.

⁴⁶ Não há qualquer controle sobre a identidade do usuário/cliente que tenha avaliado os serviços do anunciante. A plataforma exige apenas que seja informado o nome ou *nickname* do usuário.

de perfis ativos, o que torna essa modalidade pouco atrativa, tendo em vista ambos os anúncios obterão visibilidade.

Ou seja, o trabalhador do sexo tende a não dispor de algum valor para garantir maior visibilidade ao seu perfil, uma vez que esse não estaria a ocupar uma posição desprestigiada entre os demais anúncios ativos. Isso decorre, possivelmente, pelo fato de que o número considerado relativamente pequeno de perfis assegura a visibilidade pretendida pelos interlocutores quando os clientes acessam o classificado para aquela cidade.

Por outro lado, pude perceber, para as cidades localizadas nos grandes centros urbanos, a exemplo de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), onde o número de trabalhadores do sexo ativos tende a ser maior, também, reflete no número de anúncios patrocinados. No entanto, a depender do valor aportado essa modalidade não garantirá uma posição privilegiada ao anúncio caso esse ocupe os últimos níveis da sessão *vip* com relação aos demais que são patrocinados com valor elevado.

Conforme Silva Santos (2021, p. 120), ao analisar as modalidades de anúncios dos trabalhadores do sexo de luxo para a cidade de São Paulo (SP), afirma:

Ao se inscrever, além do envio de documentos comprobatórios de idade, os profissionais pagam uma taxa mensal para a manutenção e divulgação do trabalho. Essa taxa varia de R\$ 300,00 até R\$ 700,00 por mês, sendo os maiores valores para os garotos que querem aparecer como destaques na página. Essa dinâmica, que quebra o vínculo michê-cafetão, apesar de mantê-lo de outra forma, passa a ser entendida como uma parceria profissional, na qual quem manuseia e controla o site também lucra com a atividade desempenhada por esses profissionais (Lourdes dos Santos *et. Al.*, 2013; Barreto, 2014).

Ainda, quando analisamos a relevância dos anúncios vinculados a essas plataformas para a visibilidade do trabalhador do sexo, atrelado às possibilidades de obter novos clientes e se manter inserido nesse contexto, Enzo Boy (24 anos), destaca:

Enzo Boy: *O Hot MS é um site pago. Eu tinha muito medo de patrocinar o site e não ter retorno. Agora nos outros, desde o começo, faz mais de um ano. No Skokka, Garoto com Local, Acompanhante Executivo, esses aí.*

Eu: Quando o Hot MS cobra para anunciar nele?

Enzo Boy: *A primeira semana é R\$ 40,00, a partir da segunda semana, R\$ 30,00 por semana.*

Eu: Você viu se deu retorno ou não?

Enzo Boy: *Bastante! Porque o site ele entrega mais a mais pessoas, né. Você procura no Google, o site patrocinado ele tem preferência.*

É importante pensarmos que entre os classificados pesquisados a quantidade de anúncios e as respectivas cidades nas quais estes perfis se vinculam pode variar mês a mês segundo a

ativação, desativação e a alteração das informações prestadas pelos trabalhadores sexuais ou de novos anúncios que venham a ser publicados. Nota-se um fluxo intenso de trabalhadores nesses espaços. O que será melhor analisado no Capítulo II.

Um ponto que chama a atenção é o destaque dado ao número de telefone ou outras formas de contato. Além da possibilidade de o trabalhador do sexo realizar uma breve descrição sobre si e como será a realização do serviço. Comumente buscam dar destaque ao tamanho do órgão genital, realização de massagens, fetiches, venda de *packs*⁴⁷ e/ou se o atendimento será direcionado a casais gays ou heterossexuais. Outra informação que quase sempre costuma ser publicada é se durante o sexo performaram como ativo, passivo ou versátil.

Nesse contexto, conforme Silva Santos (2021, p. 122), “[...] a descrição é uma parte fundamental para atrair os clientes. São comumente explorados fetiches e apresentadas características corporais que despertem o desejo daquele que pretende comprar o serviço”. Nesse caso o anunciante exercita sua criatividade e capacidade de persuasão para convencer os clientes a contratá-lo. A narrativa textual adotada vai desde a descrição do seu perfil, ao expor características corporais, ainda que essas informações já tenham sido expostas em campos específicos de alguns classificados, até o acionamento e promessa de realização de determinadas fantasias sexuais.

A exemplo do anúncio de “NOVINHO FUDEDOR DOTATO” (21 anos). O trabalhador do sexo apresenta um conjunto de dez fotos em seu álbum de perfil. Dessas, em cinco, ele está trajando a camiseta do Clube de Regatas do Flamengo e em uma do time italiano Juventus. Nas demais, está performando cenas sexuais e com seu pênis ereto. Na descrição do seu perfil ele se apresenta como:

E aí Sou Júnior O Jogador do Flamengo Dotado, com 22 CM (Considerado O Terror Dos Passivos) Minha Pica é um verdadeira Terror Um EXPLOSÃO de Prazer, Tenho 86k Corpo Definido TATUADO, Sou Novinho Tenho 21 Anos Todo Liso Aquele Pau Pesado Pau De Macho No Meu atendimento Tenho Paciência Curto Uma Boa Massagem Logo depois Aquela Velha Gozada? Meu Leite é Farto grosso e de macho. Sou 100% Ativo Dominador Macho Gostoso Que vai Te fazer sentir sem DOR o que é O Terror!
ATIVO DOMINADOR
MASSAGISTA PROFISSIONAL (Formado Pelo Flamengo)
ATENDO A TRAJE DE JOGADOR
FETICHES – MEIAS – CUECAS – SHORTS – TÊNIS
ATENDO HOMENS – MULHERES E CASAIS!

⁴⁷ Da língua inglesa o termo *packs* significa “pacotes”, ou seja, a comercialização de pacotes de fotos e vídeos com materiais produzidos pelo próprio trabalhador do sexo contendo cenas sensuais ou de sexo explícito e comercializados em sites, aplicativos de mensagens instantâneas e/ou redes de relacionamento.

Os elementos que Junior (21 anos) busca acionar, entre a narrativa textual e as fotos publicadas, fantasias sexuais que remetem ao esporte, em especial o futebol, enquanto espaço de atuação e reprodução de masculinidades e virilidade. Além da indumentária que jogadores de futebol utilizam para a prática do esporte, não basta se colocar enquanto homem, têm que ser viril, dominador, ativo e tatuado. Portanto, consumir esse corpo erotizado e desejado é se conectar a um imaginário extremamente masculino e heterossexual (Camargo, 2015). Assim, ao esporte associa-se força, performance física, velocidade e resistência enquanto construção de masculinidades hegemônicas (Bandeira, Seffner, 2013).

Aqui, assim como colocado por Sandro Braga (2002, p. 159), entendo ser o futebol “[...] uma atividade masculina, que confere aos jogadores uma primazia na ordem da virilidade”. Ou seja, “o jogador de futebol é no Brasil, de certo modo, a personificação do homem viril, forte e másculo”. Por outro lado, ligado a esse imaginário, ao cliente abre-se a possibilidade de consumir e realizar fantasias quase que impossíveis de se concretizar quando pensamos o contexto do futebol.

Com isso quero dizer, ainda que não caracterize enquanto um espaço esportivo, Junior (21 anos) ao performar com trajes de jogadores de futebol, busca representar elementos que o constitui, a atrelar a ele à concepção de juventude, masculinidade, virilidade e dominação aciona fantasias sexuais e eróticas em seus clientes. Ou seja, ainda que nesse universo estabelecem-se interdições, proibições e tabus, tornam-se “acessíveis” através da realização de fantasias e fetiches sexuais sendo performatizados pelos trabalhadores do sexo.

Quando penso sobre os classificados e a produção dos anúncios, durante a realização do campo, é possível perceber que parte deles é produzida de modo não profissional. A pouca produção vai desde a publicação de áudios caseiros, a passar pelas fotos e vídeos, até a descrição dos seus perfis. Isso, ao considerar que as fotos são produzidas, possivelmente, a partir de *smartphones* ou câmeras não profissionais. Os cenários utilizados, em muitos deles, retratam ambientes domésticos como quartos, banheiros, cozinhas e salas de estar. Quando não, ambientes como hotel, motel, bares, oficinas, entre outros.

Essa não é uma lógica utilizada entre todos os trabalhadores do sexo, pois ao mesmo tempo encontrei anúncios mais produzidos e que demandaram mais investimento financeiro. Quero dizer que essa preocupação se encontra desde a escolha e organização do cenário, a passar pela elaboração das fotos, vídeos e redação do texto a ser publicado em seus perfis.

Recordo, quando conversava com Txai (21 anos), de certa indignação apresentada na sua fala ao comentar sobre a qualidade da produção de alguns anúncios ativos nos classificados de Campo Grande. Ele julga que *as fotos, a imagem que você tá vendendo* [nos classificados

locais], *tem cara que é feio lá, né. Minhas fotos são profissionais. Foi em Brasília que eu as tirei, que eu paguei o cara pra tira. Você já entrou nos sites de São Paulo? Lá as fotos são super profissionais*⁴⁸.

Ainda, ao perguntá-lo mais uma vez para que falasse mais sobre a diferença na produção dos perfis e anúncios publicados nos sites de Campo Grande (MS), com relação aos de outras cidades nas quais o mercado do sexo pode ser visto como mais intenso, o interlocutor enfatiza: *só vê, né! A qualidade das fotos lá e das fotos aqui. Aqui são normais. São fotos caseira, né. As deles não, as deles são profissionais.* Ou seja, para o interlocutor a necessidade de se investir na produção estética e na montagem dos anúncios possibilitaria a ele competir com outros trabalhadores do sexo, tanto locais quanto aqueles que chegassem de fora para realizar temporada na cidade.

Por tanto, no contexto da capital Sul-Mato-Grossense os meios on-line tendem a facilitar a captação de clientes numa cidade em que o mercado do sexo pode não ser considerado tão atrativo. Assim, acionar os classificados locais ou aplicativos de relacionamento pode possibilitar uma maior visibilidade aos serviços oferecidos pelos trabalhadores do sexo nessa localidade quando comparado a outras cidades situadas nos grandes centros urbanos e que o interlocutor, hora ou outra, se deslocará durante determinados períodos do ano⁴⁹.

Ou seja, os sites não são os únicos instrumentos utilizado pelos interlocutores para promover seus trabalhos. Além dos meios apresentados acima, é possível encontra-los em outras plataformas digitais. Nesse cenário, os aplicativos de relacionamento destinados ao público LGBTQIA+ como o *Grindr*, *Scruff* e *Hornet*, além de algumas redes sociais populares como o *Instagram* e o *Twitter*, podem ser acionados para promover seus trabalhos e ampliar os meios de atuação na busca por novos clientes. Conforme será apresentado e analisado a seguir.

1.3. Os aplicativos de relacionamento e o trabalho sexual

O anseio em saber até que ponto os interlocutores utilizavam os aplicativos de relacionamento para a comercialização de determinados serviços sexuais iniciou com o meu interesse de compreender o trabalho sexual de homens que fazem sexo tarifado com outros

⁴⁸ Silva Santos (2021, p. 136) considera que “no mercado da prostituição de luxo, as fotos são tão importantes quanto a descrição, pois não só comprovam as informações aprestadas, como também fazem o elo com o cliente, despertando o desejo para o consequente consumo. Nota-se, além disso, que todas as fotos são realizadas de forma profissional, em estúdios, por especialistas, com luz e cenário adequado. Indicando a quem compra o produto, sua diferenciação e qualidade, em comparação com outros garotos sem possibilidade de tais investimentos”.

⁴⁹ Conforme pontuei anteriormente, o site de classificados *Hot MS*, ao contemplar cidades do interior do estado de Mato Grosso do Sul, possui um número relevante de anúncios ativos.

homens a partir dos classificados de serviços sexuais na cidade de Campo Grande (MS). Selecionei três aplicativos bastante populares entre homens que fazem sexo com outros homens, sendo eles o *Grindr*, *Scruff* e *Hornet* para a realização do estudo⁵⁰. Ademais, não podemos nos esquecer que:

[...] os aplicativos de busca por parceiros para dispositivos móveis surgiram em uma nova época de ocupação e circulação urbana, ligados à reorganização econômica, do trabalho, do lazer e do espaço e ao novo formato das relações amorosas e sexuais, que vêm se transformando nesse contexto (Paranhos, 2019, p. 40).

Portanto, a minha entrada nessas plataformas ocorreu em meados de agosto, a partir da realização do cadastro e criação do meu perfil. Em um primeiro momento me propus a observar o ambiente on-line sem estabelecer qualquer interação com os demais usuários. Tentava-se, portanto, a realização de uma espécie de pré-campo, com o intuito de compreender melhor as funcionalidades das plataformas a serem estudadas. Em setembro de 2021 passei a realizar entradas mais sistematizadas, o que ocorreu quase que diariamente.

Não adicionei qualquer descrição que pudesse fazer alusão a quem eu fosse ou sobre a pesquisa a ser desenvolvida ali. Para tanto, reconheço que era preciso “treinar” o meu olhar, isto é, se eu realmente desejasse compreender as relações sociais e analisar os perfis dos trabalhadores sexuais em um espaço até então nada familiar a esse pesquisador haveria de se saber olhar, filtrar e analisar para o que se estuda (Oliveira, 2006).

Ademais, em um primeiro momento, minha presença estaria mais para um observador “discreto” do que para um pesquisador propriamente dito. Apesar, obviamente, de reconhecer que a minha simples presença poderia ser notada e, por consequência, de algum modo afetar ou influenciar o cenário da pesquisa. Portanto, no primeiro mês propus compreender quais as funcionalidades das plataformas e perceber, ao mesmo tempo, qual o número de perfis de trabalhadores do sexo estariam ativos, bem como, a frequência e o período do dia que costumavam ficar on-line. Algo que, de certo modo, poderia fazer com que as minhas observações futuras fossem bem-sucedidas.

Apesar de não me identificar ou adicionar qualquer descrição que pudesse associar esse pesquisador a um segmento dos perfis cadastrados, era comum os demais usuários encaminharem mensagens de texto ou fotos contendo partes dos seus corpos, principalmente dos órgãos genitais. Normalmente operavam com a pretensão de iniciar um flerte ou convidar

⁵⁰ Paranhos (2019), em sua pesquisa sobre a sociabilidade de jovens homens gays no Recôncavo Baiano, a partir dos aplicativos de relacionamento *Grindr*, *Scruff* e *Hornet*, realizou um panorama completo sobre a operacionalização e as funcionalidades dessas plataformas. Portanto, não será necessário retomá-los aqui.

para um encontro casual. Nesse período, conforme anseio inicial, busquei não estabelecer qualquer tipo de interação que pudesse comprometer, de algum modo, o desenvolvimento das minhas observações.

A partir do início do mês de setembro de 2021 foi que inseri uma foto de perfil que enquadrasse bem o meu rosto; na caixa textual de apresentação dos aplicativos adicionei informações sobre a pesquisa e sobre o meu interesse em contatar possíveis interlocutores que pudessem colaborar. Nenhuma informação, além da minha idade, foi adicionada. Além do mais, minha pretensão era a de fazer com que os trabalhadores sexuais pudessem se sentir interessados pelo trabalho a ser desenvolvido⁵¹.

Entre as principais dificuldades encontradas durante as incursões no campo, passei pela desconfiança e questionamentos constantes sobre qual era, de fato, o meu real interesse em relação ao universo pesquisado. Indagações que buscavam compreender se a pesquisa possuía realmente cunho científico ou se, na verdade, eu não estava ali decidido a obter algum tipo de vantagem afetivo-sexual, tendo a pesquisa como uma desculpa naquele ambiente.

Autores como Camilo Braz (2010) e Barreto (2017) relataram suas experiências etnográficas nos clubes de sexo e saunas gay. Eles evidenciam o quanto é tortuosa a separação entre o pesquisador e o seu corpo nas pesquisas sobre sexualidade. Assim, o corpo do pesquisador adquire relevância no campo da pesquisa. Sua presença nunca é neutra e não consegue ser ocultada ou negligenciada entre os demais frequentadores desses espaços.

Braz (2010, p. 35), por exemplo, escreve que “muitas das conversas estabelecidas pela *internet* estiveram o tempo inteiro permeadas pelo flerte, pelas cantadas, pelas avaliações do meu *avatar*”. Ou autor diz, ainda, que: “certas expectativas e percepções que associam o uso da rede à busca de parceiros sexuais, ou ao chamado sexo virtual, eram colocadas já no início de muitas das conversas.” (Grifo do autor).

A exemplo de um dos usuários do *Grindr* quando me questionou em um dos nossos diálogos:

Simeonny: *Bom eu não tenho fetiches e tals e te achei mto interessante. E se por acaso tu quisesse eu poderia te mamar. Você deixaria um cara te chupar?*

Eu: *Estou aqui para desenvolver a pesquisa. Procuo colaboradores para o meu trabalho, apenas.*

Simeonny: *Como eu te disse, não tenho fetiches e tbm não sou um cara babaca e tals, mas vc tem um papo legal e é boa pinta. Então me dá um tesão do tipo algo ser a ferramenta que te faz entrar em outro plano da sua pesquisa. Vc se envolvendo fisicamente nela enquanto eu mamo seu pau.*

⁵¹ A estratégia adotada aqui foi baseada na pesquisa desenvolvida por Paranhos (2019) nos aplicativos de relacionamento *Grindr*, *Scruff* e *Hornet* na região do Recôncavo Baiano (BA).

Outra experiência que obtive foi quando identifiquei o perfil de um dos trabalhadores sexuais que possuía anúncios ativos nos classificados *Hot MS* e *Garoto com Local*. Identifiquei-me enquanto pesquisador e busquei estabelecer um diálogo. Afirmar estar à procura de trabalhadores sexuais que fizessem uso do aplicativo e que pudesse conversar comigo. Porém, Bhreno (21 anos) foi enfático, respondeu:

Bhreno: *Eu sou garoto de programa.*

Mas uso site.

Aqui não é para isso kkk.

Eu: *Você aceitaria conversar comigo?*

Bhreno: *Sim. Mas em troca vamos transar, né?*

Compreendi sua fala quando outros interlocutores disseram ser o aplicativo um local no qual se obtém flertes e relações sexuais casuais, gratuitas, descompromissadas e anônimas (Miskolci, 2014, 2017; Paranhos, 2019). Portanto, essa facilidade faz com que poucas pessoas estejam dispostas a pagar ao trabalhador do sexo pelos seus serviços. Ou seja, conforme salienta Paranhos (2019, p. 182), pode-se afirmar que:

A prática do *fast-foda*, facilitada pelos aplicativos de busca de parceiros, passa a se inserir em uma nova economia do desejo, moldada pela atualização no uso do espaço urbano, pelas recentes transformações socioculturais, políticas e econômicas, pelo advento das novas mídias digitais e pelas novas práticas sexuais, conjugais e epidemiológicas. (Grifo do autor)

Saliento que desconfianças ou até mesmo “confusão” é mais do que possível nas relações entre pesquisador e “nativos” durante a realização do trabalho de campo. Experiências semelhantes foram compartilhadas por Braga (2013) ao pesquisar o site de paquera gay *Manhunt* e por Barreto (2017) em sua pesquisa com boys nas saunas cariocas e durante suas incursões nos ambientes on-line de relacionamento. Em seus termos, o autor narra que:

O contato com os garotos, como já tinha previsto desde o início, foi carregado de dificuldades. Tanto nos contatos itinerantes como nos contatos virtuais, costumava ser tido como cliente potencial. Na maioria das vezes, deixava correr essa confusão, percebendo a sua utilidade, já que isso permitia descobrir mecanismos reais de como é feito o contato prévio e a negociação da relação (Barreto, 2017, p. 121-122).

Por outro lado, cabe salientar, enquanto os classificados on-line são constituídos enquanto meio pelo qual serão comercializados os serviços sexuais, os aplicativos podem possuir uma dupla função. Ao fazer parte da vivência dos sujeitos, pode se estabelecer enquanto porta de entrada para o trabalho sexual; enquanto para outros, de início, esse não representou um espaço

inicial para a sua atuação no mercado do sexo pago. Isso se dá, pois, ao mesmo tempo em que essas plataformas digitais servem como instrumento de trabalho, também podem ser acionadas enquanto meio de lazer em que são estabelecidas relações afetivas e sexuais esporádicas não necessariamente mediadas pelo dinheiro.

Foi o que percebi quando identificava os perfis de alguns interlocutores que possuíam anúncios nos sites, mas que utilizavam os aplicativos quase sempre para conseguir parceiros afetivos e sexuais afim de estabelecer encontros casuais e descompromissados. Porém, cabe ressaltar, tanto Vicente (28 anos) quanto Txai (21 anos) ou Enzo Boy (24 anos) relataram ter utilizado essas plataformas durante o início das suas trajetórias como trabalhadores sexuais e que, nem sempre, suas primeiras experiências sexuais foram consequências de escolhas planejadas, mas, sim, resultados das oportunidades que surgiram de obter dinheiro. Tanto é que Vicente (28 anos) relata ter tido sua primeira experiência nesse universo:

Vicente: *Primeiro, em 2017, comecei pelo aplicativo. Foi tudo muito aleatório. Eu estava no aplicativo mais por prazer mesmo. Não estava por dinheiro.*

Eu: Qual aplicativo?

Vicente: *No Grindr, entendeu. E um cara me ofereceu dinheiro. Eu falei olha aí, vamos? Essa foi a primeira vez. Mas, depois do aplicativo, veio o site.*

O mesmo foi compartilhado por B.O.Y (31 anos), quando o indaguei o que significava “P!X” na sua caixa textual de apresentação no aplicativo *Grindr*, respondeu: *que sou GP!* Quando falei da pesquisa, o interlocutor foi enfático: *Hummm, olha sou muito recente no ramo. Comecei em SP. Sou muito cru tab. Não sei se é o que precisaria.* Ele disse que havia iniciado como trabalhador do sexo no aplicativo em agosto de 2021. Apesar de se dispor a colaborar com a pesquisa, não retornou mais as mensagens encaminhadas por mim. Entre os classificados analisados, não encontrei anúncio seu.

Do mesmo modo, para aqueles usuários que buscam sigilo e manter-se “anônimos”, para os trabalhadores do sexo as plataformas digitais também podem assegurar essa possibilidade. Tanto é que os aplicativos de relacionamento utilizados pelos interlocutores são acionados, quase sempre, mantendo-se preservadas suas identidades. Os seus perfis apresentam e reiteram aos clientes a promessa de “profissionalismo”, “sigilo” e “discrição”.

Aqui o sigilo não está associado apenas à condição de segredo, aquilo que ficará escondido. No âmbito do aplicativo ele estabelece “[...] uma valiosa condição aos discretos, que investem em imagens do rosto enviadas somente via chat ou fotos temporárias, por ser uma funcionalidade que permite ao(à) usuário(a) ter sua foto revelada sob a condição de que esta desapareça depois de aberta” (Montecio, Rosa, 2022, p. 150).

Quando questionei um dos usuários ativos no aplicativo sobre os motivos que o levou a não adicionar foto de perfil, ele foi enfático ao confidenciar que possuía um relacionamento heterossexual e que sua parceira não tinha conhecimento da sua atuação como trabalhador do sexo. Ele também disse que possuía receio de encontrar algum conhecido na plataforma que pudesse reconhecê-lo.

Sobre essas novas formas de interações mediadas no/pelo digital, Richard Miskolci (2017, p. 89) afirma que:

As cartas, anúncios, linhas telefônicas, salas de bate papo online e aplicativos são todos meios alternativos, formas inventivas - ainda que imperfeitas e provisórias - para lidar com proibições morais, violências simbólicas e ameaças que mantêm as relações entre pessoas do mesmo sexo sob vigilância e controle.

Para o autor a normatividade que se estabelece nesse meio busca valorizar certos atributos e perfis em detrimento de outros. Ao mesmo tempo, conforme Braga (2015, p. 256), ao realizar sua pesquisa em dois espaços de relacionamento on-line na cidade do Rio de Janeiro, pode-se perceber um certo padrão no modo de se constituir sujeito nesse universo, pelo fato de estar “[...] ligado ao processo de intensificação do caráter mercadológico dos sites, visto que, como um ambiente de ‘concorrência’, sua dinâmica provoca certa homogeneização a partir da afirmação reiterada dos padrões de desejabilidade”.

Aqui, considero que apesar das minhas incursões terem ocorrido nos aplicativos *Grindr*, *Scruff* e *Hornet*, foi no primeiro que identifiquei os trabalhadores sexuais a fazer uso dessa plataforma para a comercialização de determinados serviços sexuais. Entre os motivos, possivelmente, pelo fato de ser esse um dos aplicativos com maior número de usuários on-line⁵². Constatação essa realizada durante as minhas incursões nas plataformas.

Cabe salientar que o acesso aos aplicativos e a entrada no campo ocorreram em diversos momentos do dia e, principalmente, durante as noites, inclusive nos finais de semana. Busquei realizar um monitoramento constante ali, no qual passava quase duas horas on-line, porém, algumas vezes permanecia por períodos mais longos. Ademais, não me propus a estabelecer dias específicos ou horários metodicamente determinados. Comumente o acesso acontecia entre às 19h e à 1h da manhã, tanto é que foi nesse período que constatei a maior presença de pessoas on-line. Nos demais períodos do dia, a minha entrada no campo ocorria em horários alternados.

⁵² Os aplicativos de relacionamento possuem uma política restritiva sobre o uso das suas plataformas para a comercialização de serviços sexuais, além do mais, os próprios usuários costumam denunciar os perfis de trabalhadores do sexo. Portanto, comumente esses perfis ficam ativos durante curtos períodos de tempo até serem denunciados e bloqueados.

Durante o percurso da pesquisa foram identificados apenas doze trabalhadores sexuais ativos no *Grindr*. Seus perfis continham poucas informações, como altura, etnia, porte físico, posição sexual, sexo, entre outras. O mais comum é encontrar referência à idade, símbolos de cifrão ou palavras como “pix”, “money” ou fazem associação ao tamanho do pênis ao se identificar enquanto “SglATVDotadoPG”, “LUCAS20CM-PIXs” ou “Muleke21Cm*”. Além do mais, comumente há a publicação de textos curtos associados à atuação profissional. A exemplo de Boy acompant... (21 anos):

*Me diz o que queres que direi o que tenho pra oferecer
De fora, poucos dias na cidade
Dotado e rabudo
Mais informações chama no pv*

Outro perfil identificado foi de “DotadoG.P 22cm” (31 anos). Na caixa textual do perfil se descreve como: *pauzudo, leiteiro e bem safado, realizo fetiches e fantasias, mamadeira bem dura, grossa e cheia de leite*. Nenhuma referência a valores ou contato foram disponibilizados pelo usuário. A única foto publicada enquadra a parte do tórax e abdome.

Portanto, quando eu identificava o perfil de algum trabalhador do sexo que estava on-line, buscava estabelecer uma aproximação. De imediato, também, alternava o acesso entre os aplicativos pesquisados para saber se o interlocutor uma vez on-line no *Grindr* estaria a utilizar o *Scruff* ou o *Hornet*, tendo em vista que ambas as plataformas funcionam a partir do georreferenciamento dos seus usuários⁵³. Apesar da insistência, obtive pouco retorno nessas plataformas. O fato de me identificar como pesquisador, muitas vezes, acarretou o bloqueio do meu perfil⁵⁴. Em outros momentos eu não recebia nenhum retorno das mensagens encaminhadas.

Conforme Gabriela Alencar Montecio e Marcelo Victor da Rosa (2022, p. 150) em sua pesquisa sobre as discursividades produzidas pelos usuários do *Grindr* em Campo Grande (MS) a partir da pedagogia do bloqueio, compreendem que “nos meandros das interações e produções de saberes e subjetividades entre usuários(as), surgem esquemas de comunicação, por muito pedagógicas, administradas também por meio da ação de bloqueio”. Ainda, conforme os autores, o bloqueio “[...] impossibilita/frusta qualquer tentativa de investida feita por um desigual” (p. 150). Assim, eu ao apresentar como pesquisador e não ser visto como usuário

⁵³ O primeiro aplicativo gay a utilizar o sistema de posicionamento global (GPS) foi o *Grindr*. Os aplicativos utilizam a localização geográfica disponibilizadas pelo *smartphone* para mostrar outros usuários próximos.

⁵⁴ Essa função bloqueio possibilita eliminar qualquer meio de comunicação com usuários por algum motivo vistos como indesejados.

disposto a estabelecer um encontro casual, ensejou, quase sempre, o bloqueio ou o não retorno das mensagens encaminhadas.

Dos doze perfis identificados durante esse período, apenas quatro realizaram uma descrição mais completa sobre si. Apesar disso, onze fizeram referência à idade e ela variou de 20 a 31 anos, com média de 24,4 anos. Desses, apenas um declarou ser “passivo”, enquanto três afirmaram ser “versáteis” ou “versáteis + ativos”. No que tange ao aspecto de cor/raça, das categorias que a plataforma disponibiliza, um diz ser branco, um mestiço e um latino⁵⁵. Sobre o aspecto corporal, os interlocutores declaram possuir porte físico malhado.

É possível afirmar que geralmente a falta de informações pode possuir dupla função: primeiro, ao fazer com que os clientes ou demais usuários normalmente solicitem o envio de fotos ou interajam mais no momento da negociação do encontro; segundo, a ausência de informações pode evitar que o perfil do trabalhador do sexo corra o risco de ser identificado por pessoas próximas ou, ainda, que a sua conta seja banida da plataforma⁵⁶.

Vicente (28 anos), por exemplo, quando questionado em quais aplicativos já anunciou, relata: *nos aplicativos, no Hornet, no Grindr e no Scruff. Scruff nunca consegui nada. No Hornet já sofri represália por conta de que não pode se prostituir nesses aplicativos, nessas plataformas. No Grindr eu fui banido!* Ele afirma que na criação do perfil o trabalhador do sexo não pode evidenciar ser *acompanhante, michê, garoto de programa*.

O mesmo relato compartilhado pelo interlocutor acima também esteve presente nas falas de Enzo Boy (24 anos) e Txai (21 anos). Ambos com perfis ativos no *Grindr*. O primeiro se anunciava com o *nickname* de “BoyGP 🍆 C/L”. No texto da apresentação, afirma: *NÃO PAGA QUEM QUER, PAGA QUEM PODE! Somente interessados por favor! Whatsapp 67**** (O que você pensa de mim não me define!) NUDS NO TWITTER. Se eu chamo, pode ter certeza que é free!* Como forma de complementar seu perfil e se apresentar aos clientes, uma sequência de fotos sua é publicada.

Por outro lado, Txai (21 anos) se identificava apenas como “G.P”. Em um dos primeiros diálogos que estabeleci com o interlocutor, a partir do aplicativo *Grindr*, quando o questionei se havia muita procura pelos seus serviços na plataforma, ele afirmou: *cara aqui é bem mais*.

⁵⁵ O *Grindr* apresenta como opções de raça/cor/etnia: “asiático”, “negro”, “latino”, “árabe”, “mestiço”, “índio”, “branco”, “sul asiático” e “outro”.

⁵⁶ Os termos e condições de serviço do *Grindr* estabelece determinadas condutas como proibidas. A plataforma adverte aos usuários: “Você NÃO usará os Serviços do Grindr para *qualquer uso comercial* ou não pessoal, como a *venda ou anúncio de bens ou serviços*, [...], fornecimento de links para outros sites ou *fornecimento de números de telefone* que *oferecem serviços* ou produtos; Você usará os Serviços do Grindr *somente para uso pessoal e não comercial* [...]” (Grifo meu). Disponível em: <<https://www.grindr.com/terms-of-service/>>, Acesso em: 26 de março de 2013.

Aqui é mais rápido. Site ele enrola muito, deveria ter um aplicativo só pra GP. Eu tô com uma ideia de montar um aplicativo. Sua apresentação foi seguida de três fotos nuas encaminhadas pelo *chat* do aplicativo. Quando o questionei por que fez isso, foi enfático: *essas fotos estão no meu anúncio do site também.*

Quando o entrevistei pessoalmente, apesar de alegar ser o aplicativo o local de maior demanda, demonstrou certo incômodo pelo fato do seu perfil ser constantemente denunciada pelos demais usuários. Ele mencionou ter dias em que precisou criar mais de três contas após sofrer sucessivos bloqueios da plataforma. Portanto, é comum precisar criar outros e-mails para cadastrar novos perfis, tendo em vista que para realizar o cadastro na plataforma é necessário apenas um e-mail pessoal e adicionar informações básicas, como data de nascimento, nome ou *nickname* e criar uma senha de até seis caracteres.

Quando o interlocutor comentou sobre o número de trabalhadores sexuais presentes nos classificados e nos aplicativos de relacionamento, ele pondera que: *hoje tem de todo o tipo, né. Todo mundo tá fazendo GP hoje em dia. Antes não tinha GP igual tem hoje. Tem muito GP, gente. Parece que todo mundo tá virando GP, mas quem não quer um dinheiro a mais, ainda por sexo. Você vai lá, vai transar, vai gozar.*

Essa percepção passa a existir, pois, a partir da popularização dos novos meios de comunicação e informação, a interação entre os indivíduos e a possibilidade de reunir determinados serviços em uma plataforma tornou-se cada vez mais comum. Tanto é que, nesse interim, apesar da percepção de Txai (21 anos) e do que fora relatado pelos demais interlocutores, podemos compreender que os aplicativos de relacionamento on-line ainda não se constituem como um espaço receptivo à presença dos trabalhadores sexuais, seja por decorrência da política restritiva imposta pelas plataformas ou diante da vigilância exercida pelos próprios usuários. Assim sendo, os classificados seguem e, talvez, continuarão a ser as “esquinas” nas quais esses interlocutores obtêm mais destaque e visibilidade para a comercialização e prática do trabalho sexual.

CAPÍTULO II

MERCADO, MOBILIDADES E EXPERIÊNCIAS NA PERSPECTIVA DOS TRABALHORES DO SEXO A PARTIR DO ON-LINE

“Baby!
Dê-me seu dinheiro, que eu quero viver.
Dê-me seu relógio, que eu quero saber
Quanto tempo falta para lhe esquecer,
Quanto vale um homem para amar você.
Minha profissão é suja e vulgar.
Quero pagamento para me deitar,
Junto com você estrangular meu riso.
Dê-me seu amor, que dele não preciso...”.

(Garoto de Aluguel – Zé Ramalho)

2.1 O mercado do sexo em Campo Grande-MS

Os mercados do sexo, em grande media, têm maior visibilidade nas regiões sudeste e nordeste do Brasil, com destaque para as cidades litorâneas e os grandes centros urbanos, conforme foi apresentado no primeiro capítulo. Assim, por muito tempo o fato dessas regiões se caracterizarem pelo acelerado processo de industrialização, culminou no desenvolvimento econômico mais acentuado (Silva, Blanchette, 2011). O potencial turístico também fez dessas regiões locais de interesse e destino daqueles que encontravam na comercialização do corpo e das práticas sexuais fonte de renda e de subsistência.

Nesse contexto, nota-se quanto os mercados do sexo passam a ser considerados ponto de interesse e a representar, cada vez mais, um segmento de destaque para a economia de muitas regiões. Foi o que identificaram Telma Bittencourt Bassetti e Roberta Peixoto (2015) ao analisar a relação entre mercados do sexo, consumo e turismo sexual de mulheres no bairro de Copacabana (RJ). Assim, as autoras compreendem como o consumo está atrelado ao uso do corpo enquanto um bem docilizado, moldado e sexualizado, que possui valor de troca nas transações comerciais estabelecidas entre prestador/a de serviço sexual e cliente.

Assim, nesse contexto, “[...] percebemos que o corpo está atrelado ao consumo a partir da virtualização do desejo e das relações sexuais mediante transações comerciais entre seus usuários, em um mundo dominado pelo mercado de bens simbólicos” (Silva, 2017, p. 81). Ou seja, denotamos que “[...] há uma preocupação tão grande com a beleza, a juventude e o prazer. [...] Cada vez mais o corpo é alvo de grandes preocupações e questionamentos” (Maroun, Vieira, 2008, p. 174).

Portanto, nessa relação posso considerar o quanto o trabalho sexual pode ser percebido como lucrativo. Nesse contexto, Bassetti e Peixoto (2015, p. 11) salientam como “o ato de

possuir não encontra limites e a sua expressão máxima é o consumo do outro, onde o corpo humano, devidamente docilizado, adaptado e sexualizado, adquire um valor de troca”. Aqui não só o corpo passa a ser negociado/comercializado, como os diferentes usos e práticas sexuais que se faz a partir dele.

Apesar de Bassetti e Peixoto tecerem reflexões sobre o trabalho sexual de mulheres é possível, aqui, extrair significativas considerações sobre a relação entre trabalho, modo de vida, corpo e mercado capitalista no que tange o trabalho sexual de homens. Ou seja, aqui, “o modo de produção capitalista, [...] transforma as pessoas (trabalhadores e sua força de trabalho) em mercadorias compradas e vendidas no mercado, como qualquer outra mercadoria” (2015, p. 13).

Sem contar que “a construção desses corpos excitáveis postos a trabalhar não pode ser pensada fora do contexto de uma economia política do sexo que cria condições de possibilidade para a própria existência material desses sujeitos” (Kerry dos Santos, 2016, p. 313). Torna-se interessante o fato de que na percepção dos próprios trabalhadores do sexo essa relação do corpo/mercadoria e consumidor também é compartilhada por eles. Tanto que Txai (21 anos) se apropria dessa percepção, ao afirmar que *a única rede social que eu me vendo mesmo é os sites, né. Ou Vicente (28 anos), por exemplo, ao falar da percepção sobre os mercados do sexo em Campo Grande, ao pensar sobre sua relação com os clientes, compreende:*

Eu sei que a gente é igual a um produto. Igual a uma Pepsi, uma Coca Cola, uma Fanta. Pra cada um desses refrigerantes têm um público que vai gostar. Então, eu acredito que ser original, assim, nas minhas postagens... é o que eu sempre busquei ser nas minhas postagens, nas minhas fotos, no meu desempenho, até no serviço. Ser original é o que eu acho que vai me levar lá [ao sucesso e reconhecimento no mercado do sexo local].

Ou seja, é desse modo que as relações afetivas e sexuais são focalizadas, docilizadas, moldadas e fetichizadas na medida das expectativas e interesses do público consumidor. O corpo, necessariamente, diante da competitividade e exigibilidade que se tem do trabalhador do sexo, busca se adequar a certos parâmetros estéticos, comportamentais e performáticos.

Além desse contexto, com o advento da globalização capitalista e das transformações provocadas com o acesso à internet e às redes sociais, ampliou-se os tipos de serviços oferecidos pelos trabalhadores do sexo ao passo de modificar as relações com os seus clientes. Basta um conjunto de ações no smartphone para esse trabalhador informar aos seus clientes e ao público local, via *whatsapp* ou outras plataformas digitais, que estará ativo e a atender ali. Tanto é que *quando eu vou pra Campo Grande, mando um “Oi!” para os meus contatos e a gente agenda* (Anthony, 33 anos).

Portanto, a utilização dos meios digitais e tecnológicos têm garantido mais segurança, ao mesmo tempo que tem ampliado o campo de atuação, publicização e negociação. Nesse mesmo contexto, apesar dos aplicativos ou redes sociais não representarem o *locus* privilegiado para a atuação e divulgação dos perfis no ambiente on-line, ainda assim, tendo em vista ser esse um espaço no qual percebe-se a busca de parceiros casuais para a realização de sexo descompromissado e não mediado pelo dinheiro, é possível encontrar perfis de trabalhadores do sexo a negociar momentos de prazer, gozo e descontração.

Nesse sentido, pensar o contexto da capital sul-mato-grossense é reconhecer que, apesar de não se constituir enquanto um grande centro urbano, nota-se um número significativo de trabalhadores do sexo a comercializar seus serviços a partir de anúncios nos classificados on-line. Sem contar o grande fluxo de dinheiro, interações e concorrência percebidas quando considerado o número de perfis oriundos de outras regiões do Brasil que anunciam e realizam temporadas na cidade.

Os fluxos e trânsitos desses sujeitos é uma tônica para muitos que trabalham nesse segmento dos mercados do sexo. Reconheço não ser essa uma ação exclusiva de Campo Grande (MS), nem mesmo de cidades menores. Kerry dos Santos (2016) ao compreender os diferentes pontos de territorialização do trabalho sexual nas três capitais da Região Sul do Brasil e da capital paulista, constatou ser essa uma estratégia que articula diversas redes de mobilidades, circulação e dinâmicas estabelecidas pelos trabalhadores do sexo.

Welington de Jesus (2021, p. 43-74) constatou ser comum a presença de trabalhadores do sexo de outras localidades a realizar temporada na cidade de Aracaju (SE). Conforme pontua, ainda que não estejam inseridos em sua pesquisa, “[...] não é impossível encontrar garotos de programa que estão pela cidade de passagem e aproveitam para exercerem sua atividade, mesmo que temporariamente, inclusive hospedados em pousadas ou hotéis”.

Apesar disso, deve-se ponderar, conforme relatos dos meus interlocutores, que a capital sul-mato-grossense carece de maior desenvolvimento no que tange aos mercados do sexo. Entre os motivos alegados, consideram o baixo valor recebido pelos serviços sexuais, isso devido ao valor cobrado pelos próprios trabalhadores do sexo que, segundo os interlocutores, deveriam se valorizar mais no sentido de estabelecer uma precificação mais justa dos serviços oferecidos e comercializados.

Diante desse cenário, há aqueles que possuem condições de deixar a capital em determinados períodos do ano e migram para outras cidades, em estados que consideram mais atrativos economicamente, a fim de obter maiores ganhos financeiros. Ou seja, o deslocamento

a outros centros econômicos, quase sempre, está associado à percepção de que nesses locais há mais possibilidades nos mercados do sexo.

Esse fator fica evidente a partir da publicação de Christopher (23 anos) em uma das suas redes sociais, o Instagram. Seu relato pode ser lido como uma crítica às dificuldades que os trabalhadores do sexo encontram ao exercer essa atividade na capital. Entre os motivos, destaca que o valor cobrado está aquém do que considera adequando, além da relutância de alguns clientes em pagar um valor maior pelos serviços sexuais.

*Eu estava meio sumidinho daqui, vocês perceberam. Eu estava meio sumidinho porque eu quis. Porque o Instagram é meu e eu não quis gravar nada, então. A louca! [...] O Instagram é meu e eu posto a hora que eu quiser e me acompanhe quem quer, certo? Gente é o seguinte, **vou falar uma coisa pra vocês aqui, eu não, só se for por indicação, alguma coisa assim, mas eu não trabalho, não anuncio mais em site aqui em Campo Grande, não anuncio em site em Dourados. É só queimação, só tem varejo, o povo quer trabalhar de graça. Me poupe! Não, eu não aguento os boys. Esses boys lixo que a gente atende. A gente é o amor da vida deles, aí depois quando a gente precisa de alguma coisa, a gente manda mensagem, eles somem. Eles falam que não conseguem, eles inventam desculpas. [...] Segunda-feira eu não estou mais aqui. Gente, não vou me mudar não, tá! **Eu vou ir pra São Paulo, graças a Deus. Vamos fazer dinheiro, né irmã!** Porque não tá fácil pra ninguém e o dinheiro está quase sumindo e a gente tá tendo que fazer das tripas o coração. [...] Mas tá foda, não está fácil pra ninguém não, você é louco! Queria ganhar na Mega Sena ou um mega sena, né! Aí, cadê você mili que não aparece... na minha vida!** (Grifos meu)*

O desejo do interlocutor de encontrar um “príncipe encantado” que o tire dessa vida também esteve presente nos discursos de alguns dos michês pesquisados por Perlongher (1984, p. 594, 1987). Conforme o autor, “esse sonho desborda as fronteiras: tínhamos reconhecido fantasias similares na nossa pesquisa sobre ‘taxi-boys’ (prostitutos) argentinos. Mas elas parecem tão frequentes quanto difícil sua concreção”.

Assim, o descontentamento transposto no relato de Christopher (23 anos) está associado, também, à precificação do serviço atribuído pelos demais trabalhadores do sexo que atuam em Campo Grande (MS). Estes, por sua vez, têm tornado o mercado local desinteressante, principalmente, em decorrência de se anunciarem com preços abaixo do que pode ser considerado atrativo para Christopher (23 anos). Para tanto, ele faz uma relação com a cidade de São Paulo (SP), considerada, por muitos, como um mercado mais aquecido e que possibilita maior retorno financeiro aos trabalhadores do sexo⁵⁷.

⁵⁷ Essa noção de mercado também foi identificada nas falas dos interlocutores de Daniel Kerry dos Santos (2016).

Nesse contexto, a percepção de ganho para ele é a de receber uma remuneração de acordo com o que pode oferecer aos seus clientes no que diz respeito à performance sexual, estética corporal. O que, para ele, ser essa uma realidade não alcançada de modo satisfatório em Campo Grande (MS). Chama atenção quanto seus anúncios buscam destacar certos atributos corporais, como corpo malhado e higienizado, além de se considerar *de classe*, ou seja, trabalhador do sexo de alto-padrão.

Portanto, foi durante a realização do meu trabalho de campo que acompanhei seus anúncios nos classificados locais e sua autopromoção nas redes sociais. Apesar das suas críticas é perceptível o quanto Christopher (23 anos) comumente ostenta um estilo de vida confortável. Era comum fazer postagens em contextos de festas *raves*, restaurantes, bares e boates de Campo Grande (MS) e/ou em outros locais fora da capital.

Ele fazia questão de compartilhar suas experiências quando realizava procedimentos estéticos e intervenções cirúrgicas em determinadas partes do corpo, como rosto e abdômen. O ato de compartilhar essas experiências, percebi no trabalho de campo, era uma tônica entre os trabalhadores do sexo. A partir dos cuidados com relação à estética corporal, eles buscam se manter ativos, valorizados e desejados no mercado. Se há uma supervalorização, hierarquização e exigência por corpos novos e bem cuidados, logo é preciso tê-los e exibi-los (Kerry dos Santos, 2016).

A construção, ou melhor, a modelagem do corpo e da alma, segundo Viana (2010, p. 82):

[...] surge como recurso do qual os boys lançam mão para operacionalizar o exercício da michetagem. Seja por intermédio da modelagem dos corpos que resultam na constância de bíceps, tríceps, peitorais, abdômens, pernas e bundas talhadas por horas em academias de ginástica, ou seja, ainda, pelo uso constante de suplementos alimentares e anabolizantes.

Interessante, aqui, que as críticas realizadas por Christopher (23 anos) sobre a baixa remuneração dos serviços sexuais comercializados na capital, segundo ele, muito em decorrência dos próprios trabalhadores do sexo de não elevar o preço dos serviços oferecidos, encontra ressonância na fala de Enzo Boy (24 anos) quando comenta sobre sua percepção a respeito do mercado local. A visão do interlocutor é a de que Campo Grande (MS) caracteriza-se enquanto um mercado no qual sempre há por parte de alguns clientes a prática constante de negociação de preços e exigência de descontos. Em sua concepção isso representa uma desvalorização da própria atividade exercida pelos trabalhadores do sexo.

Aqui as pessoas não estão dispostas a pagar o preço que vale o serviço. Pedem muito desconto. Dá um bom retorno financeiro. Dá, claro. Porque quem quer alguma coisa paga o preço que for. Mas não é um bom mercado,

aqui em Campo Grande. Por conta da grande opção, da variedade de opções. Eles [consumidores] sempre procuram o mais barato. Pouca demanda, também. A oferta de garotos de programa é muito grande. E tem gente que faz por preços, assim, inacreditáveis. Tipo, R\$ 50,00 reais, R\$ 30,00 reais. [...] Aqui as pessoas não dão valor no trabalho dos outros, né. E elas acabam oferecendo bem menos do que realmente vale. Mas isso é negociável.

Em contrapartida, quando realizei a entrevista com Txai (21 anos) e o questionei sobre a sua percepção dos mercados do sexo em Campo Grande, o interlocutor foi enfático ao evidenciar que a dificuldade maior está na visão que determinados segmentos sociais possuem sobre o trabalhador do sexo. Aspectos relacionados à moralidade e a certos códigos de conduta foram os principais pontos colocados no nosso encontro.

Desse modo, o interlocutor considera que a mentalidade conservadora de parte da sociedade estabelece uma dupla condenação: ser trabalhador do sexo e ser visto como homossexual. Assim, “[...] prostituição e homossexualidade só se convertem em estigma devido a manutenção de lógicas heteronormativas que desqualificam pessoas homossexuais e de discursos que demonizam e deslegitimam sujeitos que se prostituem” (Kerry dos Santos, 2016, p. 58).

Ana Paula da Silva e Thaddeus Gregory Blanchette (2011, p. 2) irão considerar, ao analisar o trabalho sexual de mulheres no Rio de Janeiro (RJ), que contra essa atividade há “[...] condenação moral *a priori* da prostituição como atividade essencialmente degradante que há de ser combatida”. O meio social considera que a “[...] prostituta faz o que faz, de acordo com esses agentes morais, por que precisa e não porque quer e muito menos porque tal atividade pode ser economicamente racional”.

Kerry dos Santos (2016, p. 85) compreende que para os trabalhadores do sexo:

[...] podemos considerá-los como sujeitos que estão multiplamente inscritos nas bases mais baixas da pirâmide erótica: são homens que fazem sexo por dinheiro (prostituição), na maioria das vezes com outros homens (práticas homossexuais), sem intenções procriativas, contestando (e por vezes parodiando) a ideia de amor romântico, são considerados promíscuos (podem possuir vários clientes e muitos deles também possuem relacionamento afetivo-conjugal), e interação, muitas vezes, com clientes mais velhos que recorrem ao sexo pago (cruzamento de gerações).

Ainda, nesse contexto, segundo Txai (21 anos), ao comparar os diversos locais que já esteve, compreende que *aqui o povo é meio careta, assim. São totalmente com a mente fechada, né! Não são tão abertos, assim, que nem São Paulo (SP)*. Ou seja, enquanto aqui o interlocutor é submetido à julgamentos e condenações morais, uma vez que parte da sua família e vizinhos sabem da atividade laboral que exerce; quando realiza viagens fora de Campo Grande (MS),

principalmente nos grandes centros urbanos, encontra facilidade de se apresentar como trabalhador do sexo, sem que isso cause qualquer repressão, estigma ou julgamento moral.

Enzo Boy (24 anos), outro interlocutor, segue o mesmo entendimento ao falar sobre as dificuldades de exercer o trabalho sexual na capital. Para ele a condenação moral sobre o trabalhador do sexo é um dos pontos de maior crítica, atrelado ao baixo desenvolvimento do mercado do sexo remunerado em comparação a outros centros urbanos maiores. Fato esse que tem dificultado sua permanência nesse segmento econômico.

Quando questionei Enzo Boy (24 anos) se o fato de residir em Campo Grande (MS) assegura condições satisfatórias de se manter economicamente como trabalhador do sexo, o interlocutor foi enfático:

Enzo Boy: *Não facilita! Aqui é uma cidade grande em território, mas não tem muitos habitantes. Não tem muita gente de fora, não tem. Como eu vou te dizer? Não é um local, assim, de muito fluxo.*

Eu: De pessoas de outras cidades?

Enzo Boy: *Sim!*

Apesar dessa colocação, Enzo Boy (24 anos) minimiza e relativiza suas críticas quando compara a experiência de vida que obteve quando residia numa cidade do interior do estado em perspectiva às experiências e possibilidades obtidas na capital, pois, compreende que ao chegar aqui percebeu o quanto a visão de mundo das pessoas da capital nem se compara, tendo em vista que *o povo pensa maior*. Ele compartilha que sua saída do interior para a capital foi a de *busca por oportunidades. Por ser uma capital, por ser maior. Ter mais opções de trabalho, de estudo até. Vim em busca de oportunidade, entre elas a prostituição.*

Para ele, mesmo que Campo Grande (MS) não se caracterize enquanto uma capital com grande desenvolvimento econômico ou turístico, o que por consequência levaria a um maior trânsito de pessoas, o fluxo de informações, a percepção de tempo e espaço são deslocados e intensificados. As oportunidades aqui se multiplicam. *Você vem de uma cidade com a mentalidade das pessoas pequenas, aí você vem pra uma cidade maior, onde as pessoas pensam mais coisas, pensam maior. Aí acaba sendo complicado, porque você não se encaixa naquele ambiente.*

Já Vicente (28 anos), quando expõe sobre as múltiplas percepções e experiências que obteve entre os diferentes mercados e locais nos quais já realizou trabalho sexual, não deixa de considerar que apesar de todas as dificuldades encontradas aqui a capital sul-mato-grossense representa um mercado atraente e representativo, ao menos para as suas experiências. Porém,

ao mesmo tempo, acredita ser imprescindível à capital alcançar um maior desenvolvimento econômico para aquecer os mercados do sexo.

Diante dessas dificuldades, ele considera ser necessário realizar viagens para outros destinos nacionais, tendo em vista o baixo retorno financeiro que obtém enquanto trabalhador do sexo na capital. Ao mesmo tempo, compreende que essa realidade não é exclusividade sua, já que outros colegas de profissão realizam esses deslocamentos motivados pela mesma necessidade econômica. Em suas palavras, entende que:

*Têm pessoas aqui que vivem disso, mas é aquela questão, não param aqui. Se for ficar só aqui, não rola. Pelo menos pra mim e pra um par de pessoas que eu conheço não rola, **não é aquilo que vai mudar a tua vida.** Pelo menos eu tô falando da minha posição. Não tô falando em nome de outros. Não é algo que vai mudar a tua vida. **Que vai te colocar numa cobertura, que vai fazer você tá nas melhores baladas, você vai ter aquele carrão. Pelo menos aqui, não.** Então, tipo assim, **existem muitos curiosos aqui.** Aqui, também, por achar sexo fácil e as pessoas ter aquele pensamento que eu te falei, de achar que não precisa pagar porque é bonita e tal, então já dificulta um pouco. Aqui em Campo Grande. [...] **Em Campo Grande têm muitos garotos de programa, têm muitos que estão se tornando adeptos ou que fazem por fora, as escondidas.** Têm muito sexo, também fácil. Acho que qualquer outro lugar. É aquele pensamento da pessoa... **os clientes que pagam, pagam uma vez na semana, no máximo duas vezes na semana. Não é todos os dias.** Acredito que essa é a dificuldade aqui. Pelo menos não dá aquele boom, aquele up. **Pelo menos todo mundo que eu conheço, sempre está viajando.** O pessoal que vem de fora pra cá reclamou daqui e meteu o pé. Falam que Dourados é melhor. Corumbá pra mim é melhor. **Porque não tem produto no mercado. Tem demanda e não tem produto. Adoro Corumbá, adoro Corumbá [risos].**
(Grifos meu)*

Apesar dessa realidade difícil para aqueles que ocupam esse mercado no cenário local, entende que quando está em outros lugares do país faz questão de ativar no imaginário das pessoas a identidade do dito homem pantaneiro, visto como destemido e aventureiro, à sua atuação como trabalhador do sexo. Sendo esse, portanto, um recurso comumente acionado fora de Mato Grosso do Sul. Já que no contexto local utiliza das suas viagens/temporadas para fora do estado como meio obter certo status diante dos seus clientes enquanto um profissional experiente e requisitado em outros mercados. Assim, sendo essa uma estratégia utilizada, também, por outros trabalhadores do sexo, “eles acabam por se apropriar das imagens que foram projetadas sobre si e usam isso estrategicamente como forma de sedução” (Alaman, Passamani, 2021, p. 14).

Ou seja, aqui, busca acionar fantasias a fim de atrair ou fidelizar clientes.

Uma coisa que eu não faço [quando está fora de Campo Grande (MS)] é desprezar a terra. Eu adoro minha terra. E eu fui lá eu falo que eu sou

pantaneiro. Eu não sou campo-grandense. Eu sou de Miranda, sou mirandense. Então, eu falo que eu sou pantaneiro. Nasci na região do pantanal [risos]. Eu garanto que, às vezes, eu falo pra causar um pouco. Ainda aumento um pouquinho, ah quando eu era criança andava em açude com jacaré, com sucuri, com piranha [risos]. O pessoal de lá de fora tem uma visão... tem uma visão totalmente distorcida daqui. Acha que a todo momento você vai ver um bicho, uma onça. Se bem que não tá tão diferente. A gente passa por aqui e tá cheio de capivara. Mas eles acham que é uma selva, um grande safari. Aqui [em Campo Grande] já não cola, aqui é comum já. Aqui eu utilizo a viagem que eu fico em Florianópolis. Eu utilizo disso aqui. Não dá tanta coisa, mas o pessoal gosta de quem vai pra fora.
(Grifos meu)

Ao pensar o acionamento de alguns discursos, ainda que distorcidos sobre determinadas identidades regionais, operam fantasias e despertam desejos num processo de “sexotização” dos sujeitos. Ou seja, aqui, é possível lançar mão do conceito analítico utilizado por Alaman e Passamani (2021), a partir do pensamento de Ulrike Schaper, Magdalena Beljan, Pascal Eitler e Christopher Ewing (2018), sobre o processo de *sexotic* dos trabalhadores do sexo em determinados contextos de trabalho.

Segundo os autores, *sexotic* seria a intersecção entre processos de sexualização e exotização de um Outro diferente de nós. Há um imaginário que constitui ambientes exóticos como permissivos a experiências fora do comum, que provocariam sensações intensificadas no campo do prazer, por exemplo. Exotização e sexualização parecem terrenos férteis em contextos marcados pela desigualdade econômica e política e constituiriam territórios desconhecidos, de alteridade e de excesso em um suposto ‘imaginário ocidental’ (Alaman, Passamani, 2021, p. 13, grifo dos autores).

Ainda, entre as experiências compartilhadas, o interlocutor faz questão de falar sobre sua primeira viagem realizada para fora do estado, quando esteve em Florianópolis (SC), em meados de 2020. Quando da nossa conversa, propôs estabelecer uma comparação entre o público que o procura nos sites de Campo Grande (MS) e Florianópolis (SC). Disse perceber que:

Vicente: *O meu retorno maior é no Garotos com Local, aqui [em Campo Grande], em Florianópolis era o Viva Local.*

Eu: Você já esteve em Florianópolis a trabalho? Como foi?

Vicente: *Sim, claro. Nossa... passado alguns meses que eu sai do serviço e já estava na prostituição, aí eu ajeitei uma viagem pra mim. Eu falei, agora eu vou pra fora. Entendeu? Foi dezembro do ano passado isso daí. Aí juntei o dinheiro, arrumei o local, coloquei a cara e a coragem e fui.*

Eu: Anunciou lá?

Vicente: *Anunciei lá, no mesmo dia que eu cheguei. Eu anunciei no Garotos com Local e no Viva Local, entendeu? Aí teve mais retorno no Viva Local, pra mim. E foi uma loucura. A prostituição lá roda totalmente diferente daqui. Enquanto aqui tem muitos curiosos, lá não. Tem pessoas que: “Vamos? Fomos. Pra ontem, já tá aqui! Já foi...”*

Eu: Então tem diferença de uma cidade como Campo Grande (MS) para uma cidade como Florianópolis (SC)?

Vicente: *Nossa... Existe, existe porque aqui, querendo ou não, o povo é tipo... não é nem questão de o povo ser enrolado. O povo é receoso. Muitos ainda olham a questão de contratar um garoto de programa como: “Aí, não posso pegar ninguém. Eu não tenho capacidade”. Não é isso. Ninguém precisa pagar por sexo. [...] Em Florianópolis que muita gente, assim, que eu considero tope, gato, sabe? Assim, estavam me pagando pra eu estar com eles, entendeu? Você vê que a questão não é de beleza, a questão não é de não conseguir. É um serviço, entendeu.* (Grifos meu)

Ele próprio entende ser possível obter sexo casual, sem que nessa relação haja a mediação do dinheiro, a partir de outros meios digitais, como os aplicativos de relacionamento on-line voltados ao “público gay”. Porém, os parceiros sexuais estabelecidos ali não são sinônimo de prazer e satisfação garantidos, tendo em vista que muitos querem algo de momento e efêmero. Ou seja, aqui, reafirma o aspecto profissional e especializado que envolve o prazer remunerado e a prestação dos serviços sexuais. O que para os trabalhadores do sexo torna-se relevante, haja vista a necessidade de fazer com que os clientes voltem a contratá-los em ocasiões futuras.

Essa mesma concepção é exposta por Enzo Boy (24 anos) quando fala que:

No aplicativo, como as pessoas querem uma coisa mais rápida, ali, mais de momento, elas dificilmente estão dispostas a pagar. Porque tem muita gente oferecendo sexo fácil ali. Só que, assim, aquela lei da oferta e da demanda. Tipo, talvez você não tenha o que eu tenho, as qualidades que eu tenho você possa não ter. Talvez você procura algo que só eu tenha. Exemplo, corpo, tom de pele, tamanho do pau.

A consideração sobre o consumo, apesar de não se resumir exclusivamente ao corpo, é compreendida pelos interlocutores enquanto meio de obtenção de prazer qualificado mediante a troca de dinheiro pelos serviços especializados colocados em jogo, como companhia, massagens, penetração, performance, cuidado, entre outros. É nessa relação que se estabelece o valor de troca (Bassetti, Peixoto, 2015). No momento do consumo que configura enquanto lazer qualificado, portanto, se distingue o que trabalhador do sexo oferece em relação ao que é possível obter em encontros casuais ou descompromissados.

Além do mais, interessante considerar, a percepção social sobre o trabalhador do sexo obtém maiores contornos quando sopesamos um contexto menos cosmopolita como pode ser caracterizada a cidade de Campo Grande (MS). Seja diante da percepção que parte dos cidadãos possuem sobre a visão de mundo conservadora, conforme considera Vicente (28 anos), a percepção dos próprios trabalhadores do sexo, quanto dos clientes que ora ou outra transparece certo receio de consumir ou pagar por algum tipo de serviço sexual.

2.2 Entre cenas e contatos: a precificação do encontro

Um ponto a considerar, inclusive narrado pelos meus interlocutores, é a concepção sobre o valor do serviço cobrado. Enquanto em Campo Grande (MS) a média cobrada fica em torno de R\$ 100,00 a R\$ 150,00 reais a hora, em cidades como Florianópolis (SC) esse preço pode sofrer gradação. No caso de Vicente (28 anos), ele afirma que costuma cobrar valores geralmente acima de R\$ 150,00 a hora quando está fora de Campo Grande. Ressalta, ainda, que o fato de não possuir um local próprio para atender os seus clientes faz com que no momento da contratação do serviço sejam contabilizados os custos com bebidas, transporte, hotel ou motel.

O interlocutor entende que cidades como Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Florianópolis (SC) geralmente possuem uma demanda maior pelos serviços sexuais dos trabalhadores do sexo. Essa realidade desperta o desejo de deslocamentos e mobilidades ao representar um mercado mais valorizado. Tanto é que Vicente (28 anos) diz que quando passa temporadas fora de Campo Grande (MS) quase sempre consegue o retorno financeiro desejado. Ao passar temporadas curtas e ser percebido como novidade nesses lugares, atende ao que se espera de um trabalhador do sexo, ou seja, possuir *atributos interessantes*⁵⁸.

Assim, apesar dessas cidades possuírem um maior número de trabalhadores do sexo atuando, o que ampliaria a concorrência e poderia ocasionar, em consequência, retorno financeiro menos vantajoso, devido a possibilidade de contratação de serviços sexuais a preços mais baixos diante de uma maior oferta, a alta demanda equilibra um mercado considerado tão disputado e competitivo no contexto dos grandes centros urbanos.

Kerry dos Santos (2016) irá compreender em sua pesquisa como os trabalhadores do sexo, nesses locais, buscam estabelecer a precificação do valor dos serviços sexuais prestados. Segundo o autor, esse valor pode sofrer alterações segundo fatores ou variáveis estabelecidas num mesmo mercado do sexo. Portanto, “[...] o preço médio da hora do serviço de um garoto de programa no Brasil custa em torno de R\$ 100,00, podendo variar para valores mais altos, dependendo dos territórios onde se está trabalhando e dos clientes com os quais se está negociando” (p. 58).

⁵⁸ A estratégia adotada pelos trabalhadores do sexo, seja na cidade de origem ou na cidade em que migraram para realizar temporada, ao se colocar como será melhor trabalhada no decorrer do capítulo, ao problematizar sobre os intercâmbios, trânsitos e mobilidades dos trabalhadores do sexo. Para saber mais, ver Barreto (2017) e Alaman, Passamani e Rosa (2022).

Ainda que a pesquisa do autor tenha sido realizada há quase uma década, diante da dificuldade de estabelecer uma métrica precisa, em Campo Grande (MS) o valor médio do programa não destoa tanto. Entre outras variáveis, pode sofrer gradações de acordo com os serviços oferecidos, idade e estética corporal que o trabalhador possui.

Assim como Perlongher (1987), Alexandre Eustáquio Teixeira (2011, p. 12), em seu trabalho, chama atenção para o fato de que entre os trabalhadores do sexo, “outro aspecto sensível dessa relação é a concretização do pagamento do programa mediante os termos acordados anteriormente. Tentativa de mudanças de valores, ou o não pagamento por qualquer motivo, são um dos principais problemas relatados”.

Tanto é que Vinícius (29 anos), quando se refere aos valores cobrados em Campo Grande (MS), ressalta que esses podem variar de acordo com o local no qual o anúncio é vinculado. Além do mais, o serviço é precificado a depender do que o cliente deseja contratar durante o encontro. Uma forma de evitar desarranjos é negociar previamente todos os detalhes do serviço a ser prestado para, assim, não gerar algum mal-estar entre ambas as partes.

Sobre a negociação com as pessoas vai muito de... de onde ele tá me chamando. Se for pelos sites, como por exemplo, o Viva Local e que já tem um parâmetro, um valor específico e atende um público de classe um pouquinho maior, são realmente o valor “x”. Você negocia então naquele valor, que gira em torno de R\$ 150,00, R\$ 200,00 a R\$ 250,00 dependendo se for casal, se for um casal hétero, se for um casal homossexual, se for uma pessoa de fora ou não. Porém, têm também sites como o Skokka, por exemplo, que são valores mais baixos. O UOL você negocia também valores mais baixos. São serviços que são, por exemplo, serviços de massagem e que giram em torno de R\$ 80,00 a R\$ 120,00. Dependendo se for tântrica, por exemplo, de R\$ 120,00 para mais, entendeu? Então, é tudo negociado antes, os valores são fechados bem antes porque para não ter um problema na hora de você prestar o serviço e de chegar aqui, por exemplo... na hora, no meu local é um valor, no motel é outro valor, a domicílio é outro valor, entende? Porque há um custo, né, de, por exemplo, de Uber. Se for na casa do cliente e o cliente mora muito longe, não tem condições eu vou ter que cobrar Uber. Então eu prefiro sempre atendendo meu local por causa disso, né. (Grifos meu)

Para Txai (21 anos), ao se referir à precificação dos serviços sexuais que costuma estabelecer aos seus clientes, compreende que:

Txai: [...] sempre foi nessa faixa, né, R\$ 150,00, R\$ 200,00, R\$ 100,00. Aqui eu cobro R\$ 150,00, R\$ 200,00.

Eu: Por quanto tempo?

Txai: Uma hora. Ai se o cara quiser mais, tem que pagar mais. Geralmente os caras não ficam mais de uma hora. É difícil. É mais quando o cara pede pernoite.

Eu: E o pernoite é quanto?

Txai: *Aqui dá pra cobrar R\$ 700,00. Lá fora é R\$ 1.000,00, R\$ 1.500,00. Lá fora eles, às vezes, pagam até R\$ 2.000,00. Geralmente pega das 21h e vai até às 6h da manhã.*

Quando perguntei o porquê dessa diferença de valores entre Campo Grande (MS) e as demais cidades que já trabalhou, ele disse:

Txai: *Cara, não sei. Deve ser porque aqui, também, eles são mente fechada, né! Lá fora o povo gosta muito de sair, balada. Então isso influência, né. Aqui é difícil.*

Eu: Em qual local você percebeu uma maior diferença entre os valores cobrados?

Txai: *Foi em Curitiba, BH e no Rio. Porque o povo vai muito pra curtir lá e tal.*

No decorrer do mês, conforme seu relato, ao atuar exclusivamente como trabalhador do sexo é possível obter uma renda de *no máximo R\$ 3.000,00 que eu tiro*. Chama a atenção que os locais citados pelo interlocutor representam cidades com significativo fluxo de turistas ou de economia diversificada, o que possibilita um maior fluxo de pessoas e *negócios*, com um mercado sexual amplo. Porém, ressalta que quando saiu de Campo Grande (MS) não se restringiu a realizar trabalhos sexuais apenas nessas três cidades. Frequentou, também, outras cidades do Centro-Oeste, Norte e Sudeste do Brasil. Mesmo que em alguns locais não tenha conseguido obter tanto retorno financeiro quanto esperava.

Essa perspectiva financeira alcançada corresponde à obtida por Vicente (28 anos). Segundo ele, *aqui em Campo Grande, digamos, uns R\$ 3.000,00 mil, R\$ 3.500,00. Florianópolis R\$ 6.000,00 mil. Dependendo do movimento*. Porém, a renda obtida pode variar de acordo com o período do ano. Ao comparar as duas capitais, faz uma ressalva interessante. *Quando eu fui em Florianópolis foi em questão pandêmico. O turismo era só pros brasileiros. Não tinha gringo. E quem realmente deixa o dinheiro naquela ilha é os gringos*⁵⁹.

O interlocutor detalha como ocorre o processo de negociação e pagamento dos serviços que serão prestados em Campo Grande entre ele e o cliente. O tempo da prestação do serviço passa a contar a partir do momento que ele encontrar o cliente, mesmo que a negociação dos valores e o fechamento do encontro tenha ocorrido on-line. Ou seja, *conta a partir do momento que eu entro no quarto. A partir do momento que eu encontro o cliente. Aí a gente fica. Deu*

⁵⁹ De acordo com os interlocutores de Kerry dos Santos (2016), Florianópolis (SC) não representa para eles um mercado tão aquecido/atrativo. Pois, o trânsito maior de trabalhadores do sexo ocorre entre os meses de dezembro, janeiro e fevereiro considerado período de grande fluxo de turistas na cidade. Também é esse o período no qual é possível obter maiores rendimentos.

uma hora eu falo, lindão olha já deu seu tempo. Claro que eu não deixo uma hora certinho pra não ser escroto também, né.

Para Vicente (28 anos), essa estratégia visa não quebrar o clima entre ambos, além do mais, levanta a possibilidade de o cliente desejar prorrogar o tempo. O que possibilitaria a ele multiplicar o rendimento. Assim, *espero passar uns 10 minutinhos, uns 15 minutinhos. Eu falo lindão já deu seu tempo. E aí? Tu que renovar? Tu que já parar? Tá de boa pra ti? Se eu fiquei 3 horas, vai ser cobrado o valor por hora daquelas 3 horas ali.* Portanto, esse modo de operacionalizar o serviço realizado ocorre mais no contexto de Campo Grande, pois, [...] *em Florianópolis rolava muito pernoite. Ai dava pra fechar um pacote. Um pacote "X".*

Ainda nesse contexto, a precificação do serviço segundo o local em que é publicado o anúncio, conforme as experiências compartilhadas por Anthony (33 anos), ao falar sobre o mercado local de Campo Grande, também podem variar. Isso decorre tendo em vista o público consumidor de cada plataforma, que pode distinguir segunda a classe social e/ou escolarização. Essa percepção representa, segundo o próprio interlocutor, o perfil dos clientes que pagam pelo seu serviço.

Em seu relato, afirma:

*Eu comecei no Bate-Papo Uol. Eu sempre ficava on-line lá e me divulgava. [...] Ah, a desvantagem do **Bate-Papo Uol** é que o preço é lá embaixo. Quando eu comecei, lógico que tudo vai crescendo de preço, quando eu comecei era R\$ 50,00, em 2016, o preço no Bate-Papo Uol. Não sei hoje em dia, porque não tenho utilizado mais o Bate-Papo Uol.*

*Aí, recentemente, **quando eu anuncie no Garoto com Local, o site, aí começou a bombar. Tinha, tipo, umas três propostas por dia.** [...] O Garoto com Local, ao menos pro meu perfil, eu cobro R\$ 150,00. [...] Não dá pra enriquecer, mas, assim, brincando de trabalhar dá pra tirar uns R\$ 2.000,00 por baixo, por mês.*

[...]

No Garoto com Local eu consigo cobrar um valor lá em cima, R\$ 150,00. Um valor que eu acho justo, né. Tanto quando um cliente quer me pagar extra eu aceito gorjeta, mas eu falo que R\$ 150,00 pra mim tá suficiente. Um valor condizente. E quando quer desconto eu faço R\$ 100,00. Menos de R\$ 100,00 eu geralmente não faço. (Grifos meu)

Conforme observado, apesar das plataformas digitais servir como instrumento para a obtenção de uma clientela fixa e fidelizada, o interlocutor afirma não possui mais acesso ao seu anúncio no *Garoto com Local*, nem mesmo faz mais uso do *Bate-Papo Uol*⁶⁰. A perda do acesso

⁶⁰ Enzo Boy (24 anos), quando o questionei se utilizava o Bate-Papo Uol, me respondeu que não. Apesar de já ter utilizado, hoje considera ser *uma coisa ultrapassada, né. Já é uma coisa que quase ninguém utiliza. As pessoas que estão lá simplesmente só querem bater papo.*

do seu anúncio ocorreu, segundo ele, em decorrência de algumas pendências junto ao site, apesar de não saber informar ao certo quais seriam.

Uma vez que quase não atuou na rua, tendo em vista o retorno financeiro ser considerado irrisório, as plataformas on-line sempre representaram, na sua experiência enquanto trabalhador do sexo, os principais meios de autopromoção e visibilidade. Nesse contexto, chega a realizar um certo contraponto à percepção apresentada por Christopher (23 anos) quando este realiza algumas críticas sobre o baixo valor cobrado pelos trabalhadores do sexo em Campo Grande (MS). Tanto que Anthony (33 anos), quando faz uma análise desses meios, compreende:

A internet ela tem um pouco disso. A concorrência ela deixa com que os preços despenquem e eu não chego a sentir um mal-estar dos clientes que cobram R\$ 200,00 ou R\$ 250,00 porque eu cobro R\$ 150,00. Eu cobro menos. Não chego a sentir um mal-estar ou nenhuma cobrança de que eu cobro mais ou tô cobrando muito barato. Mas se eles conseguem cobrar esse preço, pelo menos clientela eles têm.

Desse modo, diferentemente dos demais interlocutores, Anthony (33 anos) deixa transparecer sua expectativa em relação aos ganhos obtidos. Além do mais, quando o questionei sobre a possibilidade de estabelecer uma precificação de acordo com os anúncios publicados pelos demais trabalhadores do sexo nos classificados, ele enfatiza que *muitos não falam o preço. Eu descobri preço agora que eu tenho esse cliente que gosta de fazer com dois ao mesmo tempo. Eu tive que ligar, mandar mensagem pra eles no whatsapp pra perguntar o preço. Não tem muitos.*

O fato de manter uma *clientela fixa*, atrelada às suas vindas a Campo Grande decorrerem apenas durante os finais de semana, é o suficiente para obter uma renda satisfatória⁶¹, pois, o trabalho sexual para ele figura-se mais como *complementação de renda, não vai muito além disso*⁶².

Cabe considerar que diferente do anseio dos demais interlocutores, Anthony (33 anos) não coloca como meta o desejo de deixar a capital para realizar temporadas em outros mercados no contexto nacional e vistos como mais valorizados entre os trabalhadores do sexo. Até a última conversa que nós tivemos, compartilhou comigo o fato de que a única cidade na qual já realizou trabalho sexual fora do estado de Mato Grosso do Sul foi na cidade de Curitiba (PR).

Seu relato é mais ilustrativo quando fala sobre as primeiras experiências como trabalhador do sexo em Campo Grande. Segue:

⁶¹ A importância econômica dada pelos trabalhadores do sexo de conseguir manter uma clientela fixa foi constatada no trabalho de Kerry dos Santos (2016).

⁶² As percepções do sexo remunerado enquanto trabalho será melhor apresentadas no Capítulo 3.

Também teve na rua, que eu fui três vezes. Só uma eu me dei bem. E olhe lá, porque a remuneração foi bem baixa. O Bate-Papo Uol, embora a remuneração também seja baixa, eu vou na hora que eu quero [...]. Eu meio que construí minha carreira no Bate-Papo Uol e por indicação. E o Garoto com Local é mais, assim, realmente é o que dá pra ganhar uma grama, mas, o ruim é que você tem que ficar com tesão na hora dos outros e não dá sua. E quando eu uma vez fui pra Curitiba, eu cheguei a entrar no Bate-Papo Uol, primeira viagem, né. Fui passar o fim de semana lá. Aí logo que eu entrei já consegui um cliente. Ele me pagou R\$ 150,00 na época que eu cobrava R\$ 100,00. Quer dizer, já foi um preço bom. E ele quis fazer comigo de novo no mesmo fim de semana. Mas, assim, foi a minha única experiência de programa fora do estado. (Grifos meu)

Quando pensado sobre o número de atendimentos, bem como o mercado local, Anthony (33 anos) realiza considerações tangenciais. Afirma que antes de criar seu anúncio no *Garoto com Local* utilizava-se de uma das funcionalidades do aplicativo de mensagem instantânea *whatsapp*, a lista de transmissão, para informar aos seus clientes que estaria a atender em Campo Grande momentos antes de deixar a cidade em que residia no interior em direção à capital.

Ao questioná-lo sobre a quantidade de clientes fixos que possui e que costuma comunicar através da lista de transmissão, diz: *Deixa eu olhar aqui...espera aí, acabei de achar uma [lista] aqui. Aqui tem sessenta e seis. Deixa eu ver quantos desses eu realmente, realmente fico, assim. Um, dois, três...têm uns que não tá aqui também. Vamos, assim, colocar uma estimativa de uns trinta fixos.*

Deste modo, revela que durante os três dias de trabalha na capital, em média, realiza um programa e meio por dia. Entretanto, segundo o ele, o baixo número de clientes atendidos é mais em decorrência dá pouco demanda do mercado local do que propriamente da sua disposição e capacidade de atendimento. Seu relato é elucidativo nesse sentido:

Quando eu vou pra Campo Grande eu geralmente chego na sexta à noite, bem tarde da noite. Raramente dá tempo de fazer programa. E vou embora na terça de manhã. [...] Dá um pouco mais de 72 horas. Eu diria que eu faço em média um programa e meio por dia. Um dia bom são três programas. Meu recorde são quatro. Não é porque eu não dou conta, é porque não aparece mais de quatro pra mim. Eu já ouvi falar de caras que nunca gozam no programa ou porque eles já tinham uns oito ou dez programas por dia e cada programa tem uma hora contada, sai de um e vai pra outro. Mas não sei se essa é a realizada de Campo Grande não. Talvez seja em algum outro lugar ou pessoas que fazem temporada.

Ao mesmo tempo, no decorrer da nossa conversa, ao realizar uma descrição de como ocorre a negociação dos programas, faz uma crítica aos trabalhadores do sexo que costumam precificar com valores diferente cada serviço a ser prestado durante o encontro com o cliente.

Tanto é que, nesse ponto, pensa se diferenciar dos demais trabalhadores do sexo que atuam em Campo Grande⁶³.

Eu não ofereço serviços, assim, específicos. Você me paga meu cache pra tá comigo. Não tem limite de hora. Eu coloco, assim, às vezes, no máximo duas horas, mas se passar eu não cobro a mais. Eu não cobro valores diferentes pra cada serviço. Vejo que muitos garotos de programa fazem isso. Eu não faço. Meu cache é R\$ 150,00 e você vai estar comigo pelo tempo que precisar e eu vou cobrar R\$ 150,00 e vai rolar tudo que um queira e o outro topa. Simples!

Esse e outros relatos estruturam o modo de estabelecer a precificação e a realização dos serviços anunciados e negociados. Portanto, revelam que apesar das dificuldades encontradas e a carência de um mercado mais aquecido para o desenvolvimento do trabalho sexual, Campo Grande configura-se, ao menos para os meus interlocutores, ao mesmo tempo que um local de trabalho, também, local de convívio e lugar de prazer. Ao mesmo tempo é preciso considerar que essas relações são estabelecidas dentro do modo de produção capitalista e, portanto, moldam as subjetividades, o fazer e saber dos homens trabalhadores do sexo na busca por dinheiro, gozo e realizações pessoais e profissionais. Conforme será exposto nas próximas páginas.

2.3 Desejos, trânsitos e mobilidades na prática do trabalhador do sexo

Entre os trabalhadores do sexo pode-se perceber as diferentes percepções sobre vivências, mobilidades, trânsitos e desejos. A diversidade de narrativas acerca do ser/fazer-se trabalhador do sexo torna-se muito importante para a compreensão dessa realidade pouco explorada no Brasil (Hamann, Pizzinato, Rocha, 2018). Portanto, aqui, a compreensão de michê enquanto “[...] uma espécie sui generis de cultores da prostituição: varões geralmente que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente” (Perlongher, 1987, p. 17) precisa ser relativizada.

Essa concepção que (re)produz o estereótipo de homem macho e viril, diante da autoidentificação sexual dos sujeitos pode ser compreendida sob certas nuances no contexto local. Tanto é que durante a realização do campo e no decorrer das entrevistas realizadas com os interlocutores, ao se referir sobre a orientação sexual e/ou como performam durante o

⁶³ Essa precificação segundo cada serviço oferecido pelo trabalhador do sexo pode ser melhor evidenciada no classificado *Viva Local*, conforme foi apresentado no Capítulo 1.

encontro com os clientes, alguns se colocaram como ativos liberais ou bissexuais, porém, nenhum afirmou ser heterossexual.

Nesse contexto, a compreensão que os interlocutores apresentam sobre ser ativo liberal é a que os possibilita durante o encontro com o cliente performar como ativo, mas nunca como passivo durante a prestação do serviço sexual. Apesar dessa proibição, o interlocutor negocia a realização de sexo oral, beijos e fantasias sexuais no cliente⁶⁴.

Perlongher (1984, p. 591), nos primeiros estudos sobre trabalhadores do sexo, identifica que em “um apreciável número dos casos, os rapazes que se prostituem não são ou não se consideram homossexuais; e esta recusa da homossexualidade vai ao encontro da demanda dos clientes [...]”. O que para o autor, reflete o desejo dos clientes, nesse mercado, de estabelecer relação sexual com um heterossexual ainda “[...] que nunca se sabe se os rapazes são ou não homossexuais, e isso constituir uma fonte de polêmicas, conflitos, gozos, etc.”.

Conforme identificado aqui, parte dos interlocutores e dos anunciantes apresentam-se a partir de uma orientação sexual situacional e flutuante enquanto sujeitos de desejo (Viana, 2004, 2010). A exemplo dos anúncios catalogados no classificado *Garoto com Local* durante o mês de novembro, pode ser destacada a descrição realizada por Bryan Oliveira (24 anos) sobre si:

*Olá obrigado por visitar o meu Perfil
Me chamo Bryan, tenho 24 anos massoterapeuta formando e acompanhante completo...
Sou versátil completo e sem frescura
Já fez aquela massagem com direito e final feliz para relaxar por completo?
[...]
Bora aproveitar esse tempo que estarei na cidade? (Grifos meu)*

⁶⁴ Burbulhan (2014, p. 152) identificou entre os seus interlocutores a mesma definição para “ativo liberal”. Na descrição de um desses interlocutores significa “beijar, chupa, come, só não dá”. Assim, João Paulo Cavalcante Lima (2017, 124-125) nos dá uma definição mais completa sobre as performances/papeis que os trabalhadores do sexo podem desenvolver durante a realização do encontro. Segue: “No mundo da prostituição masculina, os papéis sexuais a serem exercidos pelo GP e pelo cliente necessariamente devem ser definidos antes do acordo tácito do “contrato da prostituição viril”. No mercado do sexo entre homens, o profissional classificado como “ativo” se refere ao homem que realizará a penetração anal no cliente, além disso, é aquele que exerce o total controle sobre o ato sexual e, em hipótese alguma ele aceita se submeter a determinadas coisas como, por exemplo, beijo na boca, realização de sexo oral no outro, receber carícias nas nádegas e etc., pois ele apresenta e valoriza um comportamento machista, potencializado por características hipermasculinizadas. É o tipo de profissional que adota o modelo heteronormativo, portanto, ele se autodeclara como heterossexual, diz que só mantém relações com outros homens por dinheiro e não por prazer. Os GPs com esse perfil geralmente tratam os clientes com desdém e se referem a eles como “as bichas”, “as gays”, “as mariconas” e etc. O profissional que se autodeclara “ativo liberal” é aquele que fará a penetração anal no cliente e que manterá o controle do ato sexual, mas aceita beijar, receber e fazer sexo oral, receber e fazer carícias no corpo inteiro e etc. Esse tipo de profissional apresenta uma postura menos preconceituosa em relação aos clientes, ainda que também se autodeclare heterossexual e que só mantém relações sexuais com outros homens por dinheiro e não por desejo e/ou prazer. O GP que se autodeclara “passivo” é aquele que será penetrado durante o ato sexual pelo cliente. Nesse caso, o cliente exerce o controle sobre o ato sexual, ademais, caso seja de desejo do cliente, esse tipo de GP aceita beijar, fazer sexo oral, receber e fazer carícias no corpo e etc. e apresenta um comportamento evidente de submissão ao outro. Esses profissionais se veem como homossexuais, gays (nas palavras deles) e dizem que é comum sentirem desejo e/ou prazer com determinados clientes”.

Outro anunciante, Lucas Silva (22 anos), diz ser *versátil e sem frescura*, ou seja, que durante a realização do serviço pode performar tanto como passivo quanto como ativo na relação. Do mesmo modo, Júlio Salazar (idade não informada) realiza a seguinte descrição de si:

*Sou Moreno claro, tenho 1.78 altura, 22cm de pau, estou aqui para dar prazer, o que rola entre 4 paredes morre ali, sigilo sempre. Disponível para viagens, tenho local discreto para atendimento, aceito cartão também como forma de pagamento. **Ativo ou passivo, não importa**, o que importa o prazer dado e realizado...* (Grifos meu)

Já Caio Galli (26 anos), com anúncio ativo durante o mês de dezembro, utiliza como estratégia para a montagem do perfil um conjunto de fotos voltadas à valorização de certos atributos corporais. Entre as fotos publicadas, retrata-se enquanto um corpo definido e bronzeado, ora a utilizar óculos de sol e com um sorriso elástico no rosto num cenário de praia, ora com um semblante sério e entoadado numa toalha amarrada à cintura. Ao segurar o celular com a mão esquerda, se coloca em frente ao espelho no qual a fotografia é capturada.

Nesse contexto, os óculos buscam associá-lo a um perfil sério e intelectualizado. Pretende acionar, portanto, determinados fetiches associados ao homem de negócios e a um contexto predominantemente ligado à heterossexualidade na sociedade ocidental capitalista. Em contrapartida, a descrição o apresenta como homem discreto e *versátil liberal*. *Dote grande, rabo liso e safado... aqui para te fazer gozar e realizar fetiches*. Ressalta, ainda, que seu atendimento é voltado apenas para homens⁶⁵.

Para entendermos melhor a disposição de Caio Galli (26 anos) nas fotografias publicadas em seu anúncio, antes, é preciso reconhecer que:

Esta modalidade do trabalho sexual exercido por homens, que usufrui dos meios de comunicação para acesso a clientes, apresenta peculiaridades interessantes de serem analisadas. O tamanho do pênis, a musculatura e algumas posições dos escorts nas fotos ajudam a comunicar algo deste mercado. A corporalidade é evidentemente bem enunciada, como exemplo do pênis e dos músculos, havendo a exacerbação de certo tipo de masculinidade viril. (Alaman, Passamani, 2021, p. 11)

⁶⁵ Nesse contexto, pode-se compreender enquanto “versátil liberal” o trabalhador do sexo que durante a prestação do serviço estará disposto a ser ativo e/ou passivo, fazer e/ou receber sexo oral, beijar e/ou ser beijado na boca, realizar e/ou receber carícias, etc. Segundo Lima (2017, p. 125), “[...] esse tipo de profissional geralmente se autodeclara como homossexual ou bissexual, portanto, algumas vezes relata sentir desejo e/ou prazer com determinados clientes”.

Já Anthony (33 anos), quando fala sobre a sua relação com os clientes, quanto à sua performance durante a prestação dos serviços sexuais, no que tange à relação de ser ativo ou passivo no encontro, ao ser perguntado se percebe algum estigma ou desvalorização enquanto trabalhador do sexo ao se colocar também como passivo no contexto local, ele responde:

*Quando eu comecei a fazer programa, em 2016, eu fazia só ativo. Tanto que até o final de 2017 eu fiz passivo uma única vez. Eu também, na minha vida pessoal, não era muito não. Eu fazia, sempre fiz desde o começo, mas eu era sempre mais ativo. E daí, não lembro exatamente quando, não vou lembrar quando. Talvez o ano passado, retrasado ou um pouco antes da pandemia, não lembro. Eu comecei a tipo assim liberar geral, sabe? **Eu faço o que o cliente quiser.** Isso é uma coisa que ajudou minha ereção na verdade. Foi antes da pandemia, antes da pandemia eu já estava assim. O cliente perguntava... **antes eu falava que eu era ativo liberal pra eu não perder os clientes que queriam me comer, eu sou ativo e liberal, e os clientes que em hipótese tem preconceito com o cara não ser ativo... de certa forma eu sou ativo e liberal, meio que pra agradar todo mundo. Os que queriam só me comer eu era liberal e para os que queriam só me dar eu era ativo. Então é um jeito de falar que você topa tudo, mas, assim, fazendo cu doce pra dar, sabe.***

De um pouco antes de começar a pandemia eu estava, tipo assim, tanto faz. No começo era raro aparecer cliente querendo me comer. Geralmente queriam dar mesmo. Quando aparecia um querendo me comer eu até me aliviava, sabe. Tipo, eu não vou ter que me preocupar com a minha ereção. (Grifos meu)

Portanto, esses exemplos, apesar de não serem os únicos, retratam o quanto a relação do trabalhador do sexo, diferentemente de outros contextos e pesquisas já produzidas (Braz, 2010; Viana, 2010; Silva Júnior, 2012; Kerry dos Santos, 2016, entre outros), não faz daquele que durante a realização do serviço sexual, ao performar ora quanto ativo, ora quanto passivo, possa ser percebido como menos valorizado ou de status subalternizado entre os demais trabalhadores do sexo ou perante os próprios clientes no contexto de Campo Grande. Ao menos conforme os relatos dos meus interlocutores. E, também, se essa concepção estivesse incorreta, não teríamos tantos anúncios no contexto campo-grandense a contrariar a lógica que comumente coloca os trabalhadores do sexo enquanto heterossexuais e ativos.

Ainda que essa me parece ser uma questão que caracteriza mais o mercado do sexo local do que outros contextos, entre as pesquisas mais recentes publicadas sobre trabalhadores do sexo, Wellington de Jesus (2021, p. 85) identificou não ser “[...] comum aparecer a posição passiva no sexo, por parte do garoto de programa”. Ainda, conforme o autor:

Até beijos e carícias, antes tratados como tabu no universo da prostituição, foram incorporados aos anúncios, como um diferencial positivo, uma espécie de *plus*. A posição passiva no sexo anal, no entanto, continua inviabilizada. Tende a ser negada porque rebaixa a imagem do garoto, porém passa a ser

objeto de negociação entre cliente e garoto, a partir do compromisso de pagamento extra e da realização da prática sob sigilo, mantendo intocável o modelo de masculinidade hegemônica. (2021, p. 85, grifo do autor)

Percebe-se como a hierarquia sobre as sexualidades, que perdurou no decorrer dos anos e em outros contextos pesquisados, passa a ser questionada e tencionada. Ainda mais quando considerado que durante tanto tempo “[...] o homem profissional do sexo encontra-se em um dilema constante de afirmação de sua masculinidade, devido à própria natureza de sua atividade” (Viana, 2004, p. 303). Portanto, o que eu quero dizer, assim como Fabregás-Martinez (2002), Souza Neto (2009) e Viana (2010) em suas pesquisas, trata-se de considerar essas práticas (ativo/passivo) operadas pelos trabalhadores do sexo como fluídas e não fixas.

Durante muito tempo:

Em se falando de lugares, agora, na ótica da autoidentificação sexual, muitos ocupam o lugar do heterossexual, salvo alguns que demonstram uma homossexualidade manifesta. Outros poucos consideram as condições de ativo liberal e do bissexual como definidoras de suas identidades, assim como de suas práticas sexuais e profissionais (Viana, 2004, p. 305).

Porém, para alguns trabalhadores do sexo a exigência de performar enquanto homem ativo pode ser tencionado e em alguns momentos relativizado. Tanto é que Anthony (33 anos), ao compartilhar a experiência que obteve com um dos seus clientes, afirma:

*Alguns clientes falam comigo se eles se entendem como ativos, passivos ou versáteis. Eu meio que, nem sei, **tem cliente que fala que é só passivo e eu dou um jeito de dar pra eles e eles adoram.** Isso é muito relativo. **Eu acho que as pessoas são meio fluídas.** Semana passado mesmo um cliente que transa comigo já pelo menos desde 2017, regularmente... passivo. Ele tem dificuldade de ereção. Acho que é por isso, mais por isso que ele é passivo. Acho que ele já... ele é mais velho, né. Aí eu tô elucubrando um pouco. Ele deve ter acostumado com a ideia de ser só passivo. **E eu consegui deixar o pau dele [duro], taquei camisinha, cuspi e sentei.** E daí senti que o pau dele amoleceu um pouquinho, mas ficou meia bomba. Duro o suficiente pra conseguir manter lá dentro e ele adorou. **Depois comi ele, como sempre.** (Grifos meu)*

A narrativa apresentada pelo interlocutor revela o quanto a relação entre trabalhador do sexo e cliente estão em constante ponto de tensionamento e negociação. Assim, as relações estabelecidas e delimitadas, ainda que mantidas a longo prazo, podem ser flexibilizadas e renegociadas nesse percurso. Mesmo que, conforme considera ele, ao final ambos retornem à posição original, por ora, estabelecida costumeiramente. Nas palavras do interlocutor, *depois comi ele, como sempre*.

Devo considerar que, apesar do número de trabalhadores do sexo que declaram versáteis, versáteis liberais ou passivos, outros anúncios colocam-se enquanto “heterossexual GP ATIVO”, “macho ativo”, “exclusivamente ativo”, “ativo” ou “100% ativo”. Ao mesmo tempo é possível encontrar aqueles que não evidenciam qual sua orientação sexual ou posição que exercem durante a performance sexual. O que possibilita durante a negociação entre cliente e anunciante, no momento da contratação do serviço, estabelecer o consumo e as ações do corpo enquanto bem e objeto de desejo.

A lógica que coloca o homem trabalhador do sexo como sujeito ativo e heterossexual tem se perpetuado durante décadas, desde os primeiros estudos sobre prostituição masculina no cenário nacional. Por outro lado, entre os meus interlocutores, apesar de alguns estabelecerem que atuam apenas como ativos durante o encontro, não se identificam como heterossexual.

Para isso, evidencio aqui a compreensão de dois interlocutores sobre isso. Enzo Boy (24 anos), por exemplo, irá afirmar que não performa como passivo nas relações sexuais com os clientes. Esse, para ele, caracteriza-se como um ponto não negociável. Por outro lado, na sua vida pessoal não vê nenhum problema de estabelecer relações sexuais com seus parceiros sendo passivo. Ao mesmo tempo em que não estigmatiza ou deprecia o fato de alguns garotos de programa performar enquanto passivos, *mas por opção eu não faço*. Segundo ele, *pra ser passivo você precisa ter todo um preparo, todo um psicológico, toda uma intimidade, todo um contexto, né*. Ou seja, no seu caso liga o âmbito da intimidade e da afetividade com o parceiro para estabelecer outras formas de satisfação dos seus desejos.

Sendo assim, a partir do pensamento de Paulo Roberto Ceccarelli (2008), Burbulhan (2014, p. 45) irá compreender que “[...] a prostituição pode ser definida como uma troca de favores sexuais em que o afeto deve estar ausente em pelo menos uma das partes da díade profissional do sexo-cliente”. Portanto, “esses favores sexuais, para o autor, apesar de serem trocados majoritariamente por dinheiro, também podem ser permutados por bens materiais, informações, dentre outras coisas”.

No mesmo contexto, Vicente (28 anos) irá dizer que:

Nunca num programa [faz passivo]. Não é o serviço que eu vendo. E, também, não é algo que muito me enche os olhos. [...] Se não for pra mim ter um bom desempenho eu não quero pegar o dinheiro do cliente agora e depois ele nunca mais aparecer nos meus contatinhos. Se eu não vou dar conta do serviço, não vai ser legal, não tem como.

Quando questionado se tem ideia do que motiva seus clientes a procurá-lo para desempenhar o lugar de ativo na relação, compreende que:

*Varia muito de pessoa pra pessoa. Tem homem que gosta de sentir que está transando com um outro homem. Dois homens, machos. Agora tem homem que quer ser a mulher realmente da situação. [...] Homem normal, como nós, mas ali no momento eles querem se sentir a mulher. **Então eles querem buscar um macho.** Então é uma questão de realização até mais, assim, psicológica da pessoa do que uma necessidade. Porque um ativo ou um versátil transa certinho do mesmo jeito. Mas, a questão do psicológico dele, do cliente... **tem cliente que já me perguntou, você só faz ativo? Ou você faz versátil?** Não, eu sou ativo liberal. Tudo. **Só não curto penetração, só não curto ser penetrado. E o cliente falou assim, “Aí que bom, porque se você fosse versátil eu já ia encerrar a conversa agora”.** Porque eles querem um macho, eles querem um homem, eles querem um macho alfa. Eles querem, tipo, que o cara se porta igual o namorado da amiga deles se porta com a amiga, o hetero. O macho, tá ligado. Eles querem isso. **É o fetiche.** (Grifos meu)*

Também, por outro lado, durante muito tempo fez-se a distinção dos locais onde ocorre o exercício do trabalho sexual, aquelas práticas que geralmente ocorriam nas saunas, clubes de sexo, agências e casas de massagens, no âmbito mais privado das relações, em detrimento dos espaços públicos, como parques, praças e ruas. Esse último onde, geralmente, caracterizado pela baixa remuneração (Hamann, Pizzinato, Rocha, 2018; Lourdes dos Santos, 2013; Ribeiro, 2015; Souza Neto, 2010; Teixeira, 2011; Viana, 2010).

Enzo Boy (24 anos) compreende que há *bastante diferença*. *Por exemplo, na rua é bem mais barato. É bem mais banalizado. Já no site é uma coisa mais profissional. É mais uma prestação de serviço mesmo. Mais um serviço!* Avalia o fato de que *muitos que fazem na rua, fazem barato apenas pra custear drogas que usam*.

A concepção transposta pela fala do meu interlocutor evidencia o quanto essa modalidade é “[...] vista como mais barata porque mais perigosa e mais suja, uma vez que a rua, especialmente à noite, é compreendida como o lugar de ninguém, o lugar da indiferença, o lugar do anonimato. Ou seja, o lugar onde tudo é permitido e tudo pode acontecer” (Passamani, Rosa, Alaman, 2022, p. 263).

Nessa mesma linha analítica, Viana (2004, p. 301) compreendem que parece prevalecer nos espaços da rua um:

[...] certo grau de agenciamento, cafetinagem, e não há, por parte dos michês, a unanimidade em desprender maiores cuidados com a imagem corporal, pois muitos acreditam que não precisam cultivar um corpo forte e musculoso, pois é na genitália que habita a essência da masculinidade, e não em outros atributos físicos.

Para ilustrar melhor, conforme relato de Txai (21 anos), quando fala sobre o trabalho sexual praticado na rua, ressalta as dificuldades de se estabelecer e ocupar esse espaço. Compreende que:

Aqui a rua já acabou já. Hoje em dia é só site. Antes dava dinheiro na rua. Hoje não trabalha mais ninguém na rua, ainda mais depois da pandemia. Acabou! Antes tinha, usava muito a rua aqui. Hoje não tem mais GP na rua não. Tem mais travesti só. Elas gostam da rua. Na verdade, a rua é das travestis. [...] Hoje não [tenho vontade de voltar pra rua] porque tô velho. Antes eu era novinho, né cara.

Ainda que ser jovem e possuir 21 anos sejam atributos valorizados no mercado do sexo, ao considerar que a trajetória do interlocutor começou quando ainda era adolescente, a referência que faz de estar “velho” alude não à idade biológica, mas sim à temporalidade, trajetória e experiências adquiridas nesses anos como trabalhador do sexo. Portanto, nesse contexto, Passamani (2015, p. 47) ao compreender os processos de envelhecimento, curso da vida, memórias e condutas homossexuais de homens entre 52 e 82 anos da região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, afirma que:

O curso da vida permite um diálogo não apenas com os determinismos biológicos que constroem, de maneira estática, as idades, mas possibilita erguer pontes entre as diferentes formas de viver, com as experiências acumuladas e com a própria memória que acaba por reconstruir histórias individuais e coletivas.

As trajetórias individuais e coletivas, bem como os aspectos culturais, sociais e históricos formam perspectivas para além de possíveis determinismos ou aspectos lineares e biologizantes. Por outro lado, ao mesmo tempo que devemos considerar esses aspectos, para Txai a rua torna-se sinônimo não só de perigo, como também de disposição, desafios e aventuras. No seu caso, atrelado à quase inexistência de pontos de trabalhadores do sexo nas ruas, ele considera existir outros meios mais eficazes e seguros para desenvolver seu trabalho, como normalmente são considerados os meios on-line.

Diante desse cenário percebe-se que apesar da rua ser um dos espaços mais tradicionais e comuns para a atuação dos trabalhadores sexuais, possivelmente, ela não representa mais o *locus* privilegiado para a comercialização de determinados serviços sexuais operacionalizados por esses sujeitos. Além do mais, os espaços públicos são considerados potencialmente perigosos, violentos e insalubres. Desde o final da década de 1980 notou-se a migração do trabalho sexual que ocorria nas ruas e nos demais espaços públicos para as saunas e clubes de

sexo, no âmbito mais privados das relações afetivas e sexuais. Buscava-se, com isso, garantir o anonimato, segurança entre outros. (Ribeiro, 2015; Passamani, Rosa, Lopes, 2020b).

Em contrapartida, hoje os espaços on-line surgem como meio capaz de integrar os desejos dos diferentes sujeitos, que não anseiam se expor entre os espaços públicos, ao mesmo tempo em que não necessariamente objetivam uma apropriação dos espaços privados para a prática do trabalho sexual. Para Enzo Boy (24 anos), *na rua você está bem mais exposto a preconceito, a discriminação, a apanhar até. No site é uma coisa mais segura. Claro, pode acontecer de um doido contratar você pra te matar. Mas é bem mais difícil.*

Não só o interlocutor diz ter [...] *um contato de confiança que mando fotos do local, o que eu fui fazer, quanto tempo eu vou demorar, como Txai (21 anos) e Vicente (28 anos) afirmam utilizar do mesmo recurso. Para eles, um meio de se sentir mais seguros e minimizar o estado de insegurança que possa ser gerado diante do atendimento de pessoas desconhecidas.*

Por outro lado, entre os meus interlocutores, apenas Vicente (28 anos) e Enzo Boy (24 anos) admitiram ainda frequentar uma das duas saunas ativas na cidade, ao mesmo tempo em que mantém os anúncios nos classificados on-line⁶⁶. Os demais afirmam que a atuação no mercado do sexo pago ocorre exclusivamente através dos aplicativos ou dos classificados on-line. Argumentam, ainda, que a escolha desse meio se dá diante da significativa visibilidade alcançada nos ambientes on-line e que, por consequência, têm possibilitado um maior retorno financeiro quando comparado aos trabalhos realizados nas ruas ou demais espaços privados.

Anthony (33 anos), durante nosso diálogo, diz que por algum tempo frequentou saunas em Campo Grande (MS). Porém, desde que deixou de residir na capital sua ida à sauna ficou inviável. Sua experiência em uma das saunas é narrada com certo saudosismo, tendo em vista o sucesso que obteve entre os clientes e os próprios proprietários, uma vez que fazia da sua permanência no local uma verdadeira atração.

Teve a sauna. A sauna não é certo que eu vou ter... tinha uma época que uma das saunas não cobrava a minha entrada porque sabiam que eu atraia público e o público ia se divertir. Eu falo que sou um ótimo animador de festas e animador de suruba. Tanto que a Club Sauna e essa própria sauna que não cobrava a minha entrada, às vezes, eles que faziam eventos de sexo ao vivo e tal, boy interativo. Eles sabiam que eu indo era sucesso. Eu sou bom disso, sabe. De divertir o pessoal. Tanto que na Club Sauna os outros garotos de programa que eles chamavam, eles cobravam por programa. Eu não, eu estava satisfeito só com o cache que a casa me desse. Aí eu me divertia, aí eu fazia acrobacia eu beijava todo mundo. Chamava todo mundo pra cabine, chupava um, comia o outro. Nessa época eu não fazia passivo. Era sucesso, assim, eu me divertia, via todo mundo se divertir. Eles sempre queriam que eu voltasse, me pagavam sem chorar. Teve isso. Na sauna teve isso. Mas,

⁶⁶ Enzo Boy informou que sua frequência nesse ambiente ocorre de modo mais esporádico.

depois da pandemia eu abandonei a sauna. E a Club Sauna tinha até falido já.

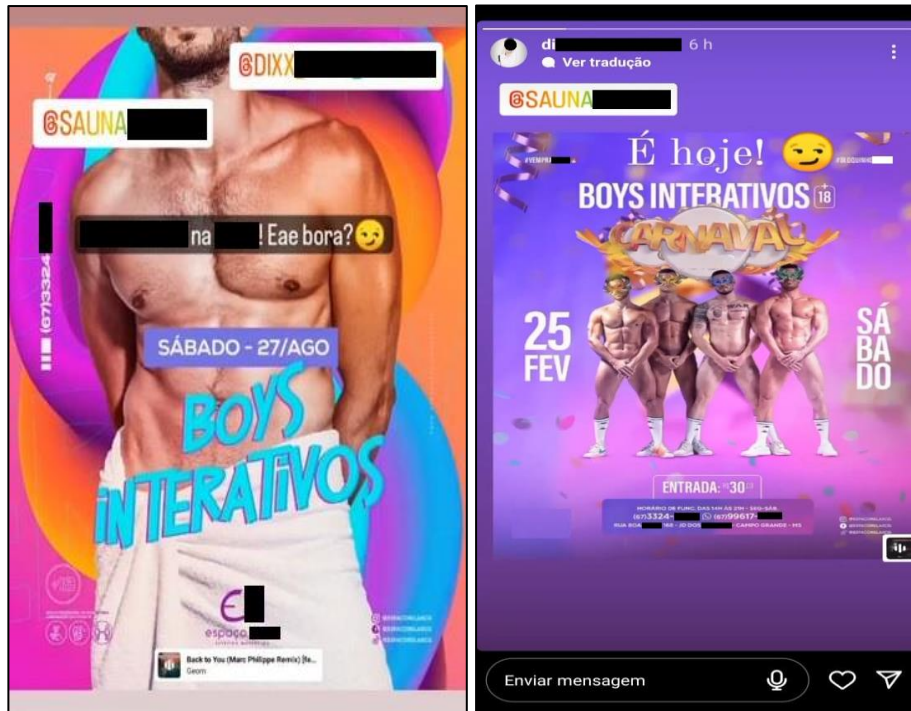
Por outro lado, Vicente (28 anos), quando fala da sua experiência no mercado do sexo local, disse utilizar as redes sociais como o Instagram e o aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp* para potencializar e alcançar outros clientes. Para tanto, publica *stories*, fotos e vídeos nessas redes a convidar seus contatos e clientes para eventos em outra sauna da cidade, a Atenas. Uma das duas saunas ativas em Campo Grande. Tanto é que entre as publicações que acompanhei no seu perfil, sempre buscava se colocar enquanto uma das principais atrações. Portanto, convidava os clientes para desfrutar dos seus *dotes* e das performances a serem realizadas nesse ambiente. Compreende que o objetivo ali é *promover momentos de prazer e descontração*.

Em um dos *stories* publicados, convida os seguidores da rede social para frequentar a sauna local. Nessa publicação garante que os presentes encontrarão com os *boys interativos ao vivo*. Em seu *story* se apresenta sem roupa, com a barba sem fazer, brinco na orelha direita, um colar em prata no pescoço, com o vídeo a focar apenas a parte superior do corpo, acima do tronco.

A publicação contém a marcação do perfil on-line da sauna Atenas no canto inferior esquerdo, com uma frase em letras brancas na parte central da publicação, logo abaixo do queixo do interlocutor, no qual diz: *Bora se divertir?* E realiza o convite: *Boa tarde galera, tudo bem? Aqui é o Vicente. Passando pra lembrar que daqui a pouco a gente tem um encontro lá na Atenas. E aí, bora se divertir?*

Apesar de Vicente (28 anos) não possuir uma estética corporal associada ao que podemos definir como malhado, diante do fato de ser magro e possuir em torno de 1,75 metro, em outra publicação realizada na sua rede social apresenta um cartaz do evento figurado por quatro homens *seminus*, depilados e com o corpo definido. Ambos calçam um par de meias brancas na altura da canela, tênis branco e máscara de carnaval a cobrir os olhos, com as mãos sobre seus órgãos genitais. No cartaz o convite para o evento que ocorrerá no dia 25 de fevereiro, comemoração de carnaval com *boys interativos*.

Figura 1 – Publicação de evento realizada pelo interlocutor em sua rede social *Instagram*.



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2022.

Os códigos acionados pelo cartaz, na publicação do interlocutor, chamam a atenção pelo fato de que a estética corporal apresentada entre o que é representado pelo cartaz e o que se consome nem sempre corresponde à realizada concreta, porém, serve como gatilho e estímulo aqueles que se sentir tentados a frequentar a sauna Atenas para consumir os serviços oferecidos ali pelos boys interativos.

Interessante salientar, aqui, o quanto a concepção de estética corporal pode destoar daqueles encontrados nos grandes centros urbanos do país. Para o contexto campo-grandense não prevalece, necessariamente, o perfil estereotipado do homem trabalhador do sexo super malhado, tatuado, definido, forte ou depilado, habitualmente associado à concepção de uma suposta virilidade exacerbada. Não é por isso que não há, a princípio, a percepção sobre a valorização de uma certa estética corporal nesse universo, ou melhor, nos mercados do sexo local.

Nesse sentido, Vicente (28 anos) comenta sobre as motivações e diversidade de “produtos” que os clientes podem encontrar e contratar nos mercados do sexo local⁶⁷. O interlocutor entende que nesse processo de escolha ou contratação o cliente busca avaliar o corpo pra ver se atrai, se é o biotipo. Têm pessoas que gostam de magrinho, têm pessoas que

⁶⁷ Perlongher (1984, p. 588) irá compreender a negociação estabelecida entre o michê e o cliente em analogia a um contrato *sui generis*, na medida que os termos da negociação estão ali “[...] corriqueiramente explícito – do que outras formas mais sentimentais ‘e frouxas’ de relacionamento [...]”.

gostam dos bombados, têm pessoas que gostam dos mais cheinhos. Têm pra todos os gostos. Então, é uma vitrine. Apesar de que, no contexto local, nota-se uma predominância de trabalhadores do sexo com uma estética corporal na qual não prevalece os homens com corpos *malhados, hipertrofiados, bombados.*

Assim, a diferença está no fato de que nesse mercado local é possível encontrar homens que possuem desde um físico pouco definido, que destoa da concepção ideal de corpo sarado, a corpos musculosos e hipertrofiados em decorrência de inúmeras sessões na academia, mesmo que em menor número. Ou, conforme compartilhado por Txai (21 anos), *tem público pra tudo mundo, né.* E quando perguntado se há concorrência entre os trabalhadores do sexo no mercado local, entende que [...] *aqui todo mundo trabalha igual. Todo mundo trabalha igual, tudo mundo ganha igual.*

Outra pista foi dada por Vicente (28 anos) em nossa conversa. Ao questioná-lo se há uma estética corporal mais valorizada no mercado local, busca discordar. Ressalta que, na verdade, o ideal outrora construído sobre o corpo malhado enquanto fonte de desejo e supervalorizado modificou-se nos últimos anos, ao menos na sua percepção. Para o interlocutor:

Sempre existiu um perfil, tipo, há dez ou quinze anos atrás era o bombado, era o go-go-boy. Eu há dez anos atrás, tipo, nunca vou ser um garoto de programa. Já pensava, né. Só via garoto de programa estilo Alexandre Frota, bombadão, tatuadão, bração, pá, pá, pá. Esse era um perfil que os caras, nossa, desejava. [...]. Hoje em dia já tá mudando um pouco. Hoje em dia o que eu vejo mais atrair, que atrai as pessoas é a pessoa que é mais magrela, a pessoa mais magra. Às vezes o estilo maloqueiro. Então, varia muito. [...] Não que não tenha pessoas que gostem de bombado. Mas sempre eu vejo comentário dos magrinhos. Sempre, sempre. Ah, porque falam que magrinho tem pau grande. Geralmente é isso. Prá você ver que sempre, meio que sempre cai, no final de tudo, de tudo, de tudo, resolve no tamanho do pênis.

A fala do interlocutor mostra que ainda que seja impossível estabelecer um padrão ou perfil que melhor representaria o trabalhador do sexo, diz que a ênfase atribuída ao tamanho do pênis torna-se mais relevante e segue sendo um atributo valorizado nos mercados locais do sexo. Ou seja, os que possuem um pênis avantajado “[...] possuem uma preferência maior dos clientes, mesmo que ele não possua uma aparência dentro dos padrões estéticos de beleza [...]” (Alcântara, 2009, p. 105).

Nesse mesmo contexto, ao pensar a análise de Vicente (28 anos), tanto Anthony (33 anos), quanto Txai (21 anos) relatam não se enquadrar no suposto padrão associado aos trabalhadores do sexo que existe no imaginário das pessoas. Para ambos, o fato de não possuírem tal padrão estético ocorre em virtude da demanda do próprio mercado local. Ou seja, está mais atrelado ao

fato de que nesse seguimento há clientes que valorizam e procuram justamente trabalhadores do sexo com a estética corporal que ambos possuem.

Anthony (33 anos) comenta não possuir um corpo esteticamente malhado ou depilado, pois afirma ser peludo e ser dono de um porte físico mais atlético⁶⁸. Compreende que seus clientes o procuram justamente pelo fato de destoar do padrão disseminado historicamente do que vem a ser os trabalhadores do sexo de modo geral. O que o diferencia dos demais profissionais, segundo ele, está justamente na sua *pegada* e até mesmo por possuir um estilo mais *natural*. Esses elementos têm garantido a fidelização de uma gama de clientes que consomem seus serviços sexuais.

Esses dizeres revelam o quanto a manutenção e a necessidade do cuidado do corpo e da estética corporal são voltadas à prática/necessidade de se manter atraente, ativo e valorizado no mercado. Não que nesse contexto o objetivo último com relação ao cuidado do corpo será o de torná-lo hipertrofiado. Isso faz com que o trabalhador do sexo não seja excluído de um mercado no qual o cuidado do corpo torna-se exigência, objeto de desejo e de consumo daquele que paga para tê-lo. Portanto, “[...] as estratégias elencadas suscitam pensar uma relação de ‘vitrine’ com o próprio corpo, em que as formas de consumo mostram a forte presença de códigos homonormativos nestes espaços de sociabilidade” (Hamann, Pizzinato, Rocha, 2018, p. 471).

Apesar dessas considerações, para Anthony (33 anos), quando conversávamos sobre a estética corporal dos trabalhadores do sexo, compreende que:

*Eu não vejo muito as pessoas elogiando a minha aparência, mas eu acho a minha aparência bem legal. Bem que **quando eu comecei eu tinha o cabelo comprido. Era menos ainda o estereótipo do garoto de programa. Era uma coisa mais Tarzan do que, do que...mas eu nunca fui malhado e nem tatuado, nem depilado e perdi um ou outro cliente por conta disso, mas tem bastante gente que gosta e tem clientela pra todo mundo. Como a maioria dos garotos de programa todos são super musculosos, depilados, tatuados e muita gente gosta de caras com o perfil como eu, não tão musculoso, mais atlético, barbudo, peludo... acho que eu fiz sucesso com muito mais gente do que eu precisava. Tanto antes de fazer programa quanto depois que eu comecei a fazer** (Grifos meu).*

⁶⁸ Para Lima (2017, p. 123), “o termo ‘malhado’ é utilizado popularmente na sociedade contemporânea para se referir a pessoas que possuem um corpo esculpido e sem exageros, obtido por meio de exercícios físicos constantes e dietas específicas permanentes. Quem é considerado ‘malhado’, não necessariamente usa anabolizantes. [...] Ademais, devido a minha pesquisa de campo, eu pude constatar que homens que possuem um corpo tido socialmente como ‘malhado’ são muito valorizados no mercado do sexo, tendo em vista que são desejados pela grande maioria dos clientes. O homem ‘malhado’, no mercado do sexo, remete a atributos, tais como: hipermasculinização, virilidade e saúde.” Por outro lado, enquanto corpo “atlético” podemos entender o corpo definido e que ainda assim mantém aparência magra. Normalmente associado a indivíduos que praticam alguma atividade física.

Aqui, na fala do interlocutor é possível perceber, mesmo que de forma indireta, o quanto que a dimensão anatômica medida a partir dos centímetros penianos são valorizadas nesse contexto. Assim, as descrições dos perfis ou as fotos publicadas nos anúncios necessariamente utilizam dessa dimensão simbólica que o órgão genital adquiri. Não que os centímetros penianos ocupam um papel central, mas adquirem certa relevância para o cliente que paga para tê-lo.

Para Alaman e Passamani (2021, p. 11), “o tamanho do pênis, a musculatura e algumas posições dos *escorts* nas fotos ajudam a comunicar algo deste mercado” (Grifo dos autores). Ou seja, a corporalidade é explorada “[...] havendo a exacerbação de certo tipo de masculinidade viril”. Portanto, aqui, ser peludo, barbudo e atlético são elementos que podem ser associados à concepção de corpo viril.

Txai (21 anos), ao ser questionado sobre o que os clientes no mercado local mais valorizam e desejam, foi enfático: *Tem que ser dotado, né. Pauzudo, ser novo*. Ou seja, aqui, esses elementos estabelecem a relação entre produto, dinheiro e consumidor, já que envolve prazer, fantasia e sedução. Portanto, nessa mesma linha Vicente (28 anos) compreender que:

Pelo menos as pessoas sempre procuram um pau grande [risos]. Porque é tesão, né. Não é questão de que o pau grande faz mágica que um pau pequeno não faz. Muito pelo contrário. Só que, assim, nos filmes pornô, nos vídeos, sempre o auge é o pênis grande. Pelo menos o do filme masculino. É aquele fetiche da pessoa. É o que encanta a pessoa. [...] A maioria em si, por mais que a pessoa não vai aguentar te dá, mas ela quer um pau grande⁶⁹.

Assim, essa valorização de determinados atributos do corpo representa aquilo que Braz (2009, 2010) problematizou enquanto produção discursiva do corpo a partir de marcadores estéticos estimados pelos clientes e que, nesse contexto, o tamanho do dote torna-se elemento de apreço e valor. Para Viana (2004, p. 301) “de fato, essa preocupação é presença constante no discurso dos homens, sejam eles michês ou não, demonstrando o quanto a dimensão anatômica e funcional do órgão sexual contribui simbolicamente para a elaboração da identidade masculina”.

Assim, entre os discursos dos meus interlocutores, bem como nos seus perfis/anúncios on-line publicados entre os classificados, a supervalorização e o destaque dado aos seus dotes expostos, mais do que outras partes do corpo, costumam ser a tônica e representar os principais cartões de apresentação.

⁶⁹ Análises mais consistentes entre indústria pornográfica, gênero e sexualidade foram problematizadas por Maria Elvira Díaz-Benitez (2010) e Paul Preciado (2020).

Portanto, aqui, em consonância à compreensão de Kerry dos Santos (2016) sobre a produção do “macho” a partir da “hipervalorização da masculinidade” são atreladas à necessidade desses sujeitos performar enquanto ativos, porém, percebo que essa lógica não predomina em absoluto no mercado local ao considerar as narrativas expostas pelos meus interlocutores.

Ao menos foi o que identifiquei nas falas de Anthony (33 anos) e Vitor (21 anos), além de alguns perfis catalogados nos sites de classificados on-line. Conforme foi apresentado anteriormente. O que, de certo modo, pode representar uma mudança, mesmo que de forma tímida, das novas configurações de exercer o trabalho sexual. Ao menos a partir da capital sul-mato-grossense, *locus* dessa pesquisa.

Assim, o que eu quero dizer aqui é que não necessariamente exige-se do sujeito a representação dessa figura do “macho ativo/heterossexual” como dominante, mas, é possível encontrar a representação do trabalhador do sexo que, apesar de se associar ou se apropriar da representação de certos atributos ligados às ditas masculinidades hegemônicas (dotado, definido, musculoso, tatuado, jovem, entre outros elementos)⁷⁰, ao se distanciar de elementos que o caracterize à feminilidade, ele poderá performar enquanto sujeitos passivo/penetrado na relação sexual. Desse modo, a partir dos relatos dos meus interlocutores e dos próprios trabalhadores que ocupam o mercado local, percebe-se o quanto as normas e hierarquias associadas a tipos de desejabilidades são constantemente valorizadas, mobilizadas e ressignificadas nesse contexto.

2.4 Intercâmbios, trânsitos e mobilidades

A existência de trabalhadores do sexo que afirmam estar a realizar temporadas na cidade durante o meu trabalho de campo foi presença fácil nos sites de classificados on-line e redes sociais pesquisadas. Esse deslocamento não ocorre apenas das cidades localizadas em outras regiões do Brasil em direção a Campo Grande. A mobilidade inversa também pôde ser percebida por mim. Essa estratégia caracteriza-se enquanto uma dinâmica do próprio mercado

⁷⁰ Tendo em vista a existência de múltiplas formas de exercer a masculinidade, sendo ela contextual e circunstancial, não podemos compreendê-la como hegemônica e nem singular, pois, elas são refletidas em práticas, ideias, modos, fantasias e desejos. Conforme Robert W. Connel e James W. Messerschmidt (2013, p. 245), as masculinidades podem ser (re)estabelecidas, (des)construídas e/ou alteadas de acordo com contextos sociais e geográficos específicos. Os autores entendem que, quase sempre, “a masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse.” Ainda, “a hegemonia não significa violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significa ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão”.

do sexo remunerado no contexto nacional. É possível, também, encontrar anunciantes que se deslocam do interior do estado para comercializar serviços sexuais na capital, ou seja, uma migração de cidades do interior em direção a um grande centro urbano.

Portanto, os fluxos e mobilidades estabelecidos pelos trabalhadores do sexo entre as diferentes regiões do território nacional pode ser associado à definição de territórios existenciais, do mesmo modo que foi utilizada por Kerry dos Santos (2016, p. 91) ao se apropriar da definição desenvolvida por Félix Guattari (1992, 2008). Assim, “[...] os territórios existenciais se comporiam, grosso modo, por processos maquínicos de (des)(re)territorialização dos fluxos sociais e estariam sempre emaranhados e conectados uns aos outros, de uma forma ou de outra”.

Ou seja, assim como na pesquisa realizada pelo autor entre as saunas das três capitais da Região Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) e da capital paulista (São Paulo), os fluxos e mobilidades dos trabalhadores do sexo são práticas constantes entre os diferentes espaços nacionais. A busca de melhores condições financeiras, maior valorização dos serviços prestados ou mesmo o desejo de desbravar novos territórios até então (des)conhecidos e que não fizeram parte das suas experiências profissionais e pessoais faz dessas mobilidades uma tônica constante entre os trabalhadores do sexo.

Entre esses trabalhadores está Gabriel XXIL (30 anos). Seu anúncio ficou ativo nos sites *Acompanhante Executivo*, *Hot MS* e *Viva Local* durante todo o mês de setembro. Seu perfil o apresenta como:

*Olá para você que me encontrou aqui...
Satisfação, sou Gabriel, pois prazer eu dou é na cama...
Alto, com quase 2 metros de altura, 30 anos, com uma puta experiencia na cama e quanto pessoa principalmente, tenho 75kgs sendo assim um magro alto todo definido e super gostoso... Safado, gentil e cordial ao mesmo tempo... Duvido não se agradar.
COM UM DOTE GROSSO DE “21” CM
REALIZO TODOS OS SEUS FETICHES
REALIZO VIDEO CHAMADA E PACK DE FOTOS EXCLUSIVAS E VIDEOS CASEIROS INCRÍVEIS.
ENTRE EM CONTATO E VAMOS COMBINAR DATA E LOCAL
Fico na Vila Bandeirantes até dia 02 de setembro de 2021. (Grifo meu)*

É interessante notar que outros trabalhadores sexuais, apesar de anunciar que estão a oferecer seus serviços na capital durante curta temporada, foi observada a permanência dos mesmos nos sites para além do período informado. Esse, portanto, tem sido mais um dos recursos utilizados para despertar nos clientes o interesse naqueles que, aparentemente, se

apresentam enquanto novidade no mercado do sexo pago (Viana, 2010; Alaman, Passamani, 2021; Silva Santos, 2021).

De acordo com Barreto (2017, p. 77), em sua pesquisa, os “*boys* que vinham de outros estados, em geral, chamavam muito a atenção. Não só por serem ‘novidade na praça’, mas também por um certo interesse exótico que sua origem pode despertar”. Nesse contexto, Enzo Boy (24 anos) dá uma pista ao afirmar que isso ocorre, possivelmente, ao entrar [...] *naquele lance de marketing. Naquele gatilho mental que é a escassez. A pessoa fala que está há pouco tempo aqui e as pessoas ficam mais interessadas. Então, elas dizem: ‘Vou ter pouco tempo pra sair com esse cara’*”.

Para Alaman, Passamani e Rosa (2022), ao analisar os deslocamentos, trânsitos e mobilidades de trabalhadores do sexo brasileiros no cenário transnacional entre Brasil e Portugal, a partir dos anúncios de um site português, identificaram que a definição de “novidade” é vista com recorrência no mercado do sexo pago. Essa estratégia é utilizada como mecanismo para atrair novos clientes e obter maior retorno financeiro.

Portanto, pode-se considerar que os deslocamentos constantes realizados pelo trabalhador do sexo ao não permanecer durante longo período de tempo em um único mercado evitam-se a desvalorização da sua imagem e tende a colocá-lo sempre como novidade. Além do mais, “a novidade seria a principal propaganda de que o negócio não pararia” (Alaman, Passamani, Rosa, 2022, p. 746). Os autores salientam, ainda, que:

[..] a novidade, enquanto uma tática de poder, não deve ser lida apenas como um regime pensado pelos *escorts*, mas também como um modo de operação do site no sentido de ambos (*escorts* e *site*) conseguirem se manter atrativos aos clientes. A forma como cada *escort* agencia a economia que o faz parecer novidade é que nos diz das estratégias de poder por eles operadas. (p. 746, grifo dos autores)

Essas mesmas motivações e estratégias utilizadas pelos trabalhadores do sexo diante de um mercado tão concorrido foram identificadas em Recife (PE), na pesquisa de Viana (2010, p. 58), ao considerar o movimento de migração desses sujeitos entre as diversas cidades e estados do Brasil. Conforme o autor, “a migração para outras praças muitas vezes fundamenta-se pela busca de novos clientes e maiores remunerações, além das possibilidades de diversão relacionadas ao turismo”.

Esse processo ocorre principalmente quando o trabalhador do sexo migra da cidade de origem a outros centros urbanos em que o mercado sexual tende a ser considerado melhor remunerado ou que o anunciante, ali, despertará a procura de parte dos clientes. Normalmente,

conforme relatos dos meus interlocutores, cidades como Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP) são as mais almeçadas⁷¹.

Vicente: *Eu pretendo, agora, viajar para São Paulo e Rio de Janeiro.*

Eu: Por quê?

Vicente: *São Paulo porque acho que é a Meca, né. É o lugar onde, tipo, todo o pessoal que mexe com prostituição, acho, tem que passar um dia, entendeu. E a vida noturna lá flui muito. As pessoas que... meus amigos que foram pra lá me relatou que a prostituição lá é full time, entendeu, e Rio de Janeiro também. Então eu quero pra isso, eu quero ficar um pouquinho conhecido lá. Pelo menos dez pessoas que eu conseguir atender e conseguir lembrar o meu nome, pra mim tá tranquilo.*

A percepção da cidade de São Paulo enquanto um mercado no qual boa parte dos trabalhadores do sexo desejam alcançar, diante do retorno financeiro possível nesse contexto, também é considerada entre aqueles que estaria a atuar em mercados hoje considerados atraentes do ponto de vista financeiro, como Curitiba e Florianópolis. Assim, para os interlocutores de Kerry dos Santos (2016, p. 216), “São Paulo era considerada, pela maioria, como a melhor opção em termos de retorno financeiro. Muitos afirmavam que na cidade paulista os clientes pagavam mais, pois tinham melhores condições econômicas”. Atrelado a esses fatores, ainda, estaria o fato de ser uma capital na qual não se observaria “[...] sazonalidade, de modo que a demanda pelos serviços sexuais era contínua e a renda mensal poderia ser mais estável”.

Para Txai (21 anos), quando compartilhou relatos da sua última viagem, falou sobre os valores obtidos durante o período que realizou algumas temporadas fora de Campo Grande. Inclusive, fez questão de acessar o aplicativo do banco, consultar e mostrar seu extrato na tela do *smartphone*. Nele, como pude notar, várias transações realizadas via pix e transferências eletrônicas. Segue seu relato:

Eu já cheguei vindo de outras cidades com R\$ 20.000,00, R\$ 10.000,00 mil reais. Cara, essas são as temporadas que eu faço, quinze dias, vinte dias. Na última viagem que eu fiz, fiz R\$ 10.000,00 mil. Foi mês retrasado que eu tava viajando. Fui pra Brasília e Porto Alegre. [...] Aqui [em Campo Grande] geralmente você tira uns R\$ 3.000,00 mil reais de boa, aqui.

O que motiva o interlocutor a buscar outros mercados é o fato de que neles consegue alcançar, em um curto espaço de tempo, rendimentos financeiros significativos e que em Campo

⁷¹ Essa cidade de origem ou cidade base normalmente é aquela em que o interlocutor reside ou se estabelece na maior parte dos meses do ano para realizar trabalho sexual e que após determinado período na nova cidade ele retornará à cidade de origem.

Grande, possivelmente, levaria mais tempo e demandaria mais esforço para obtê-los. Essa mesma reflexão foi compartilhada por outro interlocutor, Vicente (28 anos), ao dizer que:

Vicente: *Essa é a melhor coisa. Porque você não pode ficar parado só num lugar. Se você vai pra outro lugar você vira novidade. Você é carne nova. Querendo ou não você é lançamento naquela cidade, ali. Aí você fica muito parado num lugar, o pessoal sempre vai ficar olhando seu rosto nos sites, vão sempre olhando suas fotos nos aplicativos, entendeu. É bom você mudar.*

Eu: Então os clientes gostam dessa sensação de novidade?

Vicente: *Gostam!*

Essa mesma percepção foi compartilhada por Enzo Boy (24 anos), quando questionado se em algum momento pretende sair de Campo Grande para outras cidades. Nesse momento foi enfático ao considerar Florianópolis (SC) e São Paulo (SP).

Sim, pra Florianópolis. Porque lá tem muito gringo. É uma cidade de praia, uma cidade turística. Eu acho que a demanda é maior. Na verdade, eu tenho certeza que é [risos]. Eu já fui pra lá. Eu fiquei lá três meses. Eu fui passear e acabou rolando.

[...] São Paulo, assim, o fluxo é bem maior. Muitos empresários. Muitas pessoas que estão passando. É bom pra garoto de programa. Lá tem todo o tipo de gente, todo o tipo de fetiche, todo o tipo de garotos também. O leque de opções lá, também, é bem maior.

No contexto da capital Campo Grande, o meu interlocutor Txai (21 anos), a exemplo, diz que seus deslocamentos quase sempre ocorrem na companhia de outros amigos trabalhadores do sexo. *Aí meus amigos me chamam pra ir, aí eu vou.* Essa rede de contatos mantém viva a troca de experiências, cuidados e proteção que estabelecem uns e relação aos outros. Muitas são mantidas a partir do local de origem e da amizade estabelecida nesse ramo.

O relato do interlocutor, como é percebido, reafirma a constatação de Kerry dos Santos (2016, p. 220) em sua pesquisa ao identificar que geralmente “[...] a construção das redes de apoio e de amizade que atravessam as dinâmicas e os códigos territoriais também pode ser marcada pelos elementos da regionalidade e do local de origem dos garotos”.

Essas mobilidades, estabelecidas através de redes de apoio e amizade, para Lourdes dos Santos (2013, p. 149), “[...] não se trata de um nomadismo aleatório, desorganizado. Os garotos de programa, ao deixar seus locais de moradia para se lançar às ruas, traçam um roteiro segundo seus objetivos, de maneira que venha a facilitar o encontro, o programa e a renda – mas, também, o prazer, o lazer e a realização do desejo”.

Segundo Txai (21 anos), os integrantes dessa rede de contatos⁷²:

São daqui. Têm uns que são daqui, aí eu vou junto. Sempre eu vou acompanhado. Eu vou com alguma amiga, pra mim não ir sozinho, né. Geralmente é com as minhas amigas que são trans. [...] Igual, nós queremos ir pra Ribeirão Preto e eu sei que lá eu vou ganhar dinheiro. Porque eu tô com uma intuição boa que eu vou ganhar dinheiro. Acho que vamos esse mês. Nós vamos pra São Gabriel [MS], agora, amanhã e vamos ficar até segunda. Aí semana que vem nós pretendemos ir pra Ribeirão Preto. Que um amigo meu já foi e ganhou muito dinheiro. Eu sei que eu vou ganhar dinheiro.

Portanto, posso dizer que as experiências, sejam elas no âmbito das trocas, redes de proteção, viagens, parcerias para o atendimento dos clientes, entre outras, constituem parte dos territórios existenciais que, por sua vez, “[...] não são nunca fixos, mas estão em constantes processos de agenciamentos, de modelizações, de singularizações, de capturas, de fuga” (Kerry dos Santos, 2016, p. 91). Do mesmo modo, quando pensamos os ambientes on-line, esses territórios não são fixos e podem variar segundo as dinâmicas e práticas sociais que os constituem.

Para os interlocutores, nesse universo de interações, os classificados podem figurar enquanto os meios pelos quais ocorrem a mediação e apropriação dos novos *locus* de trabalho. Essa apropriação pode ocorrer entre classificados on-line, aplicativos ou até mesmo nos espaços das saunas, clubes, hotéis, motéis, entre outros espaços sociais.

Assim, quando estão em outras cidades ou até mesmo em Campo Grande, acionar aplicativos de celular, sites de classificados locais ou populares nacionalmente pode ser a melhor estratégia. É o que Txai (21 anos) busca fazer. *Quando eu viajo, eu publico. Tem um monte de site pra fora, têm: GPG, Rio Rilex, Garotolandia, têm um monte de site*⁷³.

O modo de se (re)estabelecer e ser notado no mercado do sexo ao qual estará associado e atuará, mesmo que brevemente, passa a ser ressignificado de acordo com os objetivos e desejos estabelecidos pelos sujeitos colocados ali. Assim, os classificados aos quais vinculará seus anúncios e o público ao qual ele é destinado conforme foi exposto pelos meus interlocutores, geralmente, condicionam o valor, os serviços e até mesmo o modo de negociação.

Portanto, ao narrar sobre os trânsitos e deslocamentos no tempo e no espaço, os sujeitos sociais relatam que essa necessidade surge, entre outros fatores, diante de um mercado saturado

⁷² A meu ver, a rede de contatos estabelecida pelos interlocutores adquire importância no âmbito local. Assim, diante da demanda do cliente em contratar outro trabalhador do sexo para a realização de um encontro a três, geralmente, será acionado algum desses contatos.

⁷³ Em referência aos sites <<https://gpgbh.com.br/categoria/homens>>; <<https://www.riorelax.com.br/>>; <<https://www.garotolandia.com.br/saopaulo.html>>.

na cidade de origem e/ou do retorno financeiro estar aquém do esperado. Esse último fator pode estar atrelado ao baixo valor recebido pelos serviços sexuais ou, até mesmo, pela baixa procura por parte dos clientes que desejam consumir os serviços sexuais.

Essas e outras motivações que levam aos deslocamentos e mobilidades dos interlocutores aqui também foram constatadas na pesquisa de Kerry dos Santos (2016, p. 208). Entre as motivações que mobilizam esses sujeitos estão:

[...] as migrações pendulares; a ‘fuga para a cidade’ (deslocamento de cidades pequenas e/ou do interior para cidades grandes e/ou capitais) e o desejo de viver uma vida menos vigiada e controlada; a sazonalidade; a demanda do mercado do sexo por ‘corpos inéditos’; as temporadas; a vontade de conhecer outros lugares e de viajar; a busca por territórios ‘mais lucrativos’; e a função escort que permite com que o boy acompanhe um cliente que geralmente já conhece previamente em viagens para lugares mais distantes e por um período de tempo definido.

Em outros termos, Lourdes do Santos (2013, p. 113) compreende que:

Os garotos vivem uma frequente desreterritorialização, não destruindo, mas abandonando, vez por outra, o território construído, indo buscar novos territórios no Centro, em outras áreas ou mesmo em outras cidades, como disse Bruno: “quando aqui a procura pelo meu serviço está baixa, eu vou para Natal ou Belém”, onde ele tem amigos que atuam na mesma atividade e juntos buscam clientes.

Diante dessa completude, no cenário local, é possível identificar através das falas dos meus interlocutores aqueles deslocamentos realizados da capital sul-mato-grossense em direção às cidades situadas principalmente no Sul e no Sudestes do Brasil. Esses são considerados, na percepção deles, mercados atrativos diante da possibilidade de se obter um retorno financeiro maior ou outras experiências não alcançadas em Campo Grande. Isso, segundo os próprios interlocutores, está associado a dois aspectos principais: o primeiro está ligado ao maior trânsito de pessoas e dinheiro; enquanto o segundo está ligado ao atrativo turístico e econômico que essas regiões representam para a economia nacional.

Apesar desses fatores, Campo Grande atrai um número significativo de trabalhadores do sexo que se dizem não ser do estado. Para Txai (21 anos), ao comentar sobre, afirma:

Muitos vem de fora. Porque quando você é novo na cidade você chama mais atenção. Você tem mais clientes. Igual, eu sou da cidade, eu atendo um, dois. Quem não é da cidade atende cinco, seis no dia. É igual quando eu vou pra fora eu atendo seis no dia, sete. [...] Geralmente são os de fora que vem, né. De São Paulo, das outras capitais.

Entretanto, ainda, devo considerar que entre os meus interlocutores é possível identificar aqueles que no mercado local diz possuir uma clientela fixa, como é o caso de Anthony (33 anos), Enzo Boy (24 anos) e Vicente (28 anos)⁷⁴. Aqui, o atendimento nem sempre ocorre conforme as expectativas desses sujeitos, pois não é certo que o cliente desejará encontrá-lo com uma frequência que satisfará suas necessidades financeiras. Por outro lado, o atendimento destinado a esses clientes pode ocorrer semanalmente, mensalmente ou durante as temporadas que o trabalhador do sexo estará na capital. Ao mesmo tempo, para eles, manter uma clientela fixa assegura certa segurança econômica, além de demandar menos a realização de temporadas e novos deslocamentos fora da capital.

Ainda nesse contexto, a rede de contatos torna-se uma estratégia de atuação quase que indispensável para o trabalhador do sexo acionar quando do seu deslocamento para outros mercados nacionais. Txai (21 anos), por exemplo, irá compreender que a sua rede de contato ocupa um importante papel tanto em Campo Grande (MS), quanto quando se desloca para outras cidades e/ou estados.

***Txai:** Cara, eu conheço bastante gente. Tanto que eu me envolvi muito, nesse meio da prostituição, com os gays, com as travestis.*

Eu: Quando viaja pra fora costuma ficar onde?

***Txai:** [...] casa, né! Aluga hotel, aluga apartamento. Geralmente é R\$ 500,00 reais a semana pra você ficar.*

Eu: E esses que vem de fora devem utilizar a mesma estratégia?

***Txai:** Ah, deve pegar hotel, casa de gente que aluga.*

A exemplo de Vicente (28 anos), compreende que entre as cidades nas quais costuma realizar temporada está Florianópolis (SC). Entre os atrativos, entende ser esse uma capital com grande fluxo de turistas estrangeiros dispostos a pagar pelos seus serviços sexuais. Assim, costuma realizar viagens para lá. Porém, apesar de reconhecer ser esse um local no qual consegue obter retorno financeiro maior no que tange sua atuação no mercado do sexo remunerado, ao questioná-lo se pretendia em algum momento deixar de vez Campo Grande, foi enfático ao considerar que a capital tem, por ora, satisfeito suas necessidades financeiras e de existência material.

Assim, a despeito de não desconsiderar essa enquanto uma possibilidade tangível, entende estar estabelecido no mercado local. Além do mais, possui um bom número de clientes

⁷⁴ Nesse contexto, conforme assinalado pelos autores Hamann, Pizzinato e Rocha (2018), ao analisar o trabalho sexual de garotos de programa na cidade de Porto Alegre (RS), constataram que a existência de clientela fixa normalmente era identificada entre os garotos de programa de aparência jovem, com um perfil associado à aparência corporal que remete à ideia de branquitude, virilidade, masculinidade, bem como, às representações próximas de classe média e escolarizados.

fixos. E, ainda, caso o dinheiro fique escasso pode realizar viagens para fora do estado para obter uma renda a mais, denominado por ele de *temporada*, em situações de aperto financeiro que venha a enfrentar, sem necessariamente deixar de residir aqui.

Entretanto, em nossa conversa é enfático, percebe que sua realidade não pode ser estendida a outros trabalhadores do sexo que conhece ou já conheceu durante esse tempo que têm atuado no mercado local. Aliás, muitos dos seus colegas de profissão migraram para outros mercados nacionais diante da baixa remuneração ou devido ao realinhamento das perspectivas de ganhos financeiros, conquistas materiais e/ou sonhos que estabeleceram alcançar.

Conheci basta [trabalhadores do sexo], mas muitos não estão mais aqui. E outros eu acabei perdendo o contato, infelizmente. Muitos foram embora. Uns foram embora pra São Paulo, outros foram embora pra Florianópolis. Têm dois amigos meus que realmente foram embora pra Floripa, entendeu. Outros foram embora pro Rio Grande do Sul, um foi embora pra Espanha. Porque deu a oportunidade de sair do Mato Grosso do Sul, a pessoa geralmente vai. Porque geralmente é mais dinheiro envolvido. É mais visibilidade. Uma pessoa que quer ser conhecida, quer ser nome, não é aqui, infelizmente não é aqui. É mais num São Paulo da vida, Rio de Janeiro. Não digo nem em Porto Alegre, mas falo em Florianópolis, Curitiba. São essas regiões em que a pessoa quer expandir, quer crescer, quer ganhar dinheiro de verdade. Quer ter aquela vida glamurosa igual a Bruna Surfistinha tinha. Não é aqui, infelizmente. Pelo menos pra mim e pra galera que andava comigo não era, não.

Entretanto, devo sopesar, para os trabalhadores do sexo que encontram em Campo Grande local de residência e atuação, não inibe a possibilidade desses de conhecer e atuar, mesmo que esporadicamente, em outros mercados nacionais. Enzo Boy (24 anos), por exemplo, entende que foi a partir do trabalho sexual que conheceu outros locais do Brasil. Quando o encontrei durante nossa entrevista e o questionei se o trabalho que realiza se restringia apenas a Campo Grande (MS), me disse que não.

O meu interlocutor reconhece que foi através da sua atuação nesse mercado cheio de desafios, perigos e prazeres que obteve experiências e vivências interessantes em outros contextos e viagens. Ou seja, foi *a partir da prostituição eu já conheci Manaus, Parintins que fica no Amazonas também, Belém, Rondônia, Fortaleza, Sobral*. E que, como não atua nas ruas, o contato com os clientes geralmente ocorre através da internet, seja pelos anúncios publicados nos classificados como, também, pelos aplicativos de relacionamento on-line.

Desse modo, percebe-se que os classificados on-line se tornam grandes aliados na divulgação do trabalho desses interlocutores. Txai (21 anos), por exemplo, quando questionado sobre os critérios para a escolha das cidades nas quais resolve viajar, pondera:

Txai: *Não sei, eu fico pensando. Igual Dourados (MS), eu ganhei super bem. Eu atendo cinco clientes por dia lá. Cinco clientes a R\$ 150,00 você tira R\$ 300,00, R\$ 600,00, R\$ 750,00 por dia. [...] Dourados eu vou às vezes. Eu fico lá quinze dias.*

Eu: Por que em Dourados você consegue esses valores?

Txai: *Porque tem muito fazendeiro lá, né.*

Eu: Você avisa como?

Txai: *É site, né! Lá é site.*

Eu: São os mesmos daqui?

Txai: *São os mesmos. Você paga destaque, né! [...] Eu só vou em cidade que, tipo, eu sinto que vou ganhar dinheiro.*

Já Enzo Boy (24 anos) compreende que:

Nas cidades do interior é até melhor. Porque quem procura mais garotos de programa no interior são caras casados, são caras discretos, são caras que já têm uma família. Que já têm uma história, entendeu? Tipo, só quer sentir prazer. Então eles estão dispostos a pagar mais, eles estão dispostos a muitas outras coisas que na capital não acontece.

O relato de Enzo está alinhado à compreensão de escassez de oferta de trabalhadores do sexo em cidades menores, o que eleva o valor dos serviços oferecidos nesses locais tornando-os atrativos. Atrelado a isso está o fato de os trabalhadores do sexo permanecerem nessas cidades durante pouco tempo, garantindo aos seus clientes, de certo modo, a segurança de anonimato e sigilo. Portanto, o que evitaria o risco de que seus segredos fossem revelados ou expostos.

Além do mais, entre os trabalhadores do sexo que têm seus anúncios ativos nos sites, não é difícil encontrar aqueles que afirmam estar na cidade durante curta temporada. Entre os perfis catalogados, identifiquei trinta e quatro que diziam ser de outras regiões do Brasil. Um deles foi Aron (20 anos), ao se anunciar no *Viva Local* durante o mês de outubro se apresentou como “Aron Curta Temporada”. Em seu perfil, se descreve enquanto homem mulato e que atende homens, mulheres e casais. Como diferencial, afirma falar espanhol. O serviço pode ser realizado no seu local, hotéis ou motéis. Ademais, realiza a seguinte descrição do seu perfil:

*Olá prazer me chamo ARON
Tenho 20 anos, com 1.80 de altura e 78 kg bem distribuídos,
ESTAREI AQUI ATENDENDO EM UMA CURTA TEMPORADA COM
LOCAL DISCRETO NO BAIRRO TIRA-DENTES.
Sou bem atencioso, educado e com um dote de 19cm GROSSO!
Não tenho frescura em ser PASSIVO!
Beijo – Pegas e muita safadeza!
Atendo em MOTEL/HOTEL E RESIDÊNCIA DO CLIETE (mediante a taxa
de locomoção)
Trabalho com horário marcado!
POR FAVOR SOMENTE INTERESSADOS!*

Já Yuri (23 anos) dá destaque à origem sulista ao se descrever como catarinense. Em seu anúncio afirma atender mulheres, homens e casais. Ao contrário dos demais, estabelece horário para a realização do serviço, que deverá ocorrer entre às 9h horas da manhã à 1h da manhã do dia seguinte. No texto publicado em seu perfil, mais uma vez, dá destaque à sua condição de “novidade”, além de valorizar alguns traços físicos associados à ideia de masculinidade, além de ressaltar à virilidade do dito homem catarinense. Em sua descrição, se apresenta como:

Macho putão totalmente igual as fotos. YURI recém chegado com tesão, e leite farto! Direto do sul do país Para seu maior momento erótico, Atendimento de alto nível, um belo corpo, Além disso possui vários traços característicos de um acompanhante, 1,89 de altura, coxas grossas e peludas, igual de jogador de futebol pés tamanho 44, e um belo dote de 20 cm grosso e viril, ressaltando os seus fetiches mais secretos e ousados. Sempre com total segurança para o seu prazer. 100% Ativo dominador, com uma grande especialidade em homens, mulheres e casais.

O percurso textual é complementado pelas dezesseis fotos publicadas por Yuri (23 anos), entre elas, fotos em que está despido na praia, outras apenas de sunga ou em posições sensuais no sofá da sala, banheiro e quarto. Em seis delas está completamente despido ou seminu e com o pênis ereto. Portanto, a linguagem corporal a partir das posições e dos gestos performados pelo anunciante pretende reafirmar a narrativa textual ora colocada, atrelada às fantasias e aos desejos que pretende despertar no usuário que venha a acessar seu anúncio.

Além do mais, a narrativa desenhada por Yuri (23 anos) busca reafirmar a identidade de “[...] ‘boy do Sul’ imaginado como branco, loiro e de olhos claros. A identificação aqui é com um modelo mais europeu, supostamente predominante no Sul do país” (Barreto, 2017, p. 76). Sendo esse um perfil de trabalhadores do sexo valorizado nas saunas cariocas.

Me recorde quanto, durante nossa entrevista, Txai (21 anos), ao falar sobre os deslocamentos e mobilidades realizados por ele para outros mercados nacionais, fez questão de apresentar através da tela do smartphone uma sequência de imagens suas nas diferentes cidades que esteve a realizar temporadas como trabalhador do sexo. Porém, como falava com um tom orgulhoso sobre essas experiências, assim como fiz com Vicente (28 anos), eu o questioneei se pretenderei em algum momento deixar a capital para residir em outra cidade onde a demanda pelos seus serviços fosse maior, o que oportunizaria ele a obter mais retorno financeiro, foi enfático:

Txai: *Ir embora não! Eu gosto daqui. Não tem nem comparação daqui com outras cidades. As outras cidades são feias... favela. Aqui você tem uma vida boa. Vai pro Rio pra você ver como que é o negócio lá. Favela, esgoto a céu aberto, pobreza. É feio. Tiro.*

Eu: Mas e o lado do dinheiro?

Txai: Ah, aí dinheiro, né. Por isso que quando eu vou fico 15 dias só. Só que 15 dias eu ganho dinheiro, né. Só que, também, eu fico em hotel bom, fico no lugar bom, entendeu. Eu fico em Copa [Cabana], fico na Barra [da Tijuca]. [...] Olha, igual, Salvador... [ao mostrar as fotos de onde já esteve, fala] aqui foi Fortaleza quando eu cheguei, BH, Corumbá, aqui é Campo Grande, aqui é São Francisco, Itapoá Santa Catarina, Matinhos, Barigui que é Curitiba... aqui é Campo Grande, aqui eu tava em Curitiba no Parque Tanguá, Rio Verdade.

Eu: Quando você está nesses locais você se apresenta sendo de Campo Grande (MS)?

Txai: Eu falo que eu sou daqui, de Campo Grande. Não tenho vergonha não. Eu gosto muito daqui... [seguiu mostrando inúmeras fotos das suas experiências fora da capital] Aqui que eu tava no Rio, na Lapa. Esse aqui é o apartamento que eu ficava, olha. Bastante lugar, mas tem cidades que eu não postei [na rede social]. É dinheiro que você ganha, mas... é caro. Só viajo de avião. Eu já fui de ônibus já, mas da primeira vez que eu fui eu desisti pro resto da vida. Nuca mais eu ando de ônibus. 9h dentro do ônibus, meu Deus.

Eu: Os R\$ 10.000,00 mil que você conseguiu nessa sua última temporada que realizou é livre ou engloba os demais custos que teve com a viagem?

Txai: Livre do que eu gastei lá. Então eu fiz muito mais já. Já fiz R\$ 30.000,00 mil, R\$ 40.000,00 mil assim de boa, cara. Só que lá você paga R\$ 500,00 reais a semana, tem as comidas que você precisa comprar [...]. Todo dia vem R\$ 100,00 reais de comida, se gasta, então já são mais R\$ 500,00 reais. Então, já são R\$ 1.000,00 mil reais por semana. Aí você sai, você gasta com Uber, você quer ir no shopping, você quer ir na praia, você quer sair com os seus amigos. Então, você gasta muito dinheiro. É muito dinheiro que você ganha, mas é muito dinheiro que você gasta. Muito, muito, muito!

Portanto, segundo seu relato, comenta que entre as cidades que mais despertou interesse e pretende retornar para realizar novas temporadas está Rio de Janeiro (RJ) e Curitiba (PR). Essas são cidades que obteve um considerável retorno financeiro quando comparado a outros mercados do sexo que já esteve. Tanto é que pretende retornar *pra trabalhar, porque consegui muito dinheiro lá. [...] Eu sempre ia pro Rio, eu fui pro Rio umas quatro vezes já, mas foi intervalos pequenos, 15 dias, 1 mês. No máximo 1 mês, eu não consigo ficar mais de 1 mês fora. [...] Só que eu provo as coisas que eu falo* (Grifo meu). Aqui sua fala transparece mais como uma crítica a outros trabalhadores do sexo que conhece. Segundo ele, esses afirmam realizar temporadas em outros centros urbanos, ter alcançado sucesso e conquistado muito dinheiro, porém, conforme o interlocutor, não sustentam suas declarações com registros fotográficos ou com bens materiais que tenha obtido.

Entre as experiências que o interlocutor alcançou fora de Campo Grande (MS), inclusive, diz já ter recebido propostas de (ex)clientes que condicionaram sua saída do trabalho sexual à possibilidade de receber, em troca, moradia, presentes e estabilidade financeira. Em uma das suas passagens pela cidade de São Paulo (SP) foi tentado, quando um de seus (ex)clientes prometeu pagar um curso de graduação de sua escolha, além de oferecer moradia desde que condicionado a deixar o trabalho sexual. *Ele que pagava pra mim. Ele queria que eu estudasse.*

Ele não queria ver eu fazendo PG mais. Assim, esses intercâmbios sexuais e econômicos revelam como as trocas afetivas e sexuais podem ser estabelecidas em detrimento da obtenção de bens materiais e segurança econômica (Piscitelli, 2014).

Sobre a experiência que estabeleceu com o (ex)cliente, Txai (21 anos) diz ter durado apenas três meses, pois, houve um desalinhamento de interesses, expectativas e necessidades entre ambos. Tanto é que após o rompimento desse relacionamento adquiriu uma dívida financeira em decorrência do não adimplemento do contrato firmado com a instituição educacional devido à falta de pagamento das mensalidades que eram realizadas pelo ex-companheiro/cliente à época. Contrato esse que foi firmado em seu nome. Ao não conseguir se manter em São Paulo (SP) precisou retornar a Campo Grande e voltar a realizar trabalhos sexuais.

As experiências do próprio interlocutor acionaram outras memórias. Relembra que seu amigo, em outro momento responsável por iniciá-lo no mercado do sexo local, hoje deixou de realizar trabalhos sexuais e se mantém numa relação de troca sexual e econômica com um ex-cliente. *Hoje ele não é mais GP. Fica com um velho que banca ele. Mora aqui [em Campo Grande].* Fato esse que demonstra ser possível, às vezes, os intercâmbios sexuais e econômicos serem estabelecidos de modo mais duradouro.

Do mesmo modo, ao pesamos os intercâmbios sexuais e econômicos, Anthony (33 anos) compartilha ter passado por experiência próxima a de Txai (21 anos) e que segundo ele:

Tem alguns clientes que eles gostam de prometer coisas, sabe. Prometer me dar R\$ 20.000,00 reais pra eu abrir um negócio pra mim. Teve um outro que eu falei que tinha dívida do doutorado que gira em torno de R\$ 40.000,00, na verdade é R\$ 50.000,00. Ele falou que poderia pagar pra mim. Mas eu nunca quis, porque eu achei que isso me vinculava de mais. Bem esse agora, esse dos R\$ 20.000,00 eu tô aceitando. Eu tô dizendo que estou aceitando. Apesar de não estar colocando muita fé. O de R\$ 40.000,00, R\$ 50.000,00 ele foi meio que explicito de querer exclusividade eu não estava disposto não, de misturar as coisas. Embora seria uma mão na roda [risos].

Assim, as ofertas de bens e recursos financeiros oferecidos tanto a Txai (21 anos) quanto a Anthony (33 anos) em troca de fidelidade e abandono do trabalho sexual pode ser percebido não só enquanto uma realidade assoada ao trabalho sexual de homens no mercado do sexo remunerado, como também, em maior profusão, às trabalhadoras do sexo (Silva, Blanchette, 2011; Piscitelli, 2014). Apesar de ser possível ocorrer desentendimentos, desarranjos ou reconfigurações das perspectivas entre cliente e trabalhador do sexo, a fazer com que o vínculo estabelecido possa ser rompido com maior facilidade.

Nessa relação de trocas, percebe-se que:

[...] o cliente tem o dinheiro que o michê deseja e necessita. Assim, o negócio é sempre mediado, calculado, pois cada um tem algo a oferecer, de modo que um precisa do outro. Essa relação assimétrica pende mais para o cliente, pois o prostituto depende dele para a sua sobrevivência material, tornando-se, assim, o lado mais vulnerável. (Lourdes dos Santos, 2013, p. 81)

Nesse contexto, Piscitelli (2016) compreende que essas relações que estabelecem a troca do sexo por diferentes bens, que pode incluir presentes, roupas, celulares, viagens, pagamentos de aluguel, contas médicas, visitas ao cabeleireiro, comprar de alimentos, entre outros, configuram-se como intercâmbios econômicos e sexuais. Além do mais, no Brasil são classificados enquanto “ajuda”.

Desse modo, é interessante considerar que, segundo a mesma autora, as trocas estabelecidas entre clientes e trabalhadora/es do sexo são firmadas para além do valor monetário pago pelos serviços e podem constituir o que podemos denominar de economia de mercado. Portanto, diante do exposto, sem querer estabelecer uma interpretação generalizada sobre essas relações, trocas e intercâmbios sexuais, fica evidente quanto o trabalho sexual inserido no contexto do “[...] próprio mercado do sexo criam uma lógica outra de funcionamento dos fluxos dominantes, produzem territórios existenciais e modelizações próprias, constituem espaços de subjetivações, possibilitam performatividades específicas” (Kerry dos Santos, 2016, p. 79-80).

Ou seja, não devemos nos esquecer de que esses fluxos, trânsitos, intercâmbios e migrações estabelecidos pelos trabalhadores do sexo entre os diversos contexto nacional representam aquilo que Kerry dos Santos (2016, p. 277) denominou de formas marginais de circulação e ocupação dos mapas “[...] socialmente construídos como trajetórias imorais, dissidentes, desviantes e contra-normativas, especialmente no que tange aos usos que se pode fazer do corpo, do sexo, da sexualidade, do erotismo, do gênero e da força de trabalho”.

A compreensão das relações estabelecidas a partir desses intercâmbios que envolvem sexo, prazer, afeto e dinheiro foram melhor abordadas por Élcio Nogueira dos Santos (2012) ao pesquisar duas saunas voltadas ao público gay na cidade de São Paulo. Nos relatos dos interlocutores da sua pesquisa, as relações iniciam-se através do programa. Conforme o autor, “o michê vai tendo suas necessidades supridas, roupas novas, novos celulares, enfim, vai tendo conforto e segurança” (2012, p. 205). Apesar de que, conforme me relatou Txai (21 anos), nem todos os afetos e desejos duraram para sempre, como qualquer outra relação, o contrato outrora pactuado pode vir a ser quebrado ou nem mesmo firmado, conforme a experiência de Anthony (33 anos).

Considero ser necessário analisar em pesquisas futuras um universo maior de experiências e vivências de outros trabalhadores do sexo que atuam no mercado local para, assim, estabelecer novas conexões analíticas sobre os pontos considerados aqui. Tendo em vista me parecer essa ser uma dinâmica dos próprios mercados do sexo no Brasil. Outrossim, fazer investigar as conexões territoriais, de territorialidade e as próprias redes de colaboração que garantem ou promovem essas mobilidades entre as diversas regiões do país.

CAPÍTULO III

“EU DANÇO A MÚSICA QUE O CLIENTE TOCAR”: ENTRE EXPERIÊNCIAS, CENAS E O TRABALHO SEXUAL

“Baby!
Nossa relação acaba-se assim
Como um caramelo que chegasse ao fim
Na boca vermelha de uma dama louca
Pague meu dinheiro e vista sua roupa
Deixe a porta aberta quando for saindo
Você vai chorando e eu fico sorrindo
Conte pras amigas que tudo foi mal
Nada me preocupa de um marginal...”.
(Garoto de Aluguel – Zé Ramalho)

3.1. Trabalho sexual enquanto trabalho

Durante muito tempo os trabalhadores do sexo têm sofrido diversas condenações morais e sociais. Nota-se, mesmo que de modo tangencial, cada vez mais essa categoria tem deixado a invisibilidade e adquirido certo reconhecimento entre o meio social (Silva, Blanchette, 2011; Kerry dos Santos, 2016). Assim, a perspectiva que pensa essa atividade enquanto trabalho ou até mesmo carreira passa a ser encontrada nas falas dos próprios interlocutores. Ela é apreendida, também, como meio de viabilizar sonhos e projetos (Velho, 1994; Teixeira, 2011, Passamani, 2022).

Portanto, entre as narrativas dos interlocutores tornou-se sintomático o reconhecimento de si enquanto trabalhadores do sexo, apesar de alguns compreenderem essa atividade econômica mais como uma complementação de renda do que propriamente um trabalho de tempo integral ou como carreira a ser seguida ou consolidada. Isso não exclui o desejo desses sujeitos alcançar maior valorização enquanto agentes inseridos na sociedade capitalista industrial moderna (Bassetti, Peixoto, 2015; Lourdes dos Santos, 2013)⁷⁵.

Essa perspectiva é (re)construída através das próprias experiências e subjetividades, bem como entre os contextos, mobilidades e conexões que esses trabalhadores cotidianamente estabelecem. As perspectivas construídas, conforme foi apresentado no Capítulo II, são fruto

⁷⁵ No Brasil a atividade exercida pelos trabalhadores do sexo não é regulamentada, porém, passou a ser reconhecida pelo Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE, 2013) enquanto uma ocupação desde o ano de 2002 e integra a Classificação Brasileira de Ocupações. Apesar desse reconhecimento, “os efeitos de uniformização pretendida pela Classificação Brasileira de Ocupações são de ordem administrativa e não se estendem as relações de trabalho. Já a regulamentação da profissão, diferentemente da CBO, é realizada por meio de lei, cuja apreciação é feita pelo Congresso Nacional, por meio de seus Deputados e Senadores, e levada à sanção do Presidente da República”.

não só do meio social que constitui o cenário/mercado do sexo em Campo Grande (MS), como também dos deslocamentos e atuações dos meus interlocutores em outros lugares nos quais já performaram.

Segundo Passamani e Alaman (2021, p. 4):

Há que se ter claro que no Brasil ainda prevalece um caráter mais artesanal da prostituição e sua associação a uma espécie de indústria sexual ainda é recente e restrita a algumas regiões mais metropolitanas e/ou turísticas do país, bem como a oferta e demanda de sexo e sensualidade adquirem caracteres tão variados no país que não são percebidos como prostituição ou trabalho sexual.

Aqui, portanto, cabe estabelecer uma diferenciação entre prostituição, trabalho sexual e profissão. Conforme Piscitelli (2005) e Kerry dos Santos (2016) salientaram, o primeiro termo não compreende a complexidade das trocas e práticas que constituem a gama de serviços sexuais ofertados no mercado do sexo remunerado. Ou seja, para Silva e Blanchette (2011, p. 3), a prostituição está mais associada à um certo tipo de relação sexual operacionalizada segundo “[...] uma lógica comercial imediatista e não recíproca”.

Para os autores, a/o prostituta/o comercializa o serviço sexual mediante o um retorno material imediato e direto. A relação do sujeito com o consumidor/cliente termina diante da conclusão do serviço. Enquanto, por outro lado, apesar da atividade que exercem demandar tempo, aprendizado, apropriação de códigos, performances e condutas particulares da atividade, apenas Vicente (28 anos) a compreendeu enquanto profissão no estrito sentido do termo (Teixeira, 2011).

Piscitelli (2005), a partir da leitura realizada por Laura Agustín, irá reconhecer prostituição enquanto uma das múltiplas modalidades do trabalho sexual. Nos termos da autora, “o sexo comercial tem dado lugar a uma verdadeira indústria” e o trabalho sexual, entre outros contextos, estaria

[...] abarcando os desempenhados em bordéis, boates, bares, discos, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da Internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornô, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sado-masochismo, prostituição na rua.

Enzo Boy (24 anos), de certa forma, ilustra a diferença entre prostituição e trabalho sexual, pois, relata que antes de entrar de vez no mercado do sexo remunerado já havia recebido propostas de sexo por dinheiro. Quando o questionei por que não aceitou, me responde: *Aceitei! Mas eu não via como um trabalho. Eu via como uma ajuda de custo.* Assim, a partir da

experiência obtida, ele compreende que o fato de obter *dinheiro fácil* foi um dos motivos que o levou ao trabalho sexual. Quando pergunto o porquê pensa ser um dinheiro fácil, responde:

Porque é muito prático, né. Você tá fazendo uma coisa boa e ganhando dinheiro. E, tipo assim, às vezes eu não preciso nem ter relação sexual. Só o fato de você estar com a pessoa já é motivo dela pagar. Então é muito fácil isso. [...] Eu acredito que nenhum assalariado ganha R\$ 150,00 reais em uma hora de trabalho.

Entre os boys pesquisados por Barreto (2017) há certa percepção sobre qual a entrada deles não só no universo da prostituição como, também, da pornografia surge como meio de obtenção de dinheiro rápido. Ainda assim, Viana (2010, p. 95) irá compreender que “atravessando todo esse jogo sexual, encontramos o dinheiro para além do argumento da necessidade de sobrevivência. Este funciona como uma espécie de “fio condutor”, perpassando e conectando outros substratos, que não o unicamente econômico [...]”.

Aqui, a visão do interlocutor de pensar a atividade que exerce enquanto *uma coisa boa* se distingue da concepção que comumente associa o trabalho sexual à perversão, exploração e degradação da/o trabalhador/a do sexo, conforme podemos identificar nas discussões propostas nos trabalhos produzidos por José Miguel Nieto Olivar (2012), Silva, Blanchette (2011, 2017), Piscitelli (2016), entre outros.

Portanto, “colocando de forma bem simples, a prostituição oferece iguais ou até melhores condições de trabalho, por um ‘salário’ bem maior, do que quase qualquer outro tipo de trabalho constitutivo [...]” no âmbito de atuação do interlocutor, ao considerar fatores como pouca escolarização e falta de qualificação profissional (Silva, Blanchette, 2011, p. 14). Nesse contexto, o trabalho sexual “[...] representa nítidas vantagens frente a outras ocupações disponíveis em seu horizonte de possibilidades.” (Silva, Blanchette, 2017, p. 34).

Além de associar prazer e desejo à percepção de atrelar os ganhos obtidos à ideia de dinheiro fácil, possivelmente, pode estar relacionado ao fato de Enzo Boy (24 anos) realizar um paralelo com a outra atividade remunerada que exerce. Segundo ele, durante os dias da semana, entre às 13 horas e às 21 horas, trabalha em um dos setores do comércio local e, portanto, considerado um serviço extenuante e que demanda muito esforço físico.

Por outro lado, apesar de boa parte dos meus interlocutores compreender a atividade exercida por eles como um trabalho, durante nossos diálogos muitos ainda utilizaram o termo êmico de *garoto de programa* ou sua abreviação, *GP*. Quero dizer com isso que a definição de trabalhador do sexo pode ser pensada enquanto algo mais estruturado e associado a uma atividade econômica que integra um mercado mais complexo, segundo sua lógica própria.

Para Kerry dos Santos (2016, p. 41), nesse contexto, “o trabalho sexual passa, então, a ganhar outros contornos que evidenciam relações de trocas de serviços sexuais (e também não-sexuais) por outros tipos de ‘favores’ ou ‘bens’”. Para o autor, as categorias “mercado do sexo”, “trabalho sexual” e “trabalhadores do sexo”, apesar de estar a ganhar cada vez mais espaço nos debates políticos e entre as pesquisas acadêmicas, ao enfatizar o aspecto laboral do exercício dessa atividade, não foram apropriados, ainda, pelos próprios sujeitos englobantes.

A ausência de regulação do Estado, que, ao menos *a priori*, não interessa aos trabalhadores do sexo, faz com que atuem nas bordas do modo de produção capitalista. Seja diante da ausência de direitos trabalhistas, quanto do próprio reconhecimento e regulamentação dessa atividade enquanto profissão. Tanto é que quando questionei Enzo Boy (24 anos) se pretendia ou achava interessante se legalizar, foi taxativo: *Não, por conta do imposto. Vou ser taxado e não é legal isso.*

Não só Enzo Boy pensa ser indesejado uma regulamentação da profissão pelo Estado, como próprio Anthony (33 anos) compartilha da mesma concepção. Segundo eles, apesar de tirá-los da clandestinidade e da informalidade os levaria a recolher tributos. O que tornaria o mercado do sexo remunerado menos interessante, pois o retorno financeiro tenderia a diminuir. Isso é, diante da necessidade de repassar os eventuais custos aos clientes.

Fato esse que não os deslegitima de pensar a atividade que exercem como uma forma de trabalho remunerado legítimo, mesmo que não regulamentada. Pois, considerado que ambos, uma vez envolvidos “[...] nessas trocas comerciais estejam exercendo tal ofício de maneira consensual, não coercitiva, conscientes de seus direitos e de forma não exploratória (seja econômica e/ou sexual)” (Kerry dos Santos, 2016, p. 47).

Essa percepção vai ao encontro daquilo que Piscitelli (2013, p. 35) compreende ao analisar o discurso internacional sobre a prostituição feminina. Conforme a autora, ainda que a prostituição de certo modo seja aceita ou tolerada em determinados contextos e locais, segue sendo vista como “[...] ameaça à saúde e à ordem pública”. Ou seja, nota-se que ao menos na ordem internacional tem transparecido o discurso de atuação do Estado em controlá-la e regulamentá-la “[...] mediante a introdução de regras destinadas a garantir a ordem, a saúde, a moral e a decência e o pagamento de impostos”⁷⁶.

⁷⁶ Entre as tentativas de regulamentação dessa atividade a partir de iniciativa de integrantes do Poder Legislativo Brasileiro, podemos citar o Projeto de Lei nº 98/2003, proposto pelo Deputado Federal Fernando Gabeira (PV-RJ), o Projeto de Lei nº 4.244/04, proposto pelo Deputado Federal Eduardo Valverde (PT-RO) e, por fim, o Projeto de Lei 4211/2012, conhecido como “Lei Gabriela Leite”, proposto pelo Deputado Federal Jean Wyllys (PSOL-RJ). Ambos os PLs encontram-se arquivados pela casa legislativa.

Aqui, diferentemente do que ocorre com o trabalho sexual exercido por mulheres (Olivar, 2012; Piscitelli, 2013), os meus interlocutores homens trabalhadores do sexo não reivindicam qualquer proteção estatal ou regulamentação estrita da atividade econômica que exercem. Entre as implicações, possivelmente, está o fato desse segmento não se associar a movimentos sociais ou organizações civis que pleiteiem essa pauta.

Ainda, enquanto as mulheres trabalhadoras do sexo há aproximadamente quatro décadas têm reivindicado maior visibilidade e reconhecimento das suas demandas diante do Estado e da sociedade (Olivar, 2012; Piscitelli, 2016), os homens trabalhadores do sexo não mantêm tal engajamento e articulação, nem tão pouco o desejo de serem reconhecidos enquanto categoria organizada.

Portanto, nesse cenário, mesmo diante dos desafios que possam existir para exercer essa atividade no mercado do sexo remunerado, podemos considerar que “a falta de união entre garotos de programa com objetivo de melhoria em suas condições de trabalho e respeito a sua cidadania é um grande empecilho [ainda maior] para o fortalecimento da classe” (Abreu, 2014, p. 62).

Nesse contexto, Viana (2010, p. 56) irá compreender que entre os boys das saunas de Recife (PE) que exerciam a “michetagem” não havia uma associação dessa atividade à condição de profissão. Assim, a prostituição viril, segundo o autor,

[...] quando associada a outras atividades profissionais, especialmente aquelas que necessitam do dispêndio da força física, passa a ser significada como atividade transitória, cujo objetivo maior seria o complemento da renda. Parece-me que, nesses termos, a condição de trabalhador do sexo torna-se ‘suportável’ diante da não-existência de outras possibilidades de trabalho, situação que fortalece o argumento que muitos dos boys apresentam de que estão nessa vida por não terem outras oportunidades profissionais e que é melhor trabalhar como boy do que não ter trabalho nenhum, relato que seria mais bem entendido se o lêssemos da seguinte forma: melhor ganhar dinheiro como boy de programa do que não ganhar dinheiro nenhum.

Essa constatação também foi evidenciada entre os interlocutores de Barreto (2017, p. 81). Conforme o autor, “[...] todos os *boys* com quem tive contato não atribuíram ao exercício da prostituição a condição de profissão. Todos a consideram uma atividade transitória, cujo objetivo maior seria o ganho de um dinheiro extra, de forma rápida, ou apenas uma diversão”.

A pesquisa desenvolvida por Vinício Brígido Santiago Abreu entre os garotos de programa de Fortaleza (CE), compreende que a falta de diálogo e união parar para pensar a atividade que exercem enquanto trabalho representa, entre outros motivos, o próprio sentimento de individualismo. “Essa situação acaba por causar um processo de fragmentação da união e

coletividade desse grupo de trabalhadores que, unido à discriminação e ao preconceito com a categoria, impossibilita que movimentos de união ocorram” (2014, p. 73).

Por outro lado, aqui, boa parte dos meus interlocutores a compreende como trabalho e/ou profissão. Inclusive, para alguns, essa atividade tem representado a única fonte de renda que possuem. Tanto é que ao questionar Txai (21 anos) se possui outro meio de subsistência além do trabalho sexual, respondeu, *eu só faço PG, só.*

Diante desse cenário, o que eu quero dizer é que “nessa perspectiva, considera-se que os sujeitos envolvidos no mercado do sexo vêm desenvolvendo práticas e códigos que indicariam uma maior profissionalização de suas atividades” (Kerry dos Santos, 2016, p. 70). Sendo assim, a fala de Vicente (28 anos) retrata bem a relação entre atividade laboral transitória e prestação de serviço ao considerar a necessidade de profissionalização da atividade que exerce.

Tipo, se tu quer uma massagem e pedir para o teu amigo, teu amigo vai fazer do jeito dele. Agora se você quer uma massagem shiatsu, massagem tailandesa, você vai para um massagista, pedir para um profissional. É isso que acontece, essa é a concepção de um profissional do sexo. E as pessoas ainda tem: “Aí, não rola. Aí, você é muito gato, me dá muito tesão, mas não rola pagar! Eu não preciso, eu sou bonito. Não sei o quê...” Isso não tem nada a ver, não tem nada a ver. [...] A questão é um serviço. Vamos nos divertir. (Grifo meu)

A diversidade de serviços pode variar de acordo com cada trabalhador do sexo. Vicente, por exemplo, ao falar sobre os tipos de serviço que oferece, diz: *eu danço a música que o cliente tocar. Quer que eu seja o namorado, vou ser o namorado. Quer que eu seja o putão, vou ser o putão.* Mais adiante, nessa mesma conversa, ao se referir aos clientes, segue: *‘Vai, como que tu gosta, amor? Como que tu gosta?’ É sempre isso que eu pergunto.*

Portanto, fica ainda mais evidente a profissionalização dessa atividade ao ponderar que “[...] do lado de quem vende o serviço existe uma relação de trabalho e, portanto, de distanciamento de qualquer possibilidade de envolvimento emocional” (Bassetti, Peixoto, 2015, p. 13). Esse distanciamento mencionado transparece nas falas e ações que Enzo Boy (24 anos) diz desenvolver ao comentar sobre afeto, desejo e subjetividade. *Dá minha parte não [não rola desejo]. Dá minha parte eu vejo simplesmente como um serviço. Já para os clientes sim. Eles se encantam pela pessoa, pelo papo, pelos carinhos.*

Entre as motivações que levam seus clientes a contratá-lo, além dos atributos físicos que diz ter, estão necessidades atreladas às carências não sexuais, como à busca de [...] *uma boa companhia, busca uma pessoa legal, gentil, educada, simpática. E eu me descrevo assim, no*

site. Como não apenas sexo gostoso, sim como uma boa companhia para bebidas, festas, barzinho⁷⁷.

Apesar de muitos clientes confundirem as barreiras estabelecidas pelos interlocutores, Vicente (28 anos), da mesma forma, entende que [...] *todas as pessoas que eu saio eu levo pro lado profissional. Mas o profissional é pra dentro de mim. Eu não deixo transparecer que é, tipo, estou aqui porque você me contratou e porque você vai me pagar. Não! Deus me livre.*

O mesmo discurso pode ser identificado nas prestações de serviço realizadas por Vinícius (29 anos). Aqui, segundo ele, ressalta a importância de oferecer aos seus clientes um atendimento mais próximo e preocupado com os aspectos subjetivos que os cercam, sem abrir mão do profissionalismo que associa à ideia de confiança, responsabilidade e segurança. Identifica, ainda, que aspectos subjetivos podem estar atrelados mais a uma carência afetiva/emocional do que propriamente a necessidade de concretização do ato sexual.

[...] fazendo uma análise do cenário atual, levando em consideração alguns depoimentos dos meus clientes, e fatos que ocorreram com outros meninos que escolheram essa profissão, eu levo cada ligação de clientes a sério. Analiso o perfil de cada um. Trabalhando encima delas, cheguei à conclusão de que as ligações são mais motivadas pela carência, não só sexual, mas, também, afetiva dessas pessoas que me procuram. Eu tento suprir momentaneamente esse vazio. Se eu atendo um cliente hoje e amanhã ele me liga, eu não rejeito a ligação. Perco alguns minutos do meu tempo para ouvi-los e assim fazer parte do cotidiano deles. Uma das coisas que ouço muito é que sou um garoto confiável e responsável.

Outro ponto a considerar na fala de Anthony (33 anos) está relacionado às convicções ideológicas e políticas que possam causar desentendimento e abalar a relação entre trabalhador do sexo e cliente. Ao reafirmar o aspecto profissional da atividade que exercer, diz estar ali a prestar um serviço.

*Eu quando comecei, assim, eu era mais aberto sobre política, sobre militância. **Eu acho que é meio como qualquer comércio. Você tem que meio começar a não expressar tanto as coisas, seu posicionamento, a sua ideologia política.** Se alguém fala alguma coisa que na sua vida pessoal você fala: ‘Nossa que absurdo, esse cara apoia a ditadura ou o Bolsonaro mesmo’. Você faz uma cara de paisagem e diz: ‘Então, né? Pois é!’. **Porque ali você está trabalhando, pode perder clientes, pode ficar mal falado.** O foco não é esse. Você não tá ali pra fazer militância. [...] [É preciso] **priorizar o prazer e o estar à vontade do cliente.** Quando eu tô ali, eu tô ali pra isso, pro cliente ficar se sentindo bem e se sentindo com tesão. (Grifo meu)*

⁷⁷ Na pesquisa desenvolvida por Manuel Antônio dos Santos (2011, p. 82), irá dizer que “os rapazes relatam ainda que o contato com os clientes nem sempre culmina no intercurso sexual, pois muitas vezes o que desejam é ter uma companhia, conversar e ‘desabafar’ seus problemas, fazendo do encontro uma espécie de consultório sentimental.”.

O ponto que retrata o quanto o trabalhador do sexo compreende sua atuação com determinando grau de profissionalismo surge quando o interlocutor evidencia e estabelece a distinção entre sexo, prazer e afeto. A disciplina das subjetividades, do corpo, da fala e dos gestos passam a existir diante da necessidade de satisfazer as exigências do próprio mercado que se altera no decorrer do tempo.

Desse modo, ao estabelecer o distanciamento entre aquele que é, apesar dos prazeres proporcionados, prestador e realizador de desejos e fantasias sexuais, em detrimento daquele que se coloca como consumidor; este, por sua vez, não deixa de ser visto enquanto cliente. Mesmo nas interações em que estabelecem, ora ou outra, relações que possam ser flexibilizadas e distensionadas.

Ainda, nesse contexto, primeiro nome Teixeira (2011, p. 11) irá compreender que:

Uma dessas habilidades envolve um dos momentos mais delicados na prática da prostituição: o jogo erótico que envolve a sedução do cliente e sua transformação em um programa efetivo. Várias estratégias podem ser utilizadas, sendo as mais comuns não construir intimidade com clientes nos primeiros encontros (por serem percebidas como contrárias à lógica que opera o desejo que conduz à efetivação de um programa) e a potencialização do desejo dos clientes por meio de performances que mexem com suas expectativas e fantasias.

Devo ponderar que parte das pesquisas acadêmicas já produzidas evidenciaram “[...] no caso dos homens gays (ou heterossexuais) há um silenciamento sobre o fato de que muitos deles recorrem ao sexo comercial, seja para sobreviver, seja para fazer algum tipo de ‘bico’ ou para arrumar algum dinheiro extra” (Kerry dos Santos, 2016, p. 55).

Aqui, Fábregas e Martinez (2000, p. 18) *apud* Alan de Loiola Alvez (2011, p. 3) ao analisar a prostituição exercida por homens, identifica em seus estudos que “esses homens ‘raramente identificam prostituição como um trabalho’, percebendo-a como uma ‘atividade temporária, um bico até encontrar um emprego que lhes garanta um sustento’”. E, assim, buscam estabilidade financeira fora dessa atividade.

Constatação semelhante foi realizada por Barreto (2017, p. 87) entre os boys das saunas cariocas. Esses, por sua vez, consideram a condição de trabalhadores do sexo enquanto algo transitório. Portanto, ainda que avaliem como uma complementação de renda ou satisfação de determinados desejos eróticos, os boys nutrem a perspectiva de deixar essa atividade. Aqui, segundo o autor, “as justificativas pessoais [para deixar essa vida] parecem atuar como respostas morais ao que se percebe como transgressão ou problema social”.

Nesse aspecto, encontro um ponto de discordância em relação às perspectivas apresentadas pelos meus interlocutores. Estes, apesar de reconhecer o estigma e os discursos

moralistas que perpassam essa atividade, entendem não ser esse motivo capaz de demovê-los a abandoná-la. Por outro lado, compreendem que só deixariam o trabalho sexual caso não obtivessem retorno financeiro capaz de assegurar a subsistência ou se intensificasse ainda mais as dificuldades de se manter nesse mercado. Aqui citam o próprio aspecto geracional e/ou aumento da violência.

Viana (2004, p. 302), ainda, entendem que existe “[...] uma diferenciação por grau de profissionalismo, uma vez que nem todos convertem o exercício da prostituição como sua principal fonte de renda, encarada mais como ‘extra’ ou como última possibilidade de garantia da subsistência”. Compreendem que existe uma certa diferenciação entre aqueles sujeitos que atuam nos espaços públicos para os que atuam nos espaços privados. Os primeiros demonstram recusa de se denominar “profissionais do sexo”, enquanto os segundos se apropriam dessa categorização ou se denominam de garotos de programa (Viana, 2004).

Aqui, essas concepções estariam associadas às condições de informalidade na qual essa atividade econômica se insere. Portanto, os trabalhadores do sexo a compreendem enquanto uma prática transitória e momentânea, a ser encarada mais como uma espécie de bico do que propriamente uma profissão na qual é possível almejar estabelecer e consolidar uma carreira. Contudo, entendem essa atividade como fonte de renda secundária, incapaz de por si só garantir a subsistência.

Conforme considerei anteriormente, apesar dessa visão estar presente entre os trabalhadores do sexo, durante o trabalho de campo alguns dos meus interlocutores apresentaram novas perspectivas sobre o modo que compreendem suas vivências, planos e atuações no mercado do sexo remunerado. Muitos entendem, por ser essa uma atividade econômica que demanda preparação, tempo, dedicação, trocas e, principalmente, retorno monetário, enquanto trabalho.

Nessa mesma linha, é possível perceber em suas falas que diante da competitividade estabelecida no mercado local há cada vez mais a necessidade de alcançar uma maior profissionalização. Assim, a relação estabelecida entre os sujeitos não deixa de ser percebida enquanto uma relação comercial entre o trabalhador que estará ali para prestar um serviço especializado e o cliente como consumidor que deseja qualidade na prestação dos serviços contratados.

Essa exigência vem ao encontro da própria pretensão de alguns trabalhadores do sexo de se colocar no mercado e atuar durante um período relativamente mais duradouro. Como é o anseio de Txai (21 anos) e Vinícius (29 anos) que há mais de cinco anos estão no mercado do sexo em Campo Grande ou, ainda, o de Vicente (28 anos) que evidenciou seu plano de construir

uma carreira e, também, passar a agenciar outros trabalhadores do sexo que pretendem iniciar nesse ramo.

Antes de apresentar a perspectiva de Vicente sobre a pretensão de construir uma carreira como trabalhador do sexo, a análise de Barreto (2017, p. 82-83), a partir das produções de Howard Saul Becker (1978, 2005), é interessante. Para o primeiro autor:

Nas ciências sociais, o conceito de ‘carreira’ alude a todo um ciclo percorrido por uma pessoa no transcurso de sua vida, questão que abriu portas para numerosas pesquisas, entre as quais se destaca a de Becker (2005). ‘Carreira’, tal como definida pelo autor, seria o caminho trilhado por um determinado indivíduo a partir de seu engajamento em um dado projeto. Esse caminho se faria a partir da incorporação de um tipo de aprendizado em sua passagem por várias etapas predeterminadas. [...] No caso da prostituição, particularmente, esse percurso é tido como desviante e estigmatizado (Goffman, 1978), já que as pessoas inseridas nesse universo são consideradas desviantes por suas atividades. Elas são rotuladas dessa forma, visto que o desvio não é ‘natural’ às ações, mas sim julgado socialmente enquanto tal. Daí os pertencentes a círculos sociais interpretados como poluídos, impuros e contaminados carregarem um determinado estigma pejorativo.

Entretanto, apesar dessa condição de estigma e desvio que o trabalhador do sexo carreta, o discurso de Vicente (28 anos) demonstra uma mudança de concepção ao enxergar nessa atividade a possibilidade de estabelecer uma carreira, ainda que precise ser consolidada, tendo em vista o pouco tempo que está a atuar nesse mercado. Para ele, o trabalho sexual que exerce é a sua única fonte de renda.

Na verdade, entendo isso como uma carreira, pra mim, no meu ponto de vista. Tem muita gente, assim, que vê como um bico ou como algo que vai só saciar um problema ali na hora só pra conseguir um dinheiro, uma grana. Eu não, já vejo algo além do dinheiro. Eu ainda enxergo um glamur atrás de tudo isso. Busco ser um nome. Tô na luta como qualquer outro negócio. Pra mim tudo depende do modo que tu vê as coisas. Se você vê como um bico, vai ser sempre um bico. Se você vê como uma carreira, como muitos fazem, não só garotos, como garotas, trans, também, vira uma carreira. Tu se torna um nome. [...] Pra mim, pro meu ponto de vista é uma profissão. (Grifo meu)

Para Txai (21 anos) quando o questioneei se percebe a atividade que faz como um trabalho, foi enfático:

É trabalho, eu ganho dinheiro. Eu vejo como um trabalho. Eu falo pra minha avó que vou lá trabalhar. E ela me fala que: ‘Que trabalhar o que, guri, isso não é trabalho não!’ [risos]. Lógico que é trabalho, você acha que o dinheiro vem dá onde? Quando eu saio [pra trabalhar] eu falo: ‘Vó, eu vou ali!’. Ela morre de raiva quando eu falo. Mas aceita, hoje ela aceita. Geralmente eu falo só que eu vou numa amiga. Mas quando eu falo que eu vou na amiga ela sabe que é quando eu vou atender.

A visão apresentada pelo interlocutor rompe, mesmo que de modo sutil, com a associação que comumente relacionada prostituição a algo sujo e imoral (Viana, 2004). Aqui é percebida como trabalho em suas potencialidades, precariedades, dificuldades e contrastes. Nesse contexto, conforme o interlocutor salienta, os ganhos obtidos através o exercício do trabalho sexual colabora para a manutenção, subsistência e qualidade de vida dos residentes do lar.

Tanto é que alguns dos seus familiares, após saber da origem dos ganhos que obtém e da atuação profissional, mudaram a concepção que tinham até então sobre o que é dinheiro limpo e dinheiro sujo. Em seu relato, diz que a chave pix e/ou a conta bancária que passa para os clientes efetuar o pagamento dos serviços sexuais que realiza é vinculada ao nome da sua mãe. Ela, inclusive, tem conhecimento da sua atuação como trabalhador do sexo e o auxilia sempre que precisa.

Já Anthony (33 anos), por outro lado, apesar de não estabelecer a atividade de trabalhador do sexo como principal fonte de renda, ainda assim, a vê como um trabalho. Reconhece que muitos dos sujeitos que atuam nesse mercado e que diz conhecer a encaram apenas como complementação de renda.

Eu acho que pra mim e pra maioria dos que eu conheço é mais uma complementação de renda. Até o seu orientador já falou em algum momento, não lembro se é citação de artigo, se é percepção empírica e eu concordo pela minha percepção de que, enquanto para as mulheres é bem comum de que a prostituição seja uma identidade e uma profissão full time, para os homens é mais como ser um bico ou vários bicos, ou uma complementação de renda mesmo. Comigo quase sempre foi assim. Por algum tempo não, por algum tempo foi minha única fonte de renda. Mas não começou assim, em vários momentos deixou de ser assim e atualmente não é minha única fonte de renda.

Deste modo, percebo que apesar de representar uma mudança gradual, os meus interlocutores tendem a compreender essa atividade como trabalho e, portanto, exige-se certa profissionalização e especialização para a prestação de determinados serviços. Apesar de muitos, conforme a fala de Anthony (33 anos), encará-la ainda que em determinados períodos da vida como uma complementação de renda ou bico.

Desse modo, ao reconhecer o protagonismo que o trabalho sexual tem alcançado no Brasil é possível compreender o mercado do sexo remunerado em Campo Grande (MS) enquanto algo pertencente a um contexto mais amplo, caracterizado por Piscitelli (2013) de *indústria do sexo*.

Portanto, é possível associar as conexões e mobilidades estabelecidas entre os trabalhadores do sexo e suas atuações a partir dos meios on-line e dos classificados em conexão com outros territórios, ao movimentar uma economia mais ampla entre os diversos segmentos produtivos da economia. Isso é, segundo Piscitelli, a indústria do sexo:

Designa a estrutura organizativa vinculada ao sexo comercial, destacando sua solidez, as forças econômicas e os interesses que as impulsionam, a diversidade e a dimensão desses negócios e suas inter-relações com outras grandes indústrias, como cadeias de hotéis, turismo de tecnologia de informação [...]. A ideia é que o que há de novo nessa indústria é a crescente estrutura comercial e empresarial de obtenção de lucro, a escala desses lucros, a diversificação de modalidades de serviços sexuais envolvidos e o lugar fundamental que os meios tecnológicos têm em sua expansão (Piscitelli, 2013, p. 25).

Toda via, a autora, ao analisar as múltiplas trocas econômicas e sexuais, compreende que a “noção de mercados do sexo seria mais fértil, em termos analíticos, que a ideia de indústria do sexo.” As múltiplas dimensões reflexivas nos levam a considerar que o mercado do sexo se situa “[...] num universo muito mais amplo de intercâmbios sexuais e econômicos, materiais e simbólicos” (Piscitelli, 2013, p. 30).

O trabalho sexual enquanto ação desenvolvida pelos interlocutores representa a negociação do sexo, ou melhor, das práticas sexuais. Assim, para além das ações e relações que se estabelecem entre o cliente e o anunciante/trabalhador está a negociação do corpo. Sua relação e constante valorização está não só na constituição de determinada estética e atributos corporais associados a si, como, também, da própria capacidade de subjetivação e representatividade vinculadas aos afetos, desejos e prazeres para aqueles que o consomem (Maroun, Vieira, 2008; Kerry dos Santos, 2016; Barreto, 2017).

Nesse contexto, Kalya Maroun e Valdo Vieira (2008, p. 179-180), ao investigarem a constituição do corpo enquanto mercadoria para a cultura do consumo na contemporaneidade, compreendem que as:

[...] mercadorias passam a ser tratadas como algo naturalmente munidos de faculdades, propriedades, valores e significados intrínsecos (masculinidade, feminilidade, elegância, *sex appeal*, ousadia, inteligência, modernidade, sensualidade, beleza, juventude, independência, charme), transferíveis ao consumidor mediante as relações místicas e abstratas de compra e posse (a mediação mágica do dinheiro e por intermédio das relações orgânicas o fazer e do construir. (Grifo dos autores)

Conforme enunciado é possível compreender a construção e negociação do corpo e o que ele pode oferecer a partir dessa relação de consumo que os clientes exercem para tê-lo. Nessa relação, não se consome simplesmente o corpo como objeto, mas toda a subjetividade, desejos, fantasias e fetiches atrelados a ele. Por outro lado, a performance do trabalhador do sexo é salutar para fazer do corpo-objeto-mercadoria mais que um instrumento de trabalho, mas também meio capaz de corresponder a essas expectativas transpostas pelos clientes.

Além do mais, nem sempre o que se consome resultará na relação sexual em si, pois, muitas vezes, o que deseja e consome é a companhia, o estar, ouvir e falar com o cliente, diante da necessidade de suprir determinada carência existencial. Assim, o trabalhador conseguiria realizar novos atendimentos sem que, com isso, afete sua disposição física e necessidade utilizar estimulantes sexuais para a realização dos próximos encontros com outros clientes.

3.2. Entre cenas, o trabalho sexual e as experiências dos interlocutores

Quando falo de experiências e vivências, busco considerar o que levou os interlocutores a se inserir no mercado do sexo remunerado, bem como o quanto a visão descompassada sobre essa atividade econômica é percebida pelo meio social no qual estão inseridos. Os relatos das vivências trouxeram aproximações e distanciamentos entre os interlocutores. As motivações podem ser as mais diversas possíveis, pois, vão desde a curiosidade, prazer, sonho, fantasia, fetiche ou vontade de estabelecer relações sexuais com outros homens, além do desejo de obter ganhos financeiros.

Conforme Viana (2004, p. 306), para muitos trabalhadores do sexo “a prostituição viril surge no vácuo da necessidade financeira que o legitima e valida, apesar de ser indigna, segundo alguns profissionais do sexo”. Entre esses sujeitos, muitos relatam ter sido “[...] as dificuldades financeiras que os fizeram ingressar nessa vida, atraídos pela expectativa de ganhar dinheiro facilmente; geralmente são apresentados por amigos que já praticam o ‘métie’ ou frequentam o ambiente” (2004, p. 302).

Entre os meus interlocutores, ainda que não vivesse em um contexto de vulnerabilidade social, Txai (21 anos), quando compartilhou comigo os motivos que o levaram a realizar trabalho sexual, sorriu de modo descontraído e disse, *dinheiro [risos]. É o que leva todo mundo, né. Conheci um amigo meu que fazia, aí eu fui também fazer. Aí ele me apresentou os sites. Eu coloquei e deu certo.*

Apesar de relembrar seu início com nostalgia e certo deslumbramento causado com as primeiras experiências nesse mercado, logo na sequência demonstra-se arrependido. Para ele, ao relembrar os caminhos que poderia percorrer se tivesse seguido no Centro de Formação para Jovens, na época a realizar estágio num hospital público da capital, considera que poderia ter conquistado outras realizações profissionais e até mesmo alcançado condições econômicas mais favoráveis. Ele comenta:

Txai: *Era pra mim ter uma vida lá hoje. Era pra mim tá lá até hoje se eu quisesse. Eu que fui burro, cara. Era pra mim tá lá até hoje, ter pago minha faculdade. [Quando sai de lá] Eu recebi até um acertinho bom. Vish, a psicóloga veio em casa pra mim não pode sair, que eu estava fazendo burrada. Ela falou pra mim. Mas eu fiz mesmo, burrada. Eu quis sair, né, pra pode fazer pg. Achei que eu ia ganhar mais, né.*

Eu: Mas ela soube o que te levou a sair?

Txai: *Soube porque eu falei, né. Ela veio atrás de mim, conversou com a minha família. Eu não quis, né. Eu era muito novinho. Achando que estava fazendo o certo e estava fazendo errado.*

Eu: Naquela época dava muito dinheiro?

Txai: *Dava porque eu era novo, né. [...] Aqui eu ganho mais fazendo pg. No Centro de Formação para Jovens eu ganhava R\$ 800,00 na época. Aí [o dinheiro recebido como trabalhador do sexo] foi subiu pra cabeça, como sobe pra todo mundo. (Grifo meu)*

Por outro lado, quando conversei com Vicente (28 anos) sobre os caminhos que o levaram a exercer o trabalho sexual, suas motivações não estavam atreladas às condições econômicas desfavoráveis, falta de oportunidades de estudo e/ou miséria. Fatores esses normalmente associados às motivações que levam grande parte dos trabalhadores do sexo a exercer essa atividade econômica (Perlongher, 1987).

Nesse sentido, não só a história de Vicente (28 anos) contraria essa lógica, como as motivações de parte dos meus interlocutores. Segundo o interlocutor, a motivação que o levou ao mercado do sexo remunerado estaria mais associada a certo encantamento, experiências e prazeres que a profissão pode oferecer do que propriamente motivada pela vulnerabilidade social ou econômica. Apesar de reconhecer que as primeiras experiências foram motivadas, ainda que momentaneamente, por dificuldades financeiras. Ele comenta:

O que me levou a ser garoto de programa foi realmente curiosidade de viver essa vida. E que quando eu era criança meus pais foram sempre muito evangélicos, só que as minhas vizinhas eram prostitutas. Eu brincava com as irmãs dela, quando eu era criança. Então, na hora delas fazer a unha, fazer ali a arrumação eu sempre escutava as conversas. A gente foi crescendo escutando essas conversas delas. [...] Eu fui crescendo e eu vi o movimento delas, eu via que o meu pai saia pra trabalhar todo dia e voltava às 17h da tarde. Na minha concepção de criança, naquela época, eu via que não, elas estavam sempre arrumadas, sempre bonitas, sempre em festas. Ainda tinha o dinheiro, ainda tinha o conforto, sem contar as coisas e os lugares que elas conheciam. O Pantanal mesmo, conheciam muitos lugares do Pantanal, de Mato Grosso do Sul.

Quando questionado se sempre residiu em Campo Grande, o interlocutor segue seu relato sobre os caminhos e descaminhos que o levou a ser trabalhador do sexo. Ele enfatiza:

Não, eu sou do interior. Eu sou do Pantanal. Eu vim de lá. Aqui em Campo Grande eu cheguei em 2009. Na prostituição, firme mesmo, firme mesmo há um ano. Não faz tanto tempo não. Em 2017 eu fui pra fazer, mas era porque,

tipo, eu estava separado. E também estava precisando do dinheiro. Aí não levava muito [a sério]. Já tinha aquela curiosidade, mas não vou fazer agora. Aí não comecei fazer logo, voltei com a minha companheira. Aí morreu a prostituição. Depois arrumei mais dois serviços, continuei trabalhando. Aí quando eu separei, continuei nos meus serviços. Quando não deu mais certo nos meus serviços eu falei, agora eu vou viver o que eu sempre quis viver. Aí me joguei. Aí nasceu Vicente [risos].

Apesar do desejo e da curiosidade que nutria desde a infância, seu primeiro contato com o sexo remunerado se deu a partir dos espaços de relacionamento on-line. Porém, sua primeira experiência ocorreu apenas em 2017, [...] *foi por um aplicativo [Grindr]. Foi muito aleatório. Eu estava pelo aplicativo mais pro prazer mesmo. Não estava pra me prostituir. E um cara me ofereceu dinheiro. Eu falei, 'Olha aí, vamos!'. Essa foi a primeira vez. Depois do aplicativo veio o site.*

Já Anthony (33 anos), por exemplo, que se considera uma pessoa de classe média, escolarizado e pós-graduado, afirma que *meus pais e meus avós são bem de vida. Não sei dizer a renda, mas têm uma renda bem confortável. Eu tenho uma vida mais modesta, mas eu sempre tive okay com isso.* Para ele, sua vivência no mercado do sexo o proporcionou aprendizados significativos. *Tanto que a prostituição foi o meu primeiro ensaio de aprender a meio que valorizar o meu trabalho, a saber cobrar.* Sendo essa uma das primeiras experiências laborais que adquiriu em sua vida.

Os caminhos que levaram Anthony (33 anos) ao mercado do sexo remunerado são diferentes, em parte, dos de Vicente.

Eu comecei em dezembro de 2016. Eu fiz doutorado em Cuiabá e não deu certo. Aí, quando eu desisti, voltei para Campo Grande quando no mês seguinte eu tive a ideia de começar a fazer programa. Eu lembro exatamente o dia que começou. Foi numa conversa com um amigo meu que inclusive já é falecido, se suicidou. Ele era homossexual, ele consumia o trabalho, o serviço do garoto de programa. Do garoto de programa em geral. E uma amiga minha que é trans e profissional do sexo também. Eles falaram: 'Anthony por que você não faz?'. Eu estava nesse esquema de compulsão sexual mesmo, de usar... eu nem usava aplicativo muito, era mais, tipo assim, indicação mesmo. As pessoas sabiam que eu tinha atributos interessantes⁷⁸, me recomendavam, eu recebia umas cinco propostas de sexo por dia diferentes. Isso, talvez, tenha sido uma coisa que me atrapalhou até cumprir o doutorado. Eu meio que vivia em função disso. Então, se for pra viver em função disso, que eu ganhe dinheiro com isso. Já que eu não consigo atender todo mundo, que pelo menos eu faça um filtro. Vou atender quem me pagar.

⁷⁸ Quando questionado quais eram esses atributos, afirmou que estão associados a sua aparência, pegada e pênis grande.

Apesar dos meus interlocutores evidenciarem os caminhos que os levaram a esse mercado é preciso considerar que, diante da visão preconceituosa, estigmatizada e da marginalização que sofrem, faz com que muitos não tornem público suas atuações como trabalhadores do sexo. Pois, “identificar-se e ser identificado como profissional do sexo é a anunciação do pertencimento a uma marginalidade” (Viana, 2004, p. 299).

Nesse contexto, apenas Txai (21 anos) afirma que seus familiares têm conhecimento da atividade profissional que exerce. Apesar de não aceitar bem esse fato e o aconselhar a procurar um emprego com carteira assinada. Ademais, só tomaram conhecimento após vídeos íntimos em que estava a performar em relações sexuais com outros clientes ser compartilhados nas redes sociais e ter chegado até familiares seu.

Vicente (28 anos), por outro lado, quando questionado se seus familiares têm conhecimento da sua atuação como trabalhador do sexo, responde:

Tenho receio só dá minha família, família pai e mãe. Tipo assim, tenho até uma prima minha que sabe. Os meus amigos todos, todos, é algo que eu não escondo. Não é algo que eu tenho vergonha. Muito pelo contrário, eu tenho prazer, tenho orgulho de ser garoto de programa. Porque, tipo assim, isso me devolveu muita coisa que eu não tinha antes. Falam que corrompe, né, falam que te destrói, mas me devolveu principalmente a autoestima. Quando antes de ser Vicente, ficava com um, ficava com outro. No outro dia a pessoa nem me ligava pra saber se eu estava bem, se cheguei bem em casa. E ainda saia falando mal de mim, às vezes. Agora não, agora a pessoas me elogia. Não sabe o que faz comigo pra fazer eu me sentir bem, pra fazer eu me sentir à vontade. E ainda me paga. E ainda me manda mensagem no outro dia [risos].

Os aspectos associados à desejabilidade reconhecida e exercida por Vicente (28 anos) transformam em condição de existência do michê desenhado por Perlongher (1987), ainda que associado a uma condição marginal de existência. De homem desprezado pelas ex-companheiras de flertes a sujeito de desejo reconhecido e valorizado pelos clientes. É aqui que se molda às relações desejantes estabelecidas entre os sujeitos envolvidos nessa trama, mesmo que no limiar da (im)pessoalidade.

Ainda, conforme evidenciei até aqui, na vida dos meus interlocutores nem sempre o trabalho sexual surgiu como aspecto da necessidade financeira ou vulnerabilidades sociais. Entre as narrativas transpostas, em boa medida, o início ocorreu em decorrência das circunstâncias e oportunidades surgidas ora como meio de satisfazer impulsos, fetiches e desejos sexuais, ora enquanto curiosidade de compreender esse universo e até mesmo, em um primeiro momento, adquirir uma renda extra capaz de concretizar planos e projetos pessoais. Conforme será melhor evidenciado a seguir.

Por outro lado, mesmo que eu não pretenda aqui realizar considerações profundas, até aqui ficou evidente nas falas dos meus interlocutores como a relação com o corpo, prazer e perigo estão atreladas ao cuidado com a saúde e à prevenção de certas doenças sexualmente transmissíveis. Assim, Maria Filomena Gregori (2016) compreende que as formas mais contemporâneas de estabelecer o erotismo têm articulado cada vez mais novas preocupações do cuidado saudável do corpo. Ainda, segundo Gregori (2016, p. 8),

[...] a investigação sobre práticas que operam na zona de tensão entre prazer e perigo, revelou que os limites da sexualidade se abrem para um leque criativo de simulações que deslocam os mandos normativos que regulam nossos desejos e, mais do que perpetuar desigualdade e dominação, reabilitam a força contestatória das transgressões.

Aqui, não só Anthony (33 anos), quanto Enzo Boy (24 anos), Txai (21 anos) e Vicente (28 anos), compreendem a importância de utilizar preservativos e outros métodos contraceptivos para prevenir infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Ou seja, o uso de profilaxia pré-exposição (PrEP) e de camisinha masculina foram os meios mais citados enquanto métodos para prevenir contra o vírus da imunodeficiência humana (HIV). Associado a esses métodos, segundo eles, está a necessidade de realizar acompanhamento regular de saúde junto a um profissional especializado.

Luiz Fernando Greiner Barp e Myriam Raquel Mitjavila (2020, p. 3) consideram que “com a criação de políticas públicas voltadas ao HIV/aids, a inclusão de medicamentos e outros métodos preventivos, a doença deixou de ser letal e adquiriu uma característica crônica”. Desse modo, nas palavras dos autores, na última década ao considerarmos os avanços obtidos, podemos realizar:

[...] uma nova leitura a partir da implementação da profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) pelo sistema público de saúde no Brasil. Distribuída a partir do início de 2018 e considerada como uma das mais novas medidas de prevenção ao HIV/aids, a PrEP se configura como um esquema antirretroviral de uso contínuo direcionado aos sujeitos que não foram infectados pelo vírus. [...] Diante disso, a PrEP produz uma nova categoria de homossexual, atrelada a tecnologias disciplinares e biopolíticas, que se apoiam na individualização e responsabilização dos indivíduos pelo cuidado de si. (Barp, Mitjavila, 2020, p. 1)

Essa consciência reflexiva sobre o cuidado da saúde e o bem-estar de si é retratado nos discursos dos interlocutores. Ainda que reconheça os riscos a que segue sendo exposto, Txai (21 anos), por exemplo, diz que além da camisinha:

Faço só o PrEP, só. Que é aquele pra você não pegar o HIV. Já têm 2 anos. É tranquilo, porque tem que passar por acompanhamento médico, né. Eu vou sempre, vou em 6 em 6 meses. Você tem que ir lá, pra você fazer os testes pra ver se não tem nenhuma doença. Se você não tiver, você começa a tomar o remédio. Aí evita de você não pegar o HIV, mas têm outras doenças, né. [...] Você entra nessa vida sabendo que tem o risco de pegar HIV, sífilis, hepatite, tudo. Tem que se cuidar. Aí vai da sorte. Se você for sortudo, você vai sair ileso, se não vai sair com alguma doença.

Nesse mesmo contexto, Vicente (28 anos) afirma:

Independente se tu tá tomando PrEP ou não é sempre bom você usar o preservativo. Tanto é porque eu tenho que passar segurança pro próximo cliente, também. E querendo ou não se eu contraio uma IST são semanas que eu vou ficar parado. São semanas. E isso pesa no bolso, isso daí, nossa. E pesa muito. Eu tenho que estar seguro, porque eu quero sair do meu atendimento, 'Atendi! Foi tudo a mil maravilha, foi ótimo'. O cliente curtiu, recebi o meu dinheiro e agora vou descansar, ótimo'. Do que, 'Será que esse cara tinha alguma coisa? Nossa vou começar a ficar de olho em mim agora.' Entendeu.

Apesar do esclarecimento que demonstram possuir, ainda assim, alguns dos meus interlocutores reconhecem que mesmo diante dos riscos de contrair uma IST já estabeleceram relações sexuais sem o uso de preservativos durante o encontro com outros clientes, ainda que de modo esporádico. Nessas ocasiões, o não uso ocorreu ora por exigência dos clientes ora pela iniciativa dos próprios interlocutores.

Ou seja, aqui, “as práticas eróticas [e sexuais] são empreendimentos de risco: podem colocar em perigo as normas e convenções vigentes de gênero e de sexualidade e, desse modo, ampliar o escopo de experiências com prazeres e com corpos” (Gregori, 2016, p. 8). É preciso evidenciar que nessa perspectiva teórica “prazer está associado à sensação de bem estar, ao deleite e indica uma inclinação vital. Perigo sugere uma circunstância que prenuncia um mal a alguém ou a algo” (Gregori, 2016, p. 10).

Transparece a preocupação de não se expor a riscos indesejáveis. Isso, ao considerar que para eles o corpo deve se manter cuidado e saudável, pois ele é o instrumento de trabalho que possuem. Portanto, figura-se enquanto um bem extremamente valioso. Entretanto, percebi que essa consciência reflete mais as experiências compartilhadas entre os meus interlocutores e os demais trabalhadores do sexo do que propriamente a ação promovida pelos sites de classificados on-line, movimentos sociais, instituições estatais ou organizações não governamentais⁷⁹.

⁷⁹ Essa constatação também foi evidenciada no trabalho de Kerry dos Santos (2016). Na pesquisa de Barreto (2017, p. 59), o autor identificou entre as saunas pesquisadas, “[...] folhetos distribuídos pelo Ministério da Saúde sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis”.

Nos próprios anúncios, nos sites e aplicativos, podemos encontrar referências à exigência do uso de determinados métodos contraceptivos. A exemplo de Christopher (23 anos) que em seu anúncio estabelece a exigência do uso de preservativo durante o encontro com seus clientes, ao dizer que *atendo: homens e casais na posição passivo e versátil, não atendo mulheres sozinhas, não faço sexo sem camisinha!*

Manoel Antônio dos Santos (2011, p. 77), ao considerar os trabalhadores do sexo, entende que essa negligência, em parte, ocorre ao avaliar que “a masculinidade que promove uma ruptura com tais padrões culturalmente dominantes acaba sendo excluída ou tem dificuldade de se inserir no modelo assistencial vigente”. Por outro lado, cada vez mais os interlocutores declaram estabelecer um acompanhamento médico e fazer o uso da PrEP, além de realizar exames periodicamente e manter o cuidado com a saúde.

Entre as pesquisas desenvolvidas na primeira década deste século, Antônio dos Santos (2011, p. 82) constatou que:

De um modo geral, os entrevistados mostraram baixo nível de conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. A prática do sexo seguro, com uso do preservativo, foi de longe a estratégia mais conhecida e, conforme mencionaram, utilizada por eles para se prevenirem da infecção pelo HIV.

Por outro lado, podemos perceber que esse cenário se modificou muito a partir da realização de campanhas de conscientização e prevenção. Ou seja, ainda que o exercício de atividade possa representar perigo aos trabalhadores do sexo e seus clientes, nos termos propostos por Gregori (2016), ela tem representado um meio legítimo de trabalho. Além do mais, garante a subsistência e move determinados segmentos da economia (academias de musculação, clínicas de estética, companhias aéreas, hotel, motel, sexshop, vestuário, etc.) no contexto de Campo Grande.

3.3. Realizações, projetos e investimentos a partir do trabalho sexual

Todavia, ao pensar as experiências dos interlocutores é importante considerar que o trabalho sexual não representa a única dimensão das suas vidas. Apesar de compreender a comercialização dos serviços sexuais enquanto um trabalho, parte dos meus interlocutores também possui outros meios de subsistência responsáveis em garantir a existência material.

É claro que para muitos o trabalho sexual representa mais do que ponto de partida à concretização dos projetos pessoais. Ele pode condicionar ou não as existências, às práticas de lazer, amizades, sonhos e desejos. Ainda que essa atividade não represente, necessariamente,

riqueza ou estabilidade financeira, possibilita para alguns a realização de projetos de interesses pessoais (Velho, 1994) e investimentos considerados importantes. Para muitos estão atrelados, muitas vezes, a sonhos, aspirações e motivações de superar determinadas realidades.

Desse modo, os projetos são colocados aqui, nos termos de Gilberto Velho (1994), enquanto campos de possibilidades, negociações da realidade e metamorfoses. Ou seja, para o autor, projetos são ações que o sujeito estabelece e estão sujeitas a (re)configurações e (re)ajustes. São capazes de mudar a trajetórias individuais e coletivas. “Os projetos são elaborados no âmago das relações de poder, pelo que há conflitos, tensão e disputas permanentes [...]” (Passamani, Rosa, Alaman, 2022, p. 263).

Essa realidade não é exclusividade do trabalho sexual exercido por homens. Silva e Blanchette (2017, p. 37) chamam atenção para as escolhas que as trabalhadoras do sexo fazem, pois, ao atuar nesse segmento “[...] gera os recursos necessários para a construção ou compra de uma casa, ou de um negócio próprio”. Sem contar que “é, sobretudo, o espaço em que a mulher ‘trabalha por si’, reunindo capital para projetos próprios que seriam inalcançáveis pela labuta no setor dos serviços”.

Por outro lado, Teixeira (2011, p. 15) identifica que entre os garotos de programa de Belo Horizonte (MG), “[...] todos relataram ter dificuldades em colocar em prática seus projetos, por causa de falta de recursos (apesar de admitirem que ganhavam uma quantidade razoável de dinheiro por mês), ou por outros problemas (como falta de tempo ou de oportunidade)”.

Ainda que aqui eu não desconsidere essas dificuldades, percebi entre os meus interlocutores uma perspectiva um tanto quanto destoante da visão dos trabalhadores do sexo citados por Teixeira (2011). Esses compreendem a possibilidade de estabelecer uma carreira profissional. Portanto, aqui, “a carreira, como uma sequência de papéis e *status*, contempla, objetivamente, a série de *status* e cargos pelos quais o indivíduo passa e, subjetivamente, a concepção dinâmica que a pessoa faz – e interpreta – de sua vida (Hughes, 1937)” (DeLuca, Oliveira, Chiesa, 2016, p. 464).

Essa concepção, quando pensada a partir da ideia de carreira do trabalhador do sexo, faz com que “indivíduo concebe seu papel social, que pode ser conflitante, ou não, com o *status* que carrega frente a determinado grupo” (DeLuca, Oliveira, Chiesa, 2016, p. 464, grifos dos autores).

Não que a atuação nessa atividade percorrerá ou fará parte de suas vivências durante muito tempo, a considerar ser esse um mercado competitivo. Tendo em vista que reconhecem o aspecto geracional, quando pensamos a idade, um elemento basilar para o sucesso do

trabalhador do sexo. Pois, enquanto um marcador social da diferença associado à geração, ser jovem nesse mercado é sinônimo de valorização e desejo entre os clientes.

Silva e Blanchette (2011) irão considerar que os trabalhadores que atuam em atividades que prezam a beleza e a idade tende a representar um elemento de pressão sobre a carreira desses sujeitos. Entre os possíveis caminhos, os autores citam a necessidade desses trabalhadores de deixar a atividade que exercem e migrar para outras, mesmo que menos lucrativas.

Antônio dos Santos (2011, p. 82) também evidenciará essa preocupação. Pois, segundo o autor:

Ser um garoto de programa é ter consciência de que a seiva da juventude, que sustenta o interesse sexual que alimenta o jogo erótico praticado pelos ‘jovens efêbos’ e seus ‘clientes maduros’, é uma fonte efêmera e que pode secar em pouco tempo, o que parece gerar um sentimento de urgência que leva à percepção da necessidade de traçar uma estratégia para assegurar um futuro supostamente melhor e confortável.

Em contrapartida, entre alguns dos meus interlocutores, foi possível perceber o desejo de não deixar o mercado do sexo remunerado, mas migrar de função dentro desse próprio segmento econômico. Esse representa um dos projetos de Vicente (28 anos). O que já está a ser realizado por Txai (21 anos), ao concentrar investimentos na compra de imóveis e locação de espaços para que outros trabalhadores do sexo possam atender seus clientes.

Ao considerar que esses sujeitos estão inseridos numa racionalidade econômica é compreensível pensá-los em atividades relacionadas ao mercado do sexo e ao trabalho sexual. Tanto é que Txai (21 anos) afirma alugar uma casa, em parceria com sua amiga, também trabalhadora do sexo, próxima ao centro de Campo Grande. Nesse espaço costuma alugar quartos para outros trabalhadores do sexo atender seus clientes. Inclusive ele utiliza do espaço com essa finalidade.

Ao comentar sobre o funcionamento desse espaço, uma espécie de “motel” mais discreto, diz:

Txai: *Eu pago R\$ 1.700,00 lá com a minha amiga. São três quartos e uma suíte. Aí tem o banheiro, tem a sala, tem uma sala de estar, tem a cozinha, uma varanda no fundo e três casas no fundo. Só que essas três casas nós vamos agora alugar elas pra fazer mais três quartos, entendeu. Só que lá eu quero pra trazer boys de fora. Eu tenho alguns contatos lá de São Paulo. Eu pago a passagem [para eles vir], aí aqui eles me pagam a passagem e pagam a semana. A semana eu vou cobrar R\$ 500,00 reais do quarto, com direito de almoço. Aí quem vai cozinhar é o menino que lava e passa. Só que ele mora lá, endentou. De manhã cedo a casa vai tá limpa, tudo organizado. Aí ele*

limpa os quartos quando os meninos atendem. Começa das 8h e vai até às 19h da tarde, endente.

Eu: Quantos frequentam lá?

Txai: *Duas meninas, um menino e mais eu. E o que agencia lá. Que fica no computador. A pessoa negocia pelo celular. Chega só pra transar lá, só. A gente conversa com o cliente. Aí passa o contato, o endereço e vai. Lá é tipo meu e dela. Nós abrimos de ameia lá. Aí eles pagam o quarto, que é R\$ 50,00 reais. É por uma hora, o tempo que você for ficar com o cliente. [...] Lá eu não combro [de mim]. Lá eu só pago o mês, porque tem que pagar o aluguel e eu divido com ela [sócia]. Quem paga é eles [outros trabalhadores do sexo] pra nós. Aí nós dividimos o lucro no final do dia.*

Eu: E o funcionamento de madrugada? Como é?

Txai: *De madrugada quem fica lá é só esse menino só. Aí, às vezes, quando tem cliente eu vou lá e atendo. Eu vou quando eu quero. Eu deixo eles trabalhando lá. Aí ele fica controlando pra mim quantas pessoas atendeu, anota tudo no caderno. Aí no final do dia eu divido o lucro com a minha amiga e tiro o do aluguel. Aí eu faço os meus PG de boa.*

Eu: Lá vai muita gente?

Txai: *Vai, bastante. Eu vou abrir mais três [quartos] lá no fundo. Eu já fechei com a mulher [proprietária do imóvel] lá no fundo.*

Eu: A casa já funciona há quanto tempo?

Txai: *Vai fazer 4 meses que nós estamos com a casa. Pouco tempo. Quando eu recém cheguei de Brasília, eu já tinha combinado com a minha amiga, né... Ela ficou aqui cuidando das coisas. [...] Os quartos tão alugados a R\$ 50,00 reais para cada atendimento realizado no espaço.*

Além dos quartos que aluga, Txai também mantém outra fonte de renda. Mesmo que tenha conhecimento sobre os riscos e as possíveis consequências legais, exige o pagamento de certa quantia caso um cliente o procure e deseje que ele consiga outros trabalhadores do sexo para algum encontro. Ao operar como intermediador garante a otimização do tempo e maximização do lucro dos sujeitos contratados pelos clientes. Para ele, essa prática não caracterizaria um ilícito, ante o fato de apenas facilitar o encontro e/ou cobrar uma taxa para a utilização do espaço⁸⁰. Apesar disso, pondera não ser essa uma prática constante e sistemática.

Segundo ele, a ação de intermediar os encontros é facilitada diante da rede de contatos que mantém com outros trabalhadores do sexo amigos seus que atendem em Campo Grande. *Eu arrumo PG pra uns caras, aí. Como eu tô bastante tempo, eu arrumo bastante cliente. Aí eu arrumo. Eu cobro R\$ 50,00 reais de cada cliente que eu arrumo pra eles. Eu chego nos clientes e falo que eu tenho uns caras aí, se quiser.* Essa espécie de taxa é cobrada diretamente do cliente caso esse tenha interesse pela intermediação.

Ao mesmo tempo que pensa expandir o atendimento com o aluguel de quartos para outros trabalhadores do sexo, Txai (21 anos) diz possuir alguns planos assim que deixar o mercado do sexo. Entende que com os ganhos obtidos com essa atividade é possível realizar outros

⁸⁰ Os artigos 228, 229 e 230 do Código Penal de 1940 tratam dos crimes de favorecimento da prostituição, casa de prostituição e rufianismos, respectivamente.

investimentos que o proporcionarão retorno financeiro a longo prazo, uma vez que não possui a pretensão de seguir nesse ramo por muito tempo.

Eu pretendo ficar até os 26 anos. Hoje eu comprei três terrenos no Cidade Jardim, ajudei minha avó a reformar aqui, ajudei minha mãe também. Quando eu o questionei por que até os 26 anos, disse: Pretendo terminar os meus estudos. Eu quero fazer enfermagem. Eu não consigo conciliar os dois agora porque eu viajo, né. Eu não paro aqui. Eu comecei a fazer radiologia lá em São Paulo, aí eu tranquei.

Em seu discurso, ao mesmo tempo que pensa deixar o mercado do sexo remunerado depois que conseguir economizar a quantia de dinheiro suficiente para pagar o curso de enfermagem que pretende iniciar, não descarta possibilidade de conciliar ambos os trabalhos e aumentar seus ganhos financeiros. *Aí faz uns pg e dá pra tirar uns R\$ 6.000,00.* Assim, o trabalho sexual entraria mais como uma complementação de renda para ele.

O interlocutor ao falar dos projetos que ainda pretende concretizar e justificar o que motivou adquirir alguns bens, diz:

Eu comprei por investimento. Pra mim ter alguma coisa. Pra mim chegar, quando eu ficar velho, ficar doente, eu ter ao menos uma rendinha, né. Eu pretendo fazer uma casa de piscina. Agora eu comecei a murar eles. [...] Construir uma casa de evento, dá uns R\$ 300,00 reais por dia se alugar. Eu pretendo investir mais. É que eu parei agora. Porque, aí, cansei, cara, cansa fazer pg. Cansa todo dia ficar com alguém. Não é fácil não.

Nesse contexto, segundo ele, o desejo de concluir os estudos viabilizará outras possibilidades de atuação profissional. Normalmente essas pretensões estão associadas ao desejo de alcançar certa segurança financeira, aposentadoria ou direitos trabalhistas. Algo que nesse momento não possui enquanto trabalhador do sexo. Aqui, o projeto de realizar uma graduação como meio de realização profissional surge antes mesmo de iniciar sua vida como trabalhador do sexo, porém, foi adiado diante das incompatibilidades, segundo ele, dos tempos e horários que precisa para atender os clientes.

Esse modo de pensar o trabalho sexual também pode ser visto entre as trabalhadoras do sexo cariocas. Conforme Silva e Blanchette (2011, p. 21), o trabalho sexual ajuda a custear a formação profissional das suas interlocutoras para atuarem em outros setores da economia assim que deixar o mercado do sexo remunerado. Salientam, ainda, que “outra grande parte das nossas informantes utiliza o dinheiro providente de seu trabalho para a compra de imóveis. [...]. A prostituição, então, é em muitos casos um meio para um determinado fim e não necessariamente uma opção totalizante da vida”.

Esse mesmo desejo é compartilhado por Enzo Boy (24 anos). Para ele, por mais que queira, não é possível conciliar estudo e trabalho *por conta das viagens* que precisa fazer. Além do mais, apesar de estar a atuar há aproximadamente um ano, considera já ter realizado seu sonho como trabalhador do sexo. *E aí, tipo, isso é mais como um fetiche mesmo. Porque eu já realizei. E já tô pensando em encerrar as atividades* (Grifo meu).

Já Vicente (28 anos), que não se vê fora do mercado do sexo tão cedo, diz que após deixar de atuar como trabalhador do sexo pretende abrir um espaço para reunir outros trabalhadores que desejam alugar espaços para atender seus clientes. Próximo ao que Txai (21 anos) já tem feito. Acredita ser possível se tornar intermediador e obter novos clientes para aqueles que desejarem ingressar no mercado do sexo remunerado. Atuaria como “iniciador”, ou melhor, uma espécie de “mentor” de novos trabalhadores do sexo. Portanto, pretende manter-se inserido em atividades relacionadas ao mercado do sexo remunerado mesmo após deixar de comercializar seus serviços sexuais.

A curto prazo, conforme relatei anteriormente, Vicente (28 anos) entende a necessidade de conseguir um trabalho de fachada capaz de justificar aos seus familiares a origem do dinheiro que leva para casa. Pois, para ele:

Pretendo fazer qualquer coisa que eu possa lavar o meu dinheiro. É mais por questão familiar mesmo. Porque, tipo, eu sou barbeiro, eu sou vigilante também. Já tenho até o curso de comissário de voou. Então eu tenho ‘n’ coisas. [...] Então, porque quando a gente não é assumido pra família a gente... porque perguntam: ‘Nossa, sem trabalhar, mas você tá saindo?’. Você nem sai, nem pode sair. ‘Você tá sem trabalhar, mas tá viajando? Como tu vai viajar sem trabalhar?’. Começa assim. Querendo ou não começa a vir as mentiras, tem uma coisa que eu odeio é a tal da mentira. [...] Mas, também, eu quero fazer uma coisa, assim, desde que não me prejudique, me lesione na prostituição. Porque a prostituição pra mim é o primordial. Pra mim é o mais importante. É o que eu coloco na frente de tudo. Até mesmo de relacionamentos, até mesmo das questões pessoal de exploração. Pra mim na frente é a prostituição. Pra mim depois vem o afeto. (Grifo meu)

O relato do interlocutor torna-se representativo ao compreender a importância e o local que o trabalho sexual ocupa na sua vida. Enquanto Enzo Boy (24 anos) pensa que sua permanência nessa atividade inviabilizaria outros projetos, como o de estabelecer um relacionamento ou até mesmo constituir família, Vicente (28 anos), por sua vez, se necessário, pensa abdicar desses projetos em detrimento da concretização do sonho de estabelecer e consolidar a carreira de trabalhador do sexo no mercado local.

Por outro lado, uma concepção mais crítica sobre esse segmento da economia foi apresentada por Anthony (33 anos). A noção de empreender a partir do seu próprio esforço só foi possível através do trabalho sexual. Ou seja,

Eu já tinha trabalhado antes mais era tudo meio teoria X, sabe? Vai para o trabalho, tem o emprego certo. Mas nesse formato de empreendedor, de precarização do trabalho, de fazer o próprio preço, empreendedorismo; se eu precisasse valorizar o meu trabalho antes da prostituição eu não saberia valorizar. Foi onde eu aprendi a cobrar, a ganhar dinheiro. Não é tanto assim. Não estou fazendo escala, nem nada. Foi quando eu consegui pagar as minhas próprias contas com a minha renda.

O que fora demonstrado até aqui é como o trabalho sexual exercido por homens nem sempre necessita ser compreendido como complementação de renda ou bico. Ou que frente às necessidades pessoais e vulnerabilidades sociais e econômicas figuraram como responsáveis primeiras pela iniciação dos trabalhadores do sexo, ainda que de modo precarizado e informal, nesse segmento da economia. No caso dos meus interlocutores, o trabalho sexual pode representar em suas vidas a possibilidade de alcançar sonhos, concretizar projetos e experienciar vivências que em outras atividades econômicas seria mais difícil.

Além disso, o trabalho sexual para esses sujeitos os ajuda a estabelece projetos de ascensão socioeconômica de médio e longo prazo através dos rendimentos alcançados com a comercialização dos serviços sexuais. Portanto, ainda que muitos não concretizem tais sonhos, vislumbram a possibilidade de empreender e pensar investimentos capazes de representar certa segurança econômica, como em qualquer outra profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento da globalização capitalista, com o acesso e popularização das tecnologias, internet e redes sociais, fez ampliar os locais e os tipos de serviços oferecidos pelos trabalhadores do sexo. Modificou o modo de exercer o trabalho sexual e as relações com os seus clientes. Portanto, ainda que eu reconheça as conclusões inconclusas, diante da dinamicidade que rodeia as relações sociais e, por consequência, o próprio campo da pesquisa, apresento aqui algumas considerações sobre as múltiplas possibilidades analíticas e reflexivas do trabalho sexual de homens. O contexto da pesquisa, Campo Grande, uma capital que não figura entre os grandes centros urbanos do Brasil, guarda particularidades nos modos de exercício do trabalho sexual de homens.

Portanto, os capítulos dessa dissertação objetivaram delinear sobre o funcionamento e a funcionalidade dos classificados e aplicativos de relacionamento on-line, bem como, o modo de produção e divulgação dos anúncios publicados pelos trabalhadores do sexo. Estabelece-se uma nova relação entre corpo, erotismo e tecnologia enquanto propulsoras de prazeres/força orgástica (Preciado, 2018). Busquei compreender as aproximações, diferenças e distanciamentos entre os classificados pesquisados no que tange ao número de anúncios, narrativa textual e intersecções entre alguns marcadores sociais da diferença.

Dei ênfase, a partir das narrativas textuais, fotos e vídeos publicados pelos interlocutores, às principais estratégias de “venda” dos corpos e convencimento dos clientes. Evidenciei como os marcadores sociais da diferença produzem conexões e sedução múltiplas. Portanto, estabelecem formas e aproximações de negociar os desejos, fantasias, virilidade e prazer (Barreto, 2017). Com isso, os trabalhadores do sexo utilizam de técnicas de exploração do corpo, segundo ângulos que despertem o interesse de novos clientes, ao produzir fantasias e desejos. Há, também, o que Silva (2017) denominou de “virtualização do desejo e das relações sexuais” no mercado de bens simbólicos.

Busquei demonstrar como, cada vez mais, os trabalhadores do sexo têm rompido com a imagem comumente construída e associada a uma heterossexualidade quase que inegociável (Perlongher, 1984). Identifiquei inúmeros anúncios de trabalhadores do sexo que relativizam e negociam suas performances na cama, se colocam como *versátil completo e sem frescura*. Seja penetrando ou sendo penetrado, aqui, toques, beijos e carinhos passam cada vez mais a fazer parte do pacote que se negocia. Sem que com isso o trabalhador do sexo adquira uma posição menos valorizada entre os demais trabalhadores do sexo ou perante os próprios clientes nos mercados locais do sexo. Ressalto que essas percepções apresentadas pelos meus interlocutores

são constatadas entre os mais de cento e cinquenta anúncios catalogados. Possivelmente essa realidade está associada a um processo de profissionalização cada vez maior da atividade.

Fantasiais sexuais são acionadas a partir da produção de imagens que associam esportes, papéis sociais ligados a determinadas profissões, identidades regionais, entre outros. Um verdadeiro processo de “sexotização” (Alaman, Passamani, 2012) dos sujeitos e dos seus corpos em suas performatividades. Ou seja, um processo contínuo de sexualização e exotização, muitas vezes, idealizada pelo cliente de um outro que o motiva e que ele deseja consumir.

Foi recorrente na pesquisa o quanto para os interlocutores e para o público consumidor o tamanho do pênis, o corpo “bem cuidado” e a juventude são representações construídas e perseguidas nos mercados do sexo. Sendo essas, ainda, características bem valorizadas (Lourdes dos Santos, 2013; Lima, 2017). Por outro lado, diferente do que comumente se observou em outros mercados, certas nuances fazem dos mercados locais do sexo serem constituídos por homens dispostos a estabelecer relações e desempenharem diferentes performances em uma negociação constante com o imaginário dos clientes.

Outro ponto, ainda que presente em outras pesquisas (Perlongher, 1987; Braga, 2013; Barreto, 2017, entre outras) e que perpassa o imaginário no qual associa o negro à virilidade, masculinidade, potência sexual e pênis avantajado; foram identificados poucos perfis de trabalhadores que, nos seus anúncios, se dizem pretos ou que utilizam desse marcador de cor/raça para se promover nos mercados locais do sexo. Sem contar a inexistência de trabalhadores do sexo que se dizem indígenas.

Ademias, o período em campo representou um dos maiores desafios para estabelecer contatos mais duradouros e recíprocos. Nem sempre, por mais desafiador que seja, estavam abertos a falar das suas experiências a um “forasteiro” que chegava e se apresentava como pesquisador. Ainda mais quando consideramos o caráter “clandestino” da profissão (Perlongher, 1987), em que não ser e/ou não ter suas identidades e segredos “revelados” faz parte do próprio negócio. Sem contar, ainda, que o grande fluxo de trabalhadores e anúncios (des)ativados representou um desafio a mais para a produção, sistematização e análise dos dados.

Como disse antes, me propus pensar o mercado do sexo no contexto de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Cidade que representou mais que um campo de possibilidades. Aqui, conforme as perspectivas compartilhadas pelos meus interlocutores, conjuga-se mais que um território, *locus* em que o trabalho sexual possa ser exercido e estabelecido. Na cidade identifiquei circulações, trânsitos e mobilidades de trabalhadores do sexo a partir daqui para outras regiões e cidades do Brasil. O fluxo era de mão dupla e, portanto,

o caminho inverso também foi observado. Fluxo de um trânsito contínuo. Basta observarmos o número de anúncios on-line e a quantidade de trabalhadores que passaram ou deixaram de vincular seus anúncios.

Ainda que eu não tenha conseguido estabelecer contato com muitos trabalhadores que chegavam à capital, segundo os meus interlocutores, as mobilidades e trânsitos entre os diversos mercados do sexo, a fim de realizar temporadas, estariam ligados a um possível desgaste que a imagem do trabalhador pudesse vir a sofrer. Ou seja, caso atue durante muito tempo num único mercado, torna-se conhecido e os clientes podem perder o interesse de contratá-lo. A novidade também representa “a alma do negócio”.

Além disso, atuar em outros mercados pode agregar prestígio e valor a sua imagem. As cidades que mais recebem esse fluxo de sujeitos continuam sendo aquelas localizadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, como Curitiba (PR), Florianópolis (SC), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Possivelmente estão mais associadas a uma questão de ordem socioeconômica, concentração de pessoas e potencial turístico. Sem contar que outras alternativas surgem, como realização de viagens curtas para cidades dentro do próprio estado. Essa estratégia tem representado retornos financeiros até mais vantajosos do que os obtidos na capital.

Minha intenção aqui, também, foi mostrar os caminhos que levaram meus interlocutores a exercer essa atividade e qual a representatividade que ela tem ocupado nas suas vidas. Ainda que para alguns ela alcance certa centralidade, afirmam encontrar dificuldade de exercê-la. O trabalho sexual sofre e continua a ser condenado moral e socialmente. Ainda assim, parte deles entende essa atividade como profissão, como trabalho. Sendo esse o caminho para a concretização de projetos (Velho, 1994) a curto, médio e/ou longo prazo. Seja dentro ou até mesmo fora do mercado do sexo. Entretanto, a pouca valorização dessa atividade como trabalho, atrelada ao baixo valor recebido pelos serviços negociados, sem contar outras dinâmicas que se apresentam, faz com que novas perspectivas se estabeleçam e esses sujeitos venham a abandonar o exercício do trabalho sexual.

Diante da quase inexistência de trabalhadores do sexo a exercer a atividade nas ruas, percebi como a dimensão on-line representa um elo fundamental para (re)aquecer as economias sexuais em contextos mais conectados e digitais. Esse “novo” modo de fazer trabalho sexual tem representado, ainda que não único, uma das principais formas de (re)estabelecer nos mercados do sexo e garantir maior retorno financeiro.

Contudo, aplicativos de relacionamento on-line, como o *Grindr*, *Scruff* e *Hornet*, representaram poucos perfis encontrados. Isso se deu, possivelmente, por ser esse um meio onde é possível obter flertes e relações afetivas e sexuais descompromissadas e não

remuneradas (Braga, 2013; Miskolci, 2014, 2017; Paranhos, 2019), além de não ser permitido pelas plataformas a vinculação de anúncios de prestação de serviços sexuais. Ao mesmo tempo, os trabalhadores do sexo que conseguem burlar as proibições e utilizam esses meios, me relataram que essa representa uma alternativa a mais para ampliar seus ganhos financeiros. Ainda assim, os demais usuários dessas plataformas dificultam a atuação desses trabalhadores, ao denunciar seus perfis, tendo em vista que esses podem tornar a concorrência por novos parceiros mais acirrada. É possível, também, que os próprios trabalhadores do sexo cedam aos flertes de algum usuário que não esteja disposto a pagar, mas que desperta seu desejo.

Para concluir, ainda que desafiador, entendo ser esse, para o contexto de Campo Grande (MS), um segmento em constante desenvolvimento e expansão. Diante das dinâmicas próprias desse mercado, que se apresenta em recorrente profusão, acredito que para os homens trabalhadores do sexo a capital sul-mato-grossense conjuga possibilidades e experiências múltiplas. Assim, novas pesquisas, com outros métodos e outros olhares, tecerão diferentes contribuições e reflexões sobre mercados do sexo, economias sexuais, trabalhadores do sexo e suas articulações com contextos mais amplos da vida social.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Vinício Brígido Santiago. **Entre o marginal e o laboral**: o trabalho de garotos de programa da cidade de Fortaleza. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2014.
- ALAMAN, Jônatas Stritar.; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Marcas da ‘brasilidade’: negociações em torno de gênero, sexualidade e cor em Portugal. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**. Rio de Janeiro, n. 37, p. 1-27, 2021.
- ALAMAN, Jônatas Stritar.; PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da. *Escorts* brasileiros em um site português acompanhantes: estratégias, tensionamentos e relações de poder. **Etnográfica**, Lisboa, v. 26, n. 3, p. 735-758, 2022.
- ALCÂNTARA, Jean Moreira. **Territórios invisíveis**: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Manaus, 2009.
- ALMEIDA, Sérgio Alves. **Michê**. 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1984.
- ALVES, Alan de Loiola. Homens que se prostituem e as diferentes identidades. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: OLHARES DIVERSOS SOBRE A DIFERENÇA, 3, 2011, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: 2011. P. 1-10. Disponível em: < <https://www.itaporanga.net/genero/3/03/05.pdf> > Acesso em: 11 de abril de 2021.
- AMARAL, Adriana.; NATAL, Geórgia.; Viana, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, n. 20, p. 34-40, 2008.
- ANTÔNIO DOS SANTOS, Manoel. Prostituição masculina e vulnerabilidades às DSTS/AIDS. **Textos & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, n. 20, p. 76-84, 2011.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada.; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, n 29, p. 246-270, 2013.
- BARP, Luiz Fernando Greiner; MITJAVILA, Myriam Raquel. O reaparecimento da homossexualidade masculina nas estratégias de prevenção da infecção por HIV: reflexões sobre a implementação da PrEP no Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 01-20, 2020.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. **“Vamos fazer uma sacanagem gostosa?”**: Uma etnografia do desejo e das práticas da prostituição masculina carioca. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Niterói, 2012.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Os novos territórios da prostituição masculina. In: OLIVEIRA, Thiago. (Org.). **Homens no Mercado do Sexo**: reflexões sobre agentes, espaços e políticas. Salvador: Editora Devires, 2019, p. 77-104.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Vamos fazer uma sacanagem gostosa?** Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: EdUFF, 2017.

BASSETTI, Telma Bittencourt.; PEIXOTO, Roberta. O consumo do sexo em Copacabana/RJ e a conformação de suas territorialidades: embates e resistências. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, Vitória, v. 16, n. 2, p. 9-28, 2015.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRAGA, Gibran Teixeira. "**Não Sou nem Curto**": Prazer e Conflito no Universo do Homoerotismo Virtual. 2013. 91 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2013.

BRAGA, Gibran Teixeira. "Não estou cobrando o que eu não posso dar": masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 225-261, 2015.

BRAGA, Sandro. Efeitos de discurso sobre a nudez com nome próprio: inflexões do masculino na Revista G Magazine. **Working Papers em Linguística**, Trindade, n. 4, p. 156-171, 2002.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **À meia-luz...** uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. 2010. 374 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, 2010.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: BENITEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Orgs.). **Prazeres dissidentes**: Garamond, Rio de Janeiro, 2009.

BURBULHAN, Burbulhan. **A experiência michê**: um estudo fenomenológico. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras de Ribeirão Preto, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Ribeirão Preto, 2014.

BURBULHAN, Fernanda. **A experiência michê**: um estudo fenomenológico. 2014. 194 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Ribeirão Preto, 2014.

CAMARGO, Wagner Xavier. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 61-75, 2014.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição: corpo como mercadoria. **Mente&Cérebro**, São Paulo, p. 55-63, 2008.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 21, p. 241-282, 2013.

DELUCA, Gabriela.; OLIVEIRA, Sidnei Rocha de.; CHIESA, Carolina Dalla. Projeto e Metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. **Projeto e Metamorfose**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 458-476, 2016.

DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira. **Nas Redes do Sexo**: Os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DUQUE, Tiago. Corpo de fala e pesquisa.: autorreflexões sobre identidade e diferença. In: NOGUEIRA, Gilmaro. (Org.). **Lugar de fala**: conexões, apropriações e diferenças. Salvador: Editora Devires, 2020, p. 71-77.

ERDMANN, Regina Maria. **Reis e rainhas no desterro**: um estudo de caso. 1981. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Florianópolis, 1981.

FABREGÁS-MARTINÉZ, Ana Isabel. **Interfaces**: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva. (Org.). BARBOSA, Regina Maria Et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.

FERRAZ, Cláudia Pereira.; ALVES, André Porto. Da etnografia virtual à etnografia online: deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 41., 2017, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2017. 1-25.

FERREIRA, Daniel Rogers de Souza. **Prazer com segurança?** as relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza. 2011. 108 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Fortaleza, 2011.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 395-403, 2013.

GREGORI, Maria Filomena. Risco e êxtase nas práticas eróticas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 47, p. 1-20, 2016.

HAMANN, Cristiano.; PIZZINATO, Adolfo.; ROCHA, K Kátia BONES. Dimensões geosimbólicas do sexo tarifado entre homens: provenientes de uma etnografia urbana. **Psicologia Social**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 466-477, 2018.

KERRY DOS SANTOS, Daniel. **Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações**. 2016. 372 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2016.

KOFES, Suely. Narrativa biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser?. In: Maria Suely Kofes; Daniela Manica. (Org.). **Vida & grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia**. 1ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, v. 1, p. 20-39.

LEITAO, Débora Krischke.; GOMES, Laura Graziela. Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 171-186, 2018.

LIMA, João Paulo Cavalcante. **Uma etnografia sobre o trabalho sexual masculino na cidade de São Paulo**. 2017. 270 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2017.

LIMA, Wagner de Oliveira. **Desejos à Deriva: Os michês e a construção de masculinidades no Centro de João Pessoa/PB**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, João Pessoa, 2006.

LOURDES DOS SANTOS, Maria. **Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza**. 2013. 192 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2013.

MAROUN, Kalyla.; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014.

MONTECIO, Gabriela Alencar.; ROSA, Marcelo Victor da. Aqui reina o respeito, mas...: as dimensões pedagógicas do aplicativo Grindr em Campo Grande MS. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 27, p. 141-164, 2022.

na ABEP, 1984. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1984/T84V01A25.pdf>> Acesso em: 24 de janeiro de 2022.

OLIVAR, José Miguel Nieto. Prostituição feminina e direitos sexuais...diálogos possíveis?. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 88-121, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 3. Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PARANHOS, Marco Antônio Vieira de Oliveira. **De olho no boy**: identidades, consumo e afetividade em aplicativos de relacionamento. 2019. 243 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cachoeira, 2019.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. **Batalha de Confete no “Mar de Xarayés”**: condutas homossexuais, envelhecimento e regimes de visibilidade. 2015. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, 2015.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. Um diálogo entre os estudos urbanos e o trabalho sexual de homens brasileiros em Lisboa, Portugal. **Revista Ñanduty**, Dourados, v. 10, p. 53-73, 2022.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da.; ALAMAN, Jônatas Stritar. *Escorts* brasileiros em Lisboa: trânsitos, desejos e negociações nas economias sexuais em contextos transnacionais. **Análise Social**, Lisboa, p. 256-279, 2022.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da.; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Prostituição masculina e intersecções desejantes nas ruas de Campo Grande (MS). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 35, n. 103, p. 1-15, 2020a.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da.; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Sutilizas e “escadas da moralidade” nas saunas de Campo Grande-MS. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, p. 1-13, 2020b.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues.; ROSA, Marcelo Victor da.; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Prostituição masculina no Brasil: o panorama da produção teórica. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 62, n. 2, p. 432-458, 2019.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, 2014.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo, Annablume, 2009.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. Amor e comércio na prostituição viril. Trabalho apresentado

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O negócio do miche**: prostituição viril em São Paulo. 338 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Campinas, 1987.

PISCITELLI, Adriana Gracia. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

PISCITELLI, Adriana Gracia. Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 159-199, 2014.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.25, p. 7-23, 2005.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas: novas questões conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.47, p. 1-31, 2016.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Pornotopia**: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia. São Paulo: N-1 Edições, 2020

PRECIADO, Paul Beatriz. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: M-1 Edições, 2018.

RADDE, Augusto. **Entre prazer e necessidade, o discurso do corpo na prostituição masculina**. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

RIBEIRO, Alan Pereira. **A criminalização da LGBTfobia enquanto estratégia de política-criminal no Brasil**. 94 f. Trabalho de Conclusão de Graduação (Bacharelado em Direito) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Naviraí, 2019.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Dinâmica, espacialidade e relações homocomerciais: o exemplo das saunas de boys na urbe carioca. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 213-234, 2015.

SALDANHA, Rafael Araújo. **Classificados e o sexo**: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005). 2010. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010.

SANTOS, Elcio Nogueira dos. **Amores, Vapores e Dinheiro** – masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA JÚNIOR, Geraldo Pereira da. **O negócio do “Prazer Remunerado” nos discursos de garotos que fazem programa**. 2012. 233 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2012.

SILVA SANTOS, Renato Caio. **Segredos de corpos nus**: masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo. Salvador: Devires, 2021.

SILVA, Allyson Darlan Moreira da. **Janela indiscreta**: um estudo sobre sexo virtual, desejo e consumo no site câmara privê . 2017. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SILVA, Ana Paula da.; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Amor um real por minuto: A prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In: CORREA, S; PARKER, R. (Org.). **Sexualidade e política na América Latina: Histórias, intersecções, paradoxos**. Rio de Janeiro, Sexual Policies Watch, 2011, p.192-233.

SILVA, Ana Paula da.; BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. Por amor, por dinheiro? Trabalho (re)produtivo, trabalho sexual e a transformação da mão de obra feminina. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 50, p. 1-35, 2017.

SILVA, Clara Cavalcante da. **O Negócio do “Prazer Remunerado” nos Discursos de Garotos Que Fazem Programa**. 235 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Pós-Graduação em Saúde Pública, São Paulo, 2012.

SOARES, Samara Sousa Diniz.; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 32, p. 1-11, 2021.

SOARES, Samara Souza Diniz.; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 32, p. 1-11, 2021.

SOUZA NETO, Eptácio Nunes de. **Entre boys e frangos: uma análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife**. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2009.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão?. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., Salvador, 2011. **Anais...** Salvador: UFBA, 2011.

VEGA, Alexandre Paulino. **Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução das diferenças entre jovens em São Paulo**. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2008.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

VIANA, Normando José Queiroz. **“É TUDO PSICOLÓGICO! DINHEIRO... PRUUU! FICA LOGO DURO!”: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife**”. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2010.

VIANA, Normando José Queiroz. Caminhos e descaminhos da prostituição viril. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 20, n. 2, p. 289-304, 2004.

WEITZER, Ronald. **Sex for sale: Prostitution, pornography and the sex industry**. New York: Routledge, 2000.

WELINGTON DE JESUS, José. **Entre ruas e redes**: transformações e significados da prostituição masculina em Aracaju-SE. 2021; 122f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, São Cristovão, 2021.

ZAGO, Luiz Felipe. **Os meninos**: corpo, gênero e sexualidade em e através de um *site* de relacionamentos. 2013. 332 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013.